

VOLUME 27 | NÚMERO 66 | DEZEMBRO 2016

mais60

ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO



ARTIGO

Velhice: entre destino e história

ENTREVISTA

Dorothy Lenner
Bailarina

PAINEL DE EXPERIÊNCIAS

Cá entre nós – encontro entre unidades, uma experiência de protagonismo da pessoa idosa no Sesc São Paulo



Sesc São Paulo

Av. Álvaro Ramos, 991
03331-000 São Paulo - SP
TEL.: +55 11 2607-8000
sescsp.org.br

mais60

ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO

VOLUME
27

NÚMERO
66

DEZEMBRO
2016

ISSN
2358-6362

Produção técnica editada pelo
Sesc – Serviço Social do Comércio

SESC - SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL

Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL

Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES

Técnico-Social Joel Naimayer Padula

Comunicação Social Ivan Giannini

Administração Luiz Deoclécio

Massaro Galina Assessoria Técnica e de Planejamento Sérgio José Battistelli

GERENTES

Estudos e Programas Sociais Cristina Riscalla Madi

Adjunta Cristiane Ferrari *Artes Gráficas* Hélcio

Magalhães Adjunta Karina Musumeci

COMISSÃO EDITORIAL

Celina Dias Azevedo (*coordenação*), Ana Lucia Garbin, Cristina Fongaro Peres, Danilo Cymrot, Denise Collus, Elizabeth Aparecida Guaraldo Brasileiro, Fernando Marineli, Flavia Rejane Prando, Gabriela da Silva Neves, Jair de Souza Moreira Júnior, Kelly Cecília Teixeira, Lucy Franco, Maria Augusta Maia de Araújo Damiaty, Maria Emília Carminetti, Maria Ivani Rezende de Brito Gama, Mariana Barbosa Meirelies Ruocco, Marina Herrero, Maria José Leandro Tavares, Neide Alessandra Périgo Nascimento, Regiane Cristina Galante, Ricardo Silvestre Micheli, Rosana Abrunhosa, Sandra Carla Sarde Mirabelli, Sandra Regina Feltran, Sílvia Eri Hirao, Virginia Baglini Chiavalloti.

Editoração Denis Tchepelentyky e Lourdes Teixeira Benedan

Produção Digital Ana Paula Fraay e Marilu Donadelli

Fotografias Capa e pág. 8, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130 e 131: João Farkas; pág. 20, e 68: Gustavo Boemer; pág. 46: Paulo Preto; pág. 85: Marcelo Asth; pág. 97: Jr. Panela; pág. 115, 116, 119 e 122: Matheus José Maria; pág. 133 e 134: Aduino Perin.

Revisão Marco Storani

Projeto Gráfico Marcio Freitas e Renato Essenfelder

Artigos para publicação podem ser enviados para avaliação da comissão editorial, no seguinte endereço:

revistamais60@sescsp.org.br

Mais 60: estudos sobre envelhecimento / Edição do Serviço Social do Comércio.

– São Paulo: Sesc São Paulo, v. 27, n. 66, dezembro. 2016 –.

Quadrimestral.

ISSN 2358-6362

Continuação de A Terceira Idade: Estudos sobre Envelhecimento, Ano 1, n. 1, set. 1988-2014. ISSN 1676-0336.

1. Gerontologia. 2. Terceira idade. 3. Idosos. 4. Envelhecimento. 4. Periódico. I. Título. II. Subtítulo. III. Serviço Social do Comércio. CDD 362.604

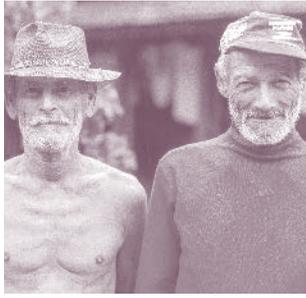
Nota

As opiniões e afirmações contidas em artigos e entrevista publicadas na **mais60** são de responsabilidade de seus autores.

Errata

Na edição 65 - Artigo da Capa - pag. 12, 12º linha no poema de Mário Quintana, onde se lê "Como pude **ficar** assim?" leia-se "Como pude **ficarmos** assim?"

O jogo linguístico se perdeu no nosso erro, o poeta transformando-se no seu próprio pai.



CAPA

João Farkas

Nasceu em 1955, em São Paulo, Brasil. Graduou-se em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Sua formação como fotógrafo deu-se no ICP - International Center of Photography e na School of Visual Arts, em Nova York.

SUMÁRIO

- 1** PÁGINAS DE 8 A 19
Destaque da edição
Velhice: entre destino e história
por Denise Bernuzzi de Sant'Anna
- 2** PÁGINAS DE 20 A 45
Considerações sobre a Clínica Psicanalítica do Envelhecimento no SUS: o CRI-Norte
por Fernando Genaro Junior
- 3** PÁGINAS DE 46 A 67
Experiências com atividades gerontagógicas
por Deuzimar Costa Serra
- 4** PÁGINAS DE 68 A 83
A psicologia das derradeiras fases da vida
por José Carlos Ferrigno
- 5** PÁGINAS DE 84 A 95
Lata 65 e Projeto Performanciã: arte contemporânea para a terceira idade na Semana Internacional do Idoso
por Marcelo Azevedo Asth
- 6** PÁGINAS DE 96 A 113
Avaliação físico-funcional e social com idosos no Sesc: um projeto integrado entre as áreas de assistência e esportes
por Maria Clotilde B. N. Maia de Carvalho, Rosimeiri Martins Gil, Ingrid Rochelle Rego Nogueira, Larissa Shelly de Souza Sebastião, Conceição Rocha Damascena, Iuli Pereira Masson e Neide Alessandra Périgo Nascimento
- e** PÁGINAS DE 114 A 123
ENTREVISTA: Dorothy Lenner
- f** PÁGINAS DE 124 A 131
FOTOGRAFIA: João Farkas
- p** PÁGINAS DE 132 A 135
PAINEL DE EXPERIÊNCIA: Cá entre nós - encontro entre unidades, uma experiência de protagonismo da pessoa idosa no Sesc São Paulo
por Sandra Regina Feltran e Ricardo Silvestre
- r** PÁGINAS DE 136 A 139
RESENHA: Memória e esquecimento. Uma velhice em favor da vida
por Silvana Tótora



O dever de envelhecer bem!

Danilo Santos de Miranda

Diretor Regional do Sesc São Paulo



Nas últimas décadas, constata-se que o aumento da expectativa de vida provocou um crescimento na população de idosos no mundo. Tais mudanças demográficas provocam profundas transformações sociais e interferem diretamente na execução de políticas públicas, assim, estudos sobre o tema multiplicam-se e, conseqüentemente, propostas e modelos para um “bom envelhecer”.

Entretanto, ao examinar o que se produz sobre o tema, um primeiro olhar nos deixa a impressão de uma oscilação entre dois polos: se, por um lado, procura-se reforçar o envelhecimento como lugar de perdas e fragilidades, que exige tratamentos constantes, no

outro extremo estabelece-se a “melhor idade” como sinônimo de um tempo de alegria plena pintando os idosos - esquecendo-se das particularidades - como sábios, equilibrados, receptivos e felizes.

Diante desse cenário, diariamente somos confrontados com produtos, terapias e saberes voltados para o “bom envelhecer” e receitas prontas para uma velhice saudável e feliz, que misturam referências tal qual mercadorias que podem ser escolhidas em uma vitrine.

Deterministas, tais modelos ainda apontam acusadoramente para aqueles que não os seguem, resultando na culpabilização dos indivíduos. Àqueles que não optaram por boas escolhas, resta toda sorte de infelicidades na velhice.

Mas, afinal o que vem a ser a “boa velhice” ou o “envelhecer bem”? Por que o termo “velho” ainda encontra resistências nos discursos e se cria uma série de eufemismos com objetivo de afastar o “lado sombrio” da velhice?

Promover ações e reflexões que propiciem debates sobre o que significa envelhecer, ser velho e, principalmente, viver como velho faz-se necessário e urgente. Refletir sobre envelhecimento e longevidade faz parte das diretrizes do Programa Trabalho Social com Idosos, do Sesc São Paulo, com intuito de manter diálogo contínuo com seu público prioritário, mas também convidando para essa interlocução outras faixas etárias, com o objetivo de estimular as discussões sobre a velhice e o processo de envelhecimento. ☺



*Artigo
da capa*

Velhice: entre destino e história

[Artigo 1, páginas de 8 a 19]





**Denise Bernuzzi
de Sant'Anna**

*Professora livre-docente
de História da Pontifícia
Universidade Católica de
São Paulo.*

dbsat@uol.com.br



RESUMO

Este artigo procura mostrar que, ao longo do tempo, a velhice vem sofrendo modificações em diversos aspectos. O que se entende por velhice varia de acordo com épocas e culturas. Mas, no geral, ao lado das possíveis qualidades, surgem logo os problemas, ou seja, a ideia das perdas permanece forte, pois a lista dessas perdas é grande e variada. Porém, na época contemporânea, as idades e o envelhecimento passaram a definir e classificar as pessoas: a invenção da terceira idade e a emergência da gerontologia mostram quanto o envelhecimento se transformou em tema social e político de grande relevância. E chegamos, assim, ao dever de envelhecer bem! Parece que “envelhecer bem” migrou do terreno das expectativas para o dos deveres incontestáveis. Certos autores falam inclusive na “tirania do envelhecer bem”, o que traz à velhice a experiência de uma nova angústia. Entretanto é possível conceber o envelhecimento como um acontecimento marcado por fatos que parecem cumprir um destino comum a todos os seres vivos, mas, ao mesmo tempo, aberto ao conhecimento de novas experiências. Há então duas possibilidades: envelhecer bem pode ser uma ordem, um dever, mas pode também ser uma conquista merecida, após os esforços ao longo da vida na luta pela sobrevivência.

Palavras-chave: perdas; envelhecer bem; alegria de viver; qualidade de vida; corpo velho.

ABSTRACT

This article aims at showing that, as time goes by, the aging process has been going through changes in many aspects. What is understood by getting old changes according to the periods of time and cultures. But, in general, beside the possible qualities, soon after come the problems, that is, the losses idea remains strong, since the list of these losses is long and diversified. Although, in the contemporary era, the ages and the aging process start defining and classifying people: the invention of the third age and the gerontology emergency show how much getting old has become a social and political relevant subject. And then we get to the duty of aging in a healthy way! It seems that “getting old healthfully” has gone from the expectation level to the undeniable obligation one. Some authors mention, by the way, the “getting old healthfully tyranny”, which brings to the old age the experience of a new misery. However it is possible to conceive the aging process as a happening marked by facts that seem to fulfill a common destiny of all living beings, but, at the same time, open to the discovery of new experiences. There are, then, two possibilities: getting old can be an order, a must, but it can also be a reward, after the efforts of a lifetime struggling for survival.

Keywords: losses; getting old healthfully; joy of living; life quality; old body.

INTRODUÇÃO

Velhice é uma palavra pouco utilizada pelos meios de comunicação de massa da atualidade. Em seu lugar, usa-se com maior assiduidade a expressão “terceira idade”, ou o otimista atributo de “melhor idade”. Da mesma maneira, em vez de “velho”, prefere-se dizer “idoso”.

Tais mudanças no vocabulário não resultam simplesmente de modismos ou de uma evolução limitada à linguagem. Elas exprimem transformações sociais bastante amplas, ocorridas ao longo das últimas décadas e que influíram diretamente nas maneiras de conceber e de lidar com os velhos ou idosos.

Assim, por exemplo, antes de meados do século XX, quando “velhice” era um termo relativamente comum em revistas e jornais brasileiros, dizia-se que vários problemas da velhice podiam ser amenizados com o uso de xaropes, licores, entre diferentes medicamentos destinados à recuperação das forças físicas. Era comum chamar alguém com 30 anos de “pessoa madura”, tanto quanto era usual designar aqueles que haviam passado dos 40 de “gente velha”. As cirurgias estéticas eram raras e as mulheres que recorriam a tais procedimentos tendiam a ser consideradas excessivamente vaidosas e moralmente suspeitas. A menopausa feminina era considerada o fim da vida sexual das mulheres. A expectativa de vida estava longe de ser a mesma vigente em nossos dias, assim como eram diferentes as possibilidades científicas e tecnológicas para melhorar a saúde e obter alguma jovialidade.

A partir de 1950, a sociedade brasileira tornou-se mais urbana que rural, ao passo que, nas grandes cidades, a família nuclear iniciou uma rotina dependente de automóveis e eletrodomésticos, além de roupas, remédios e alimentos industrializados. Progressivamente, um crescente mercado voltado a produtos para a saúde e o rejuvenescimento ganhou força mundial e sua publicidade não cessou de difundir a ideia de que era possível melhorar sempre um pouco mais o desempenho físico de todos os jovens e idosos. Em 1945, conforme a Organização Mundial da Saúde definiu, saúde devia ser entendida também como sendo sinônimo de bem-estar. E este deveria fazer parte de todas as idades da vida.

Mas, desde os anos de 1980, quando a expectativa de vida dos brasileiros estava em torno dos 62 anos, o termo “velhice” deixou de ser comum na mídia. Foi quando, em vários países, surgiram campanhas em prol do aumento da consciência dos direitos dos idosos, da necessidade de reconhecê-los e cuidar de seus problemas,

atendendo as suas carências. Em 2003, depois de alguns anos de tramitação no Congresso Nacional, o Estatuto do Idoso, referente às pessoas acima de 60 anos, foi finalmente aprovado no Brasil. Desde então, as atividades de lazer, turismo e cultura para a terceira idade ganharam uma visibilidade inédita no país, contribuindo para mudar antigos significados do envelhecimento e da velhice.

Contudo, nada mais arriscado que concluir que após essa história repleta de avanços sociais, rapidamente mencionada acima, teríamos alcançado, enfim, uma tranquila aceitabilidade da velhice, seja ela própria ou alheia. O texto a seguir tenta mostrar que, tanto no passado quanto no presente, prevalece uma ambivalência típica de quem pensa sobre a vida dos velhos e de quem busca compreender a velhice: essa fase da vida, que pode ser longa ou curta, assemelha-se a uma multiplicidade de perdas das capacidades outrora firmes e fortes, mas também é nela que se espera encontrar uma serenidade e um entendimento do mundo, difíceis de serem reconhecidos durante a juventude.

PRIMEIRAS EVIDÊNCIAS

Há antes de tudo uma evidência incontornável quando se fala em velhice: ela termina com a morte e faz parte da vida. Mas essa evidência não esgota o sentido do envelhecimento, nem revela a sua conturbada história. Primeiro porque os contornos do que se entende por velhice flutuam de acordo com as épocas e as culturas. Dependem da expectativa de vida de cada grupo social, vinculam-se ao que se entende por juventude e idade adulta, podendo ser modificados pela moralidade familiar e de acordo com as crenças religiosas. Em segundo lugar, o entendimento da velhice parece oscilar entre duas dimensões: uma que a transforma em sinônimo de uma sucessão de perdas, como se ela fosse necessariamente uma espécie de decrepitude sem volta; outra que a aproxima de uma vida propícia à meditação, à contemplação e ao equilíbrio.

Esta complexidade do tema acompanha ainda hoje as definições e os estudos sobre a velhice. Por exemplo, dos atuais centenários japoneses aos brasileiros que conseguem ultrapassar os 80 anos, há quem ressalte as vantagens da “melhor idade” tanto quanto as dificuldades para reconhecer algum benefício ou vantagem na experiência de envelhecer. Por isso, ao lado das possíveis qualidades, surgem logo os problemas. Ou seja, a ideia das perdas permanece forte e várias vezes ela tende a se sobrepor a quaisquer pontos positivos esperados daquele período há muito considerado similar ao inverno da existência.



“Velhice” é, pois, um termo tão vincado na biologia quanto nas sensibilidades morais de cada cultura.

Para complicar ainda mais a complexidade da velhice, seu aspecto negativo desdobra-se em um leque variado de males: há muito se admite, por exemplo, que homens e mulheres “com mais de uma certa idade” sintem a fraqueza das próprias forças físicas, juntamente com carências interpretadas como sendo “falências” do corpo, para as quais a cosmética e a Medicina não cessam de oferecer seus produtos. Esses problemas vão desde o branquear dos cabelos, o acúmulo de rugas e da flacidez do rosto até o surgimento de uma lentidão indesejável dos reflexos, uma redução da massa muscular, da acuidade visual e auditiva, além da gravidade das doenças que se sucedem. A lista das perdas é grande e variada. Ela parece ter sido agravada no decorrer do último século, com a banalização de notícias sobre as doenças degenerativas e incuráveis, entre as quais prevalece o Alzheimer.

Mas a percepção da velhice não ocorre apenas por meio de transformações do corpo e da capacidade cognitiva. Muitas vezes essa percepção irrompe quando os adultos veem seus filhos crescidos e independentes, quando se tornam avós, ou então quando se aposentam. Também é comum saber que a ideia de que se é um velho ocorre quando o peso da espessura vivida, acumulada sobre a memória de tempos passados, torna o caminho do porvir menor que aquele já trilhado. De fato, há sempre momentos nos quais se percebe o quanto o mundo “não é mais aquele”: familiar, conhecido, experimentado no passado. É quando surge o risco de esbarrar no sentimento de inadequação, como se o velho fosse uma roupa fora de moda, um móvel a mais, pesado e sem utilidade, que teima em fazer parte da morada da vida.

“Velhice” é, pois, um termo tão vincado na biologia quanto nas sensibilidades morais de cada cultura. Desde a Antiguidade clássica, com Sêneca e Cícero, até os filósofos da contemporaneidade, há certamente uma literatura importante que insiste nos ganhos de equilíbrio à medida que os anos se acumulam sobre o corpo e a alma. Mas, desde a segunda Revolução Industrial, quando a vida foi coagida a dobrar-se diante do dever de todos serem produtivos e criativos, envelhecer ganhou uma dramaticidade inusitada. As perdas físicas foram cada vez mais difundidas pela imprensa e adquiriram traços

trágicos sempre que somadas à suposição de que o velho não serve para nada e depende cada vez mais dos outros. A situação fica ainda mais complicada quando os demais seres humanos, especialmente os jovens, olham os velhos como se eles já não fizessem parte deste mundo, como se suas existências fossem aberrantes, impossíveis de serem aceitas e acolhidas. Como se os velhos precisassem sempre mostrar que são completamente serenos, sábios, quase santos. É quando a sabedoria é vista como um dever, uma obrigação de todos os velhos. Logo, aquele que não a demonstra em tempo integral se torna uma presença quase insuportável.

DOS VELHOS AOS IDOSOS

Na época contemporânea, as idades e o envelhecimento tornaram-se fundamentais para definir e classificar as pessoas. A invenção da terceira idade e a emergência da gerontologia mostraram claramente o quanto o envelhecimento se transformou em tema social e político de grande relevância, uma questão que convoca antigos e novos profissionais, tais como cuidadores, psicólogos, fisioterapeutas e geriatras.

Do ponto de vista histórico, é preciso ressaltar que o legado da Segunda Guerra Mundial incluiu novas apreciações sobre a morte e a velhice, o que contribuiu para estabelecer parâmetros inovadores também para o entendimento dos jovens. Desde então, entre as exigências que vão recair sobre os velhos, destacou-se a alegria de viver. Os velhos, doentes ou não, passaram a ser cada vez mais coagidos a mostrarem-se alegres. Isso porque, desde então, uma espécie de intolerância crescente à tristeza ganhou ímpeto nas sociedades ocidentais, em particular depois da invenção dos antidepressivos nos anos de 1950 e da ampla propaganda em torno da ideia de que a alegria de viver é necessariamente sinal de saúde e liberdade. É quando as emoções tristes tenderam a ser concebidas e tratadas a partir de referências novas, intimamente relacionadas às necessidades de ascensão social, juntamente com a promoção de indivíduos livres e autônomos. A felicidade tornou-se progressivamente um dever de massa, um direito de todos e, também, uma mercadoria constantemente elucidada pela publicidade.

Todavia, em épocas e culturas nas quais se pretende transformar a alegria numa constante – esquecendo-se de que ela é um estado provisório, uma experiência passageira –, parece ser mais difícil enfrentar as tristezas e especialmente a associação milenar que perdura na história entre envelhecimento e lentidão. Além disso, em sociedades

nas quais as “realizações com sucesso” tendem a ser vistas como normas, envelhecer pode ser rapidamente interpretado como sinônimo de fracasso pessoal, o que retira a velhice do território dos fatos naturais, típicos da vida, para torná-la um acidente, um erro a ser evitado.

Tendências dessa natureza ganharam de fato relevo quando “envelhecer bem” migrou do terreno das expectativas para aquele dos deveres incontestáveis. Billé e Martz mostraram que uma “tirania do envelhecer bem” caracteriza a cultura contemporânea, tornando a velhice uma experiência pautada por uma nova angústia. Ou seja, haveria hoje, mais que em épocas passadas, o dever de envelhecer bem, tal como é uma obrigação trabalhar bem, portar-se bem, etc. (2010, p. 85). No limite, os idosos que não envelhecem bem passariam a ser vistos como doentes, mesmo quando não o são de fato. Envelhecer tornar-se ia, portanto, sinônimo de adoecer, o que sem dúvida aumenta o receio diante do avançar da idade.

Uma maneira de escapar a este suposto adoecimento é transformar a velhice numa época promissora e menos pesada do que ela parece ser. Desafio difícil, mas que vem sendo responsável pela criação de centenas de grupos de lazer e de cultura destinados aos que têm mais de 60 anos. Bailes, festas, saraus, cursos de culinária e costura, natação, viagens turísticas, entre muitas outras atividades de lazer e cultura vêm sendo organizadas para os idosos transformarem suas épocas de velho numa boa idade e, em alguns casos, na melhor idade. O que sem dúvida é animador, mas ainda necessita de muitos apoios governamentais e privados para solidificar e ampliar as conquistas sociais já obtidas.

ENVELHECER BEM: CONQUISTA OU TIRANIA?

As duas possibilidades existem na época atual: envelhecer bem pode ser uma ordem, um dever, uma tirania, algo que exclui muitos idosos de qualquer possibilidade de inserção social. Ou então, envelhecer bem pode ser uma conquista merecida, após esforços ao longo da vida para lidar com os próprios medos e sonhos. Mas há uma terceira possibilidade: envelhecer bem também pode figurar na vida de alguém como uma graça, um dom, uma sorte.

Nem todos são brindados por esta sorte. Mesmo assim a procura por um envelhecimento com “qualidade de vida” vem alimentando inúmeras lutas contra arraigados preconceitos diante da velhice, inclusive aquele segundo o qual os velhos estariam fora do campo de qualquer sorte ou, ainda, distantes de todas as graças. Na verdade,



... desde o começo da era contemporânea, o imaginário da morte caiu para fora dos prestígios outrora concedidos à sua presença.

não há um “pedaço da vida” independente dos demais. O jogo da sorte e do azar, do imponderável e de uma crença no destino ou na graça integram toda a existência de um ser. Assim, na medida em que a velhice é percebida como uma fase da vida que não está desligada de tudo o que já foi vivido, resultando justamente de experiências anteriores, torna-se menos difícil compreender que o acaso e a sorte podem sempre fazer parte desta e de todas as idades.

Além disso se, por um lado, “envelhecer bem” favorece o consumo de centenas de produtos e serviços que prometem saúde e bem-estar aos idosos, por outro, essa mensagem contribui para que eles tendam a ser mais respeitados do que o foram até então. Envelhecer bem pode portanto ser menos uma tirania e mais uma referência entre outras que cada um leva consigo durante toda a extensão da existência. Nela, talvez seja o caso de não abandonar o que há de mais evidente quando os anos se acumulam sobre o corpo, ou seja, a possibilidade de conceber o envelhecimento como um acontecimento calcado em fatos que parecem cumprir um destino comum a todos os seres vivos, mas, ao mesmo tempo, aberto ao conhecimento de novas experiências.

Porém, para não ser tirania e sim conquista, o imaginário da morte é coagido a ser visto de uma nova maneira. Isso porque, desde o começo da era contemporânea, o imaginário da morte caiu para fora dos prestígios outrora concedidos à sua presença. Ou seja, durante séculos, a morte foi interpretada como um acontecimento que marcava uma passagem de grande relevo, a maior de todas: passava-se da submissão, diante dos soberanos na Terra, para os cuidados de um soberano divino, celestial. Michel Foucault mostrou o quanto a morte foi sendo progressivamente desqualificada ao longo da época contemporânea, até deixar de ser uma cerimônia na qual não apenas a família e os amigos mas toda a comunidade participava. Ou seja, a morte transformou-se em “coisa privada”, algo quase vergonhoso (1997, p. 220).

Diferente dessa tendência e principalmente dentro do pensamento cristão, tendeu-se a reconciliar os crentes com a morte, considerada uma passagem para a vida eterna. No lugar de conjugar a velhice com o suicídio, ou de esconder a morte, tratava-se de aplacar a

antiga sede de encontrar uma fonte da juventude, ou a necessidade de finalizar a própria existência porque não se é mais jovem e forte.

Entretanto, nem sempre essa experiência obteve sucesso. Já no século XX, especialmente depois da Segunda Guerra Mundial, a morte tendeu a se tornar um tabu, algo constrangedor de ser mostrado, velado e lembrado. Tabu até mesmo maior que aquele do sexo, votado portanto a não mais ocupar o lugar de honra outrora concedido a quem morre. Paralelamente, a velhice adquiriu a imagem de um problema social cuja responsabilidade permanece muito mais ligada ao foro individual. Ao mesmo tempo, a ambivalência entre perdas e ganhos que palmilha a história da velhice adquiriu maior complexidade na medida em que o século XX se tornou um terreno propício para o aumento inusitado da expectativa de vida, juntamente com a crescente ênfase em rotinas essencialmente urbanas e concorrenciais. Em numerosos países, a busca por maneiras de lidar com os velhos sem excluí-los do convívio social foram intensificadas, ao mesmo tempo em que os questionamentos sobre o que significa conviver com o envelhecimento em idades que ultrapassam os 70 anos começaram a aparecer em programas de televisão, em artigos da imprensa diária e, a seguir, na internet. Ou seja, conquistar um envelhecimento saudável e criativo é hoje reivindicado como um direito de todos, um bem cada vez mais valioso, perseguido por pobres e ricos.

Resta que, diante de temas relacionados à morte e à velhice, ainda persiste o antigo conselho que diz ser preciso cultivar virtudes sociais e aprender a viver consigo mesmo desde quando se é criança. Em numerosos estudos sobre a velhice, para além das ambivalências típicas do tema, tende-se muitas vezes a sublinhar uma célebre intuição: ao invés de deixar tudo para ser aprendido apenas na outra extremidade da vida, é preciso começar logo cedo, especialmente quando se trata do exercício da virtude, da familiaridade com a solidão e, sobretudo, com o fato de que toda a extensão de uma existência só consegue fazer algum sentido quando ela é tecida em meio à consciência de sua própria impermanência.

“CORPO DE VELHO”

Um dos grandes tabus das sociedades contemporâneas é o corpo dos velhos. O mais fácil é associá-los preferencialmente a tudo o que já não são, como se fosse impossível encontrar em suas presenças algo singular, positivo ou simplesmente independente das imagens da perda e da inutilidade. Tentar ver as várias dimensões do corpo envelhecido

também pode parecer um exagero romântico e irreal, igualmente inútil diante de tantas fraquezas evidentes nos corpos dos mais velhos.

No entanto, seria redutor imaginar um único corpo imperativo na velhice, aquele das perdas, repleto de carências e ausências. Os corpos, do nascimento à morte, apresentam-se de modo singular e único dentro da vida e estão longe de serem reduzidos a um drama sórdido, cuja única característica seria, por exemplo, a doença. Ao longo da existência, a mutação corporal desenha silhuetas nem sempre esperadas, várias vezes em desacordo com o que a indústria da moda e a insistência no rejuvenescimento divulgam como sendo o melhor para todos.

Mas um corpo envelhecido é antes de tudo marcado por um passado cuja lembrança pode ser tão boa quanto necessária. Ele funciona como expressão de uma distância entre as épocas, essencial para que a infância e a juventude sejam devidamente vividas e ultrapassadas. Ou seja, o corpo envelhecido é sempre um corpo solidário ao tempo vivido, expressivo daquilo que os jovens ainda não sabem. Trata-se de um registro humano da densidade do mundo, de suas épocas, suas intempéries e bonanças.

Evidentemente é sempre o rosto a expressão primeira desse mundo vivido. Mas a postura, a voz e o sorriso compõem com o rosto a paisagem estampada por cada presença corporal, seja ela mais ou menos velha. O corpo velho seria então, em primeiro lugar, antigo, uma presença de outros tempos e uma prova da perseverança humana na luta pela própria sobrevivência. Em segundo lugar, ele é também o registro das singularidades de cada batalha vivida.

E, enfim, algumas características lidas comumente como sinônimos da fragilidade típica da idade, quando colocadas sob o plano histórico e cultural, adquirem novos significados: fonte de emoções, este corpo encerra mistérios, tanto quanto as centenárias árvores, cujos troncos soberanamente contêm uma quietude, típica de quem “já viveu muito” e que, por isso mesmo, duvida um pouco da necessidade de adiantar conselhos quando eles não são pedidos.

Diante dos corpos antigos, não se trata portanto de procurar beleza, nem de insistir em sua ausência. Eles importam sobretudo porque atualizam tempos e espaços que já não mais existem, suas imagens não apenas levam ao rememorar essencial à condição humana mas, principalmente, à certeza de que ninguém está excluído de suas impermanências. ☺

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, P. *L'homme devant la mort*. V. 1 e 2. Paris: Éditions du Seuil, 1983.
- BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1990.
- BILLÉ, Michel; MARTZ, Didier. *La tyrannie du "bien vieillir"*. Paris: Le Bord de L'Eau, 2010.
- BOIS, Jean-Pierre. *Histoire de la vieillesse*. Paris: PUF, 1994. (Coll. Que Sais-Je?).
- BOURDELAIS, Patrice. *L'âge de la vieillesse*. Histoire du vieillissement de la population. Paris: Odile Jacob, 1997.
- DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice*. Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Edusp, 2004.
- DURKHEIM, E. *Le suicide*. Paris: PUF, 1930.
- FOUCAULT, Michel. *Il faut défendre la société*. Paris: Éditions du Seuil/Gallimard, 1997.
- LAQUEUR, Thomas. *The work of dead*. A cultural history of mortal remains. New Jersey: Princeton University Press, 2015.
- MINOIS, Georges. *Histoire de la vieillesse en Occident*. De l'Antiquité à la renaissance. Paris: Fayard, 1987.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- _____. *História da beleza no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2014.
- TÓTORA, Silvana. *Velhice: uma estética da existência*. São Paulo: Educ, 2016.
- VIGARELLO, Georges. *Le sentiment de soi*. Histoire de la perception du corps (XVIe-XXe siècle). Paris: Éditions du Seuil, 2014. (Coll. L'Univers Historique).

2

Considerações sobre a Clínica Psicanalítica do Envelhecimento no SUS: o CRI-Norte

“A singularização do ser humano é um fenômeno de temporalização. É no tempo e com o tempo que se dá o acontecer do humano” (SAFRA, 1999)

[Artigo 2, páginas de 20 a 45]





Fernando Genaro Junior

Psicanalista, Psicólogo Clínico e Hospitalar pelo Instituto de Psiquiatria do HCFMUSP; Doutor em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Professor Titular do Curso de Psicologia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Paulista em São Paulo e pesquisador e docente da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia em Belo Horizonte.

*fernando.genaro@usp.br e
fernando.genaro@gmail.com*



RESUMO

Esse artigo discute e apresenta, a partir da experiência clínica-institucional do autor na implantação de um serviço de psicologia clínica, de inspiração psicanalítica, o Centro de Referência do Idoso da Zona Norte (CRI-Norte), contemplado pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Na atualidade, observamos que o mundo envelhece, principalmente por causa das melhores condições de saúde somadas aos avanços tecnológicos da medicina. Nesse ritmo acelerado, a população brasileira envelhece de maneira significativa – o Brasil será o sexto país com o maior número de pessoas idosas até 2025. Assim, nesse artigo, articulamos a partir da teoria psicanalítica winnicottiana – o processo maturacional –, e das contribuições de Safra – os aspectos fundantes na clínica com idosos, como as diferentes funções do ambiente ao longo do processo maturacional, em especial na velhice; os cuidados psicológicos específicos ao paciente idoso, destacando a constituição da desconstrução do *self*. E, por fim, ponderamos sobre o *Telos*, acerca do sonho último, e o sentido da vida diante do processo de revisão da vida, presentes na velhice.

Palavras-chave: Clínica do Envelhecimento; Psicanálise; SUS; Winnicott; Safra

ABSTRACT

*This article explores and presents the author's clinical-institutional experience in implementing a psychology clinical service, with psychoanalytic inspiration, at a reference center for the elder in São Paulo, by Sistema Único de Saúde (SUS), the Brazilian universal health care system. People's average age is currently raising due to the improved health conditions, coupled with technological advances in medicine. In this fast course, the Brazilian population is aging significantly; Brazil will be ranked the sixth country with the highest number of elderly people by 2025. Accordingly, this essay starts from the Winnicottian psychoanalytic theory about the maturational process and the contributions of Safra on the foundational aspects of the clinic with the elderly. It considers the different functions of the environment along the maturational process, especially in old age, and the specifics of psychological care to elderly patient, highlighting the self-deconstruction process. To conclude, the article deliberates over the *Telos* about the last dream and the reflection about the meaning of life that takes place during the process of reviewing one's existence in old age.*

Keywords: Clinical Aging; Psychoanalysis; SUS; Winnicott; Safra

INTRODUÇÃO

Esse artigo trata-se de um desdobramento parcial de minha tese de doutorado em psicologia clínica (linha de pesquisa: investigações em psicanálise) defendida no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (2013), na qual discorri a partir da minha experiência clínica-institucional como psicólogo, idealizador e coordenador de um serviço de psicologia clínica, de inspiração psicanalítica, a pacientes idosos no Sistema Único de Saúde (SUS), especificamente no Centro de Referência do Idoso da Zona Norte (CRI-Norte). Assim, o processo de implantação do serviço de psicologia, possibilitou levantar os principais eixos clínicos dessa prática. Logo, nesse artigo, busco apresentar e discutir os fundamentos da clínica do envelhecimento, numa tentativa reflexivo-teórica, sob a perspectiva da psicanálise winnicotiana acerca da importância do ambiente como condição da experiência de devir e continuar *sendo* em diferentes etapas da vida. Para isso, me apoiarei, inicialmente nos ensinamentos de D. W. Winnicott (1876-1971), acerca da importância do ambiente ao longo da vida e, *a posteriori*, buscarei interlocuções nas concepções teórico-clínicas desenvolvidas por Safra (1999, 2003, 2004, 2006a, 2006b), a fim de discutir questões próprias da velhice, por exemplo a noção do *Telos* como sentido último (fim), bem como em Lévinas ([1968] 2003) a complexidade das facetas do perdão em suas discussões sobre a ética, aspecto também enfatizado como necessidade emergente na velhice.

O CRI-Norte representa uma Organização Social de Saúde (OSS), consistindo numa parceria entre a Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo e a Associação Congregação de Santa Catarina (ACSC), que compõe o SUS. O CRI-Norte, inaugurado em 17 de fevereiro de 2005, trata-se de um ambulatório de atenção secundária à saúde, que busca atendimento integrado à pessoa idosa,¹ contemplando todas as especialidades médicas e assistenciais,² atividades educacionais, culturais e de lazer.

Na atualidade, observamos que o mundo envelhece de forma acelerada, tendo em vista as melhores condições de saúde e saneamento, somadas aos avanços tecnológicos da medicina. Nesse mesmo ritmo, a população brasileira envelhece de maneira significativa e, de acordo com um estudo da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2008), o Brasil será o sexto país com o maior número de pessoas idosas até 2025.

O último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), realizado em 2010, apontou que 7,4% da população possui mais de 65 anos, contra apenas 4,8% em 1991, sendo que as regiões Sul e Sudeste demonstram as maiores taxas de envelhecimento em relação

1 Segundo critérios da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2008), a entrada na velhice se dá aos 60 anos para os países em desenvolvimento e 65 em países desenvolvidos. Já o processo de envelhecimento é algo que se inicia desde o nascimento e caminha até à morte. Assim, a denominação “terceira idade” torna-se uma classificação psicobiossocial que possibilita o fomento de políticas públicas, estudos, linguagem e cuidados específicos para esse momento de vida.

2 Inseridos no contexto organizacional e hierárquico do CRI-Norte, os profissionais não médicos são considerados como equipe assistencial. Esta equipe se constitui por: psicólogo, terapeuta ocupacional, assistente social, fonoaudiólogo, fisioterapeuta, cirurgião-dentista, enfermeiro, educador físico, nutricionista, musicoterapeuta, podólogo, entre outros.



Diante do crescimento significativo do número de idosos, observamos que os sistemas de saúde atuais não estão preparados para atender tal demanda...

às outras regiões do Brasil. A projeção do IBGE sugere que o Brasil terá aproximadamente 216 milhões de habitantes em 2025, dos quais 31,3 milhões, isto é, 14% dessa população será de idosos. Em 2040, quando a expectativa de vida alcançará 81,2 anos, serão aproximadamente 52 milhões de brasileiros idosos.

Diante do crescimento significativo do número de idosos, observamos que os sistemas de saúde atuais não estão preparados para atender tal demanda, havendo pouco investimento nessa área, incluindo a própria atuação da Psicologia.

No entanto, um marco importante para a consideração das necessidades do idoso ocorreu com a criação do Estatuto do Idoso em 2003 (LEI N.º 10.741/2003), que estabeleceu Conselhos Nacionais dos Direitos dos Idosos, delegacias regionais e municipais e criou centros de referência do idoso por região, como o da zona norte de São Paulo – onde idealizamos e implantamos o serviço de psicologia clínica para pacientes idosos.³

Sendo assim, do ponto de vista psíquico, para compreendermos os fenômenos próprios da velhice, os quais me proponho a tratar nesse trabalho, penso que será fundamental realizar um percurso pela linha do tempo da vida, a fim de apreender e se articular o papel e a importância do ambiente na contínua constituição do *self*, em suas necessidades humanas, éticas, e na necessidade de findar-se como existência (*Telos*).

1. DO PROJETO À IMPLEMENTAÇÃO DO SERVIÇO DE PSICOLOGIA

O projeto de implantação do serviço de psicologia surgiu pela necessidade de oferecermos um lugar que pudesse acolher e sustentar questões próprias dessa fase da vida, a velhice – sobretudo um olhar clínico justo a tais necessidades. Assim, sua sistematização buscou integrar o tripé: assistência-ensino-pesquisa, a fim de estabelecermos um suporte teórico-técnico constante, no tocante à especificidade dessa prática clínica.

Idealizamos a implantação do serviço tanto a partir das concepções teóricas e clínicas de Winnicott sobre a contínua constituição do *self* e a importância do ambiente quanto das concepções teórico-clínicas,

3 Para maiores informações e desenvolvimentos sobre o assunto favor consultar: GENARO JUNIOR, F. *Clínica do envelhecimento: concepções e casos clínicos*. 1ª edição, Editora Todas as Musas: São Bernardo do Campo-SP, 2013.

desenvolvidas por Safra, sobre as condições éticas necessárias para o acontecimento do ser humano.

Em 2005 e 2006, como caracterização estratégica do serviço de psicologia e para atender tais demandas, contratamos quatro psicólogos e quatro estagiários (alunos do quinto ano da faculdade de psicologia). Em 2007, o serviço operava com esse quadro sob nossa coordenação. Como o CRI-Norte operava em dois turnos de trabalho, manhã e tarde, a distribuição dos profissionais e estagiários também acompanhou essa jornada.

O serviço de psicologia funcionava das sete da manhã às dezoito horas, de segunda a sexta, contemplando psicólogos e estagiários ao longo desse período. A coordenação transitava pelos dois turnos, alguns dias pela manhã e outros durante o período da tarde. Além de acompanhar toda a equipe, a supervisão dos estagiários também era nossa responsabilidade técnica.

Face aos recursos humanos, materiais e técnicos que o serviço passava a constituir, necessitamos estabelecer objetivos e missão comuns que pudessem dar uma identidade a esse grupo de trabalho bem como certa direção do trabalho comum. Desta forma, definimos alguns parâmetros que norteassem o nosso trabalho. Cabe dizer que contemplamos tais parâmetros já no escopo apresentado à diretoria executiva da instituição para a implantação do serviço. Sendo assim, estabelecemos os seguintes objetivos gerais do serviço de psicologia:

- Prestar assistência psicológica orientada pela psicanálise à população idosa, bem como a seus familiares e cuidadores, contemplando a prevenção, o diagnóstico e o tratamento em nível ambulatorial e domiciliar
- Realizar trabalho psicológico institucional com fins diagnósticos e terapêuticos em conjunto com a equipe multiprofissional
- Divulgar os conhecimentos produzidos através de publicações científicas nacionais e internacionais
- Promover formação em psicologia clínica-institucional orientada pela psicanálise e focada na pessoa idosa, através de estágios, cursos, educação continuada, workshops e congressos

A partir da definição dos objetivos gerais, buscamos desenhar outro aspecto que também compunha a visão da instituição e, por ser um serviço inserido nela, tornou-se necessária a definição de uma missão. Nesse aspecto, estabelecemos que a missão do serviço de Psicologia do CRI-Norte seria pautada na assistência, no ensino e na pesquisa, as quais descrevemos abaixo:

Artigo 2Considerações sobre a clínica psicanalítica
do envelhecimento no SUS: o CRI-Norte

- **Assistência:** diagnosticar, orientar e promover a execução de planos e programas preventivos e curativos, dirigidos aos pacientes do CRI-Norte; realizar atendimento ambulatorial aos pacientes e seus familiares e/ou acompanhantes, através de técnicas de métodos de exame e tratamento psicológico, visando propiciar condições de escuta e inclusão do enfoque psicanalítico
- **Ensino:** servir de campo de ensino, treinamento e aperfeiçoamento a estudantes profissionais da área da psicologia clínico-institucional e da saúde mental, focados na especificidade do paciente idoso, através de cursos e programas educacionais, visando a transmissão de conhecimentos psicológicos psicanalíticos para a saúde dos pacientes, cuidadores, funcionários e da equipe médico-assistencial;
- **Pesquisa:** realizar pesquisas científicas no campo da psicanálise, da psicologia clínica-institucional, da psicologia da saúde e da saúde mental na velhice

A fim de integrar os objetivos e a missão, houve a necessidade de elegermos valores e princípios fundamentais próprios do serviço de psicologia e inseridos no contexto institucional bem como a sua identidade clínica-institucional. Assim, caracterizaram-se como valores:

- Ética frente à condição humana
- Singularidade de cada pessoa
- Fidelidade, confidencialidade e confiabilidade
- Competência e qualidade
- Responsabilidade
- Autonomia técnica
- Trabalho em equipe

Com base nesses princípios, buscamos – desde o processo de sua concepção, contratação de pessoal e constante atualização da equipe de trabalho –, mantê-los presentes na prática psicológica cotidiana na instituição.

Dessa forma, umas das ações que adotei como gestor consistiu em introduzir, mensalmente, a leitura e a discussão de textos que contemplessem tais princípios e possibilitassem nos constituirmos como um grupo de trabalho comum, com os mesmos ideais e objetivos, a despeito das singularidades de cada um. Esse se tornou um espaço para reflexão, parada para encontro de todos, onde diversas questões podiam surgir.

A partir dessa configuração humana e interna do serviço, como um lugar que pudesse acolher e tratar essas dimensões do sofrimento dessa

população, também necessitamos estabelecer um fluxo de trabalho e definir critérios de encaminhamentos desses pacientes – aspecto complexo –, tendo em vista a alta demanda de encaminhamentos ao serviço.

Nessa época, a fila de espera já alcançava mais de um ano, e o serviço estava procedendo a uma média de 400/450 atendimentos mês. Desse modo, do ponto de vista técnico, o serviço de psicologia, no que tange à assistência, organizou-se a partir de dois grandes eixos: um psicodiagnóstico e outro psicoterápico, os quais descrevemos abaixo:

a) Eixo Psicodiagnóstico

Avaliações Psicológica e Neuropsicológica: propõem atendimentos que procuram captar, compreender e compartilhar com o paciente, familiar e equipe a situação conflitiva trazida ao psicólogo; bem como a descrição das funções neuropsicológicas, estado mental atual do paciente em diagnósticos diferenciais; instrumentalização – seleção e administração de exames psicológicos, de personalidade e neuropsicológicos.

b) Eixo Psicoterápico

Intervenções Breves: propõem intervenções breves, tais como: triagens interventivas, consultas terapêuticas, orientação psicológica aos pacientes, familiares e/ou cuidadores, visitas domiciliares em regime de plantão psicológico (consultas psicológicas avulsas).

Psicoterapia Individual e Grupal Breve: objetiva oferecer tratamento psicoterápico breve com enfoque psicanalítico (winnicottiano), tanto individualmente (para os casos de pacientes mais graves, os quais apresentam quadros psiquiátricos, neurológicos, como os cadeirantes e/ou acamados) como tratamento grupal (para os pacientes com maiores recursos físicos e psíquicos).

Grupos Terapêuticos Temáticos: visam oferecer tratamento grupal pontual, focalizando um aspecto comum aos pacientes de diferentes especialidades como, por exemplo: obesidade; câncer de próstata, hipertensão, diabetes, dor crônica, feridas, fibromialgia, incluindo-se ainda os grupos de cuidadores, entre vários outros.

Esses tópicos compuseram não somente o escopo inicial para o estabelecimento de um serviço de psicologia, cuja preocupação sempre se mostrou eminentemente clínica e social, uma vez que apresentava uma demanda significativa de manifestações clínicas oriundas dessa população, como também o atendimento a uma realidade social carente de serviços dessa ordem.

Artigo 2

Considerações sobre a clínica psicanalítica do envelhecimento no SUS: o CRI-Norte

Internamente, outro aspecto necessário para o serviço residiu na criação de uma ficha específica de identificação da Psicologia, na qual os dados principais do paciente, assim como todo o material psicológico (protocolos de testes, folhas de respostas das avaliações, laudos e evoluções clínicas detalhadas de atendimentos) ficavam anexados.

Por causa de seu caráter sigiloso e das prerrogativas legais, de acordo com as normas dos Conselhos Federal e Regional de Psicologia, essa ficha poderia ficar registrada e arquivada no próprio serviço para consultas cotidianas antes dos atendimentos.

Além disso, nas ocasiões em que o paciente fosse reenaminhado futuramente, existiria o registro do que havia sido tratado anteriormente. Assim, no prontuário geral do paciente no CRI-Norte, realizava-se uma evolução sintética e geral, e no prontuário psicológico constavam todos os detalhes dos atendimentos realizados, diagnósticos, processos psicoterapêuticos bem como cópia de eventuais informes psicológicos fornecidos a outrem.

Como consequência, o serviço de psicologia se edificou e se tornou referência interna para a instituição, no tocante ao próprio funcionamento institucional relacionado à saúde do idoso, de forma a considerar suas questões existenciais e psíquicas próprias desse momento da vida, o que veio ampliar a concepção de saúde e prática em saúde – como sinal de maturidade pessoal diante da vida. Em termos do trabalho multidisciplinar, a presença da psicologia sempre representou o elemento integrador das discussões sobre a melhor conduta e/ou manejo dos casos clínicos em questão.

Para a comunidade “psi” da rede (zona norte de São Paulo), a psicologia do CRI-Norte também se tornou referência tanto para as Unidades Básicas de Saúde quanto para ambulatorios que contavam com psicólogos atendentes de idosos. Isso nos motivou a criar as “Semanas da Psicologia”, palestras e minicursos com temas sobre “Psicologia e Envelhecimento” aos profissionais da área, uma vez ao ano – geralmente para comemorar o dia do psicólogo.

Contudo, além desse reconhecimento, o qual favoreceu interlocuções na rede SUS da zona norte da cidade de São Paulo que oferece atendimento ao idoso da região, um aspecto principal configurou-se no reconhecimento da própria comunidade idosa e de seus cuidadores (familiares ou não), ao conceder o estatuto ao serviço como um lugar onde se pode recorrer quando “não se está bem”, quando se necessita de uma orientação que não seja moral e nem religiosa – aspectos referenciados pelo Conselho do Idoso da zona norte, pela Associação dos Moradores da zona norte e pelos Centros de Convivências da região.

2. O VALOR DO AMBIENTE NOS DIFERENTES MOMENTOS DA VIDA

D. W. Winnicott, por sua prática pediátrica e posteriormente psicanalítica ([1941] 1993a), contribuiu de forma expressiva para o desenvolvimento da psicanálise, rompendo com o paradigma metapsicológico ao considerar a importância do ambiente, e abrindo uma perspectiva ontológica da condição humana; sobretudo a partir de seus casos clínicos com pacientes psicóticos, antissociais e esquizoides, que não respondiam à psicanálise clássica – portanto, metapsicológica.

Ao afirmar que *um bebê não existe sem uma pessoa que cuide dele*, Winnicott ([1945] 1993b) evidencia a necessidade de alteridade desde o início: a dependência de outrem para se constituir é intrínseca à condição humana.

Sobre esse vértice, Winnicott ([1988] 1990, p. 179) revela que, “ao estudarmos um indivíduo de qualquer idade, poderemos encontrar todos os tipos de necessidades ambientais, das mais primitivas às mais tardias”.

Nesse sentido, o autor nos ensina que não há etapa da vida que não demande certa constituição e, para isso, um ambiente facilitador é de fundamental importância; desde os cuidados maternos iniciais que definem a constituição de um estatuto integrado de *self*, até o lugar cultural e social em que vivemos – neste trabalho em especial reside nosso grande interesse: as necessidades tardias, nas palavras do autor, um *crescer para baixo* (WINNICOTT, [1971] 2005).

Vivemos constantemente experimentando novas situações que a vida apresenta, as quais requerem novas resoluções e elaborações. O que queremos dizer é que, ao longo da vida, temos de nos haver com determinadas tarefas em diferentes momentos. É nesse âmbito que, para Winnicott ([1968]), pensar em saúde significa dispor de maturidade pessoal de acordo com idade cronológica, isto é, sentir-se com 60 anos aos 60 anos, e não apenas ausência de sintomas ou doenças, mas se sentir existindo e real, em outros termos: vivo.

Por esse motivo, necessitamos entender como isso acontece ao longo da vida, para não correremos o risco de nos prender a uma concepção biológica, restrita a quadros orgânicos funcionais do envelhecimento, nem à visão determinista da psicanálise clássica, segundo a qual tudo se explicaria pelas vivências infantis – recalçadas. O que equivale a dizer que a vida é dura em si mesma e a condição humana, de pura precariedade e instabilidade, ganha maior nitidez nesse momento da vida (SAFRA, 2006a).

Na perspectiva teórica e clínica de Winnicott ([1958] 1983a), o ambiente exerce grande importância nesse contínuo e complexo

Artigo 2Considerações sobre a clínica psicanalítica
do envelhecimento no SUS: o CRI-Norte

processo de vir a ser. Evidentemente, o autor não se dedicou ao estudo específico da velhice em si, mas contribuiu de forma significativa quando desenvolveu sua teoria sobre o processo de amadurecimento humano, reconhecendo que “existe um processo contínuo de desenvolvimento emocional, que começa antes do nascimento e prossegue ao longo da vida, até à morte (com sorte) de velhice” (WINNICOTT, [1950-1955] 1993c, p. 216).

Segundo Winnicott ([1988] 1990), todo ser humano porta em si uma tendência inata à integração, que só poderá ser efetivada pelo favorecimento de um meio ambiente. Por esse motivo, o autor Winnicott (1988/1990, p. 56) definiu a natureza humana como “quase tudo o que possuímos”, incluindo fatores ambientais e os encontros e cuidados humanos ofertados. Em relação ao ambiente, Winnicott ainda se refere a um lugar, um espaço propiciador de condições físicas e psicológicas; Safra (1999), por sua vez, acrescenta as condições éticas, das quais toda pessoa necessita para se sentir humana, existir e se perceber como real.

2.1. O AMBIENTE E A CONSTITUIÇÃO DO SI MESMO (SELF)

Do ponto de vista winnicottiano, observamos que no início da vida uma das funções importantes do ambiente é a de acolher, em sua subjetividade, a chegada do novo ser (isso acontece possibilitando ao bebê sua integração no tempo e no espaço (*holding*), habitando um corpo (*handling*) e, seguindo o ritmo da criança, apresentar-lhe faces da realidade (apresentação de objetos). Tais funções, nesse momento da vida, favorecem a criação e o estabelecimento de um *self* unitário e o consequente senso de continuidade do processo de ser. Safra⁴ (2003) assinala de forma muito peculiar este novo momento:

O bebê nasce e ao nascer está aberto para o mundo de uma forma total e absoluta. Está aberto ao mundo, não tem mecanismos mediadores que o auxiliem a suportar a presença do mundo, o excesso de estimulação que vive em seu organismo. Ele não tem mediação, é uma abertura total. O que torna o bebê muito sensível aos acontecimentos que encontra no nascimento sejam de ordem psíquica ou biológica. É nesse ponto que toda mãe e família se colocam naturalmente em sintonia ao fato de que o bebê está em estado de precariedade absoluta.⁵

Torna-se evidente a importância da adaptação natural do ambiente como mediação entre o bebê e o excesso de estímulos provindos do mundo externo, fenômeno denominado por Winnicott ([1956] 1993d)

4 Transcrição pessoal, autorizada pelo autor, disponível pelas Edições Sorbonost. SAFRA, G. Introdução à psicologia clínica. [DVD]. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Edições Sobornost, 2006.

5 Ibid

como *preocupação materna primária*. O autor considera a preocupação materna primária condição para o desenvolvimento emocional satisfatório do bebê. Por exemplo, em casos de mães depressivas ou com outras complicações psíquicas, tal condição encontra-se prejudicada, pois a mãe não desenvolve naturalmente a capacidade de se identificar (consciente e/ou inconscientemente) profundamente com seu bebê, com vistas adequadas às suas necessidades.

Em relação às necessidades, o autor apresenta uma muito peculiar, que todos nós temos e sempre teremos e que também depende da qualidade da provisão ambiental, no sentido de sustentar a não intrusão. Referimo-nos à base incomunicável da subjetividade de alguém, à qual o autor denominou: *solidão essencial*.⁶

Na psicologia do indivíduo, entretanto, há um aspecto importante no relacionamento sobre o qual podemos dizer que mesmo no contato mais íntimo possível haverá uma ausência de contato, de modo que cada indivíduo manterá, essencialmente, um isolamento absoluto, permanentemente e para sempre. (WINNICOTT, [1988] 1990, p. 178)

Winnicott afirma que as experiências fundantes da existência acontecem essencialmente na solidão. Há um núcleo central do *self* – *quieto e silencioso* – que jamais se comunica, mesmo nas mais íntimas relações. Mas, ao mesmo tempo, necessita da presença humana do outrem. Nesses termos, a preservação desse núcleo incomunicável torna possível, *a posteriori*, a comunicação explícita, pessoal e autêntica.

Winnicott assinala que é a partir dessa quietude e desse silêncio que se estabelece a comunicação significativamente empática. Dessa forma, na tentativa de qualquer violação do núcleo isolado, o bebê organiza-se defensivamente através de retraimento (impossibilidade de estar a sós: isolamento) e/ou das psicoses.

A mãe, ao sustentar esse tipo de não comunicação, com sua presença (por causa da afinidade egóica), possibilitará grandes chances de, no futuro, o bebê possuir experiências de maior complexidade e sofisticação sob o ponto de vista emocional. Através do silêncio é que surge a comunicação; nesse aspecto, o autor enfatiza a necessidade de um uso sadio da não-comunicação no estabelecimento do sentimento de realidade, especificamente ao nos referirmos à vida cultural do homem, ou seja, à experiência de comunicação na arte e na religião.

Um aspecto ainda importante, nesse momento, relaciona-se ao fenômeno de ilusão, o qual o autor nos explica:

6 O termo *solidão essencial* nada tem a ver com os estados de separação, é algo constitutivo do *self* e alicerça para, mais para a frente, possibilitar o aparecimento da *capacidade de estar só*.

Artigo 2Considerações sobre a clínica psicanalítica
do envelhecimento no SUS: o CRI-Norte

Vejo o processo como se duas linhas viessem de direções opostas, com a possibilidade de se aproximarem uma da outra. Se elas se sobrepõem, há um momento de ilusão, uma experiência que o bebê pode tomar, ou como alucinação sua, ou como algo que pertence à realidade externa (WINNICOTT, [1945] 1993b, p. 279).

Em outras palavras, o bebê está no movimento de busca que só pode ser aplacada por meio de um encontro verdadeiro, ao qual, dentre as três tarefas, Winnicott denominou como *apresentação de objetos*.⁷ Do ponto de vista do bebê, nesse momento ocorre a experiência de que foi ele quem criou o objeto, ao que Safran⁸ em suas exposições sempre nos alerta: *o bebê precisa criar o mundo!* – como veremos mais a frente com a inserção no campo social.

Um dos aspectos importantes seguido desse momento constitutivo, que abarca o processo ilusório, reside na área da transicionalidade, ou área intermediária (terceira área, entre a realidade interna e externa) como Winnicott (1975, p. 26) também denominou: “a área intermediária a que me refiro é a área que é concebida ao bebê, entre a criatividade primária e a percepção objetiva baseada no teste de realidade”. A transicionalidade só poderá surgir através dos primeiros estágios do uso da desilusão. Esse estágio, especificamente, aparece com a função de mediar o percurso entre a realidade subjetiva e a realidade objetivamente percebida.

Em função das integrações já conquistadas, a mãe, ao perceber o crescente desenvolvimento do seu bebê, gradativamente começa a falhar, possibilitando a experimentação da *primeira possessão não eu*. Winnicott (1975) não estudou o primeiro objeto das relações objetais; interessou-se pela primeira possessão *não eu* e pela área intermediária entre o subjetivo e aquilo que é objetivamente percebido; aspecto salientado pelo autor: “o objeto transicional não é um objeto interno (que é um conceito mental) – é uma possessão. Tampouco é (para o bebê) um objeto externo” (WINNICOTT, 1975, p. 24).

Dessa forma, a transicionalidade marca o começo da atividade simbólica. Nesse ponto devemos mencionar tanto o paradoxo, do qual torna-se imbuído o acesso à realidade, quanto os objetos e os fenômenos transicionais:

Do objeto transicional, pode-se dizer que se trata de uma questão de concordância, entre nós e o bebê, de que nunca formularemos a pergunta: Você concebeu isso ou lhe foi apresentado a partir do exterior?

7 Winnicott compreendia a apresentação de objetos como relações objetais precoces entre mãe (estado de devoção/preocupação materna primária) fornecendo o objeto ao bebê, no momento exato de sua necessidade, em outras palavras, partes da realidade externa no tempo e ritmo do bebê.

8 Ibid

O importante é que não se espere decisão alguma sobre esse ponto. A pergunta não é para ser formulada. (WINNICOTT, 1975, p. 28)

Nesse âmbito, o paradoxo não é posto para ser revelado e/ou resolvido, ele deverá ser eternamente mistério entre fato e fantasia ou criação e descoberta. Winnicott discorre sobre esse fenômeno:

Essa área intermediária de experiência, incontestada quanto a pertencer à realidade interna ou externa (compartilhada), constitui a parte maior da experiência do bebê e, através da vida, é conservada na experimentação intensa que diz respeito às artes, à religião, ao viver imaginativo e ao trabalho científico criador. (WINNICOTT, 1975, p. 30)

2.2. O AMBIENTE E A CONSTITUIÇÃO DO SI MESMO (SELF) SOCIAL

E, nesse ponto, com a entrada da criança na vida escolar, ela começa, de alguma maneira – e não mais apenas a partir dos pais –, a inserir-se a partir de si mesma no mundo sociocultural. Podemos reconhecer que o processo de aprendizagem, sob essa perspectiva, consiste num processo pelo qual a criança é socializada em relação ao saber daquele grupo cultural. Desde o processo de alfabetização às festas cívicas e/ou culturais, a criança gradualmente vai se familiarizando e percebendo as festas, as situações como parte da história de si mesma (SAFRA, 2006a).

Safra (2006a) denomina essa experiência como uma *matriz relacional social da criança*, na qual ela desenvolve na escola uma série de situações para além da família, mas, ao mesmo tempo, necessita contá-las à família. Safra enfatiza a necessidade de o ser humano integrar as suas experiências continuamente. O relato, as narrativas diante do outro, cumprem essa função.

Podemos observar, nesse momento da vida, a importância do repúdio como movimento natural de ressignificar o mundo além da necessidade de deixar suas marcas. O ambiente, aqui, ganha outra função: a de sobreviver à destruição – aspecto que reitera a confiança e abre sentido pessoal ao gesto do jovem.

Além dessa, há dimensão elementar que se apresenta também como provisão ambiental; logo, em seguida e/ou concomitantemente, ocorre a necessidade de pertencer e de sonhar com um futuro! Nesse sentido, Safra (2006a) nos chama a atenção para o fato de que se torna uma experiência de horror para o jovem adolescente “ficar no mesmo”, sem perspectivas, sem horizontes.

9 Ibid

Em decorrência da não possibilidade de dispor de um ambiente que ofereça esse tipo de provisão, segundo as palavras do próprio autor: “*sem encontrar a encarnação do seu futuro*”⁹, é comum que o adolescente entre em experiências niilistas – perda da esperança de vir a ser. Sendo assim, o *self* do jovem se constitui pela possibilidade de contar com um meio ambiente que o auxilie a sonhar com um futuro possível. Por meio de projeções e a partir de pessoas significativas, pais, familiares, professores entre outros, talvez ele consiga idealizar futuros possíveis. Percebemos que o ambiente vai ganhando novas funções e sentido, seguindo em direção a outros momentos da vida como, por exemplo, ao jovem adulto.

2.3. O AMBIENTE E AS NECESSIDADES DA VIDA ADULTA

Continuando essa trajetória na linha do tempo, em seu processo de desenvolvimento o jovem adulto apresenta como questão a necessidade de escolher e decidir a forma pela qual irá se estabelecer na vida. Safra (2006a) atenta para um aspecto natural nesse momento: certo luto diante da escolha realizada, uma vez que isso implicaria a inclusão e o estabelecimento de um único jeito de viver a vida, em detrimento de outras possibilidades.

Sobre essa etapa, Safra (2006a) argumenta, que, a partir do momento no qual ocorrem essas escolhas no jovem adulto, há o “estabelecimento da relação afetiva, o estabelecimento dos amigos significativos com quem se faz a viagem pela vida”;¹⁰ há a decisão pela vida profissional e, eventualmente, a vida profissional se inicia. Nessa época ocorre um fenômeno extremamente importante, ao qual Safra (2006a) denominou mutação do *self*.

10 Ibid

O autor explica que até esse momento o *self* se relacionava à possibilidade de existir em continuidade. O *self* estava ligado à necessidade de personalidade, questão que surge desde os primeiros momentos da vida de um bebê, nos quais o gesto cria o objeto dentro do fenômeno da ilusão, tornando-o pessoal. Nesse ponto, a questão da personalidade retorna com grande força como acontece, por exemplo, durante o momento da constituição dos fenômenos transicionais, seguindo adiante em cada etapa de vida.

Desta forma, até a vida adulta, o *self* está relacionado ao ser em continuidade e ao estabelecimento da personalidade. Com isso, observamos que a personalidade implica também diferenciação cada vez maior em relação ao outro. A personalidade torna evidente aquilo que é próprio, o estilo de ser, um mundo pessoal. No entanto, Safra (2006a) assinala que

isso cada vez mais contrasta não só em relação ao “não eu”, mas também em relação àquele que é outro e, portanto, diferente de mim. Em outras palavras, àquilo que lhe confere o *si mesmo*.

Ainda a respeito do vértice da mutação que o *self* sofre nessa etapa, Safra (2006a) utiliza o casamento para exemplificar o que acontece com o *self*:

“Mas, na vida adulta, com o casamento, por exemplo, ocorre um fenômeno em que o *self* não mais é só eu, mas ele vai se tornando ‘Nós’. A intencionalidade do horizonte de vida da pessoa sofre uma alteração, uma alteração muito importante... Porque enquanto a intenção fundamental da pessoa até esse momento, como eu disse, é pessoal, é um eu, a partir desse instante o projeto de vida não é mais um eu, é um eu que leva em conta um outro. Há uma organização de si aonde o indivíduo, na verdade, começa a participar de uma entidade supraindividual: o Nós!”¹¹

11 Ibid

Contudo, se antes o ambiente (a comunidade) existia para o indivíduo como sustentação, como favorecimento de entrada, hospedagem, como possibilidade de pertencer, se a comunidade existia para o indivíduo como oferta de cultura, de perspectivas, de horizontes de vida, a partir desse momento, a comunidade existe no próprio *self*. O indivíduo funciona não mais como um eu, mas como um nós.

Safra (2006a) enfatiza que isso somente torna-se possível caso o indivíduo possa superar, sob a perspectiva winnicotiana, a relação simplesmente marcada pelas identificações cruzadas.¹² O autor acrescenta que: “O ‘Nós’ como possibilidade do *self*, só acontece quando o indivíduo, de fato, pôde atingir aquilo que Winnicott descreve como o uso do objeto”¹³.

Verificamos que na vida adulta a tônica se encontra na possibilidade de viver a estabilização, ou seja, a concretização das decisões anteriormente tomadas sob forma de realizações: formar um par amoroso, estabelecer uma vida profissional a partir da legítima vocação, constituir amizades que conjuguem um estilo de vida comum. Nesse sentido, ambiente e/ou comunidade tornam-se a própria possibilidade de construir um mundo particular, a partir de si mesmo, sem que isso signifique isolamento, pois há uma mutação do *self* individual para um *self* comunitário: o nós¹⁴ (Safra, 2006a).

12 Winnicott (1988/1990) ao se referir às identificações cruzadas, estava se referindo ao jogo de complementaridades entre duas pessoas, em que o outro ainda é parte de si mesmo. Há o reconhecimento de diferenças, mas ainda não se constitui como um outro.

13 Ibid

14 Ibid

2.4. O AMBIENTE E A VELHICE

Apresentado esse panorama inicial, nos defrontaremos a seguir com a velhice – fenômeno natural advindo do processo de envelhecimento,

Artigo 2Considerações sobre a clínica psicanalítica
do envelhecimento no SUS: o CRI-Norte

no qual a estabilidade constituída agora se *desmancha*. Deparamo-nos então com um aspecto fundamental nesse momento de vida: a *desconstrução* (SAFRA, 2006a). Momento marcado por transformações significativas, tais como: perda do trabalho, filhos que se casam e/ou cônjuges que falecem, assim como os grandes amigos, e além disso por maior consciência da finitude.

Safra (2006a) acrescenta que há também uma desconstrução vivida no próprio corpo: a visão não é mais a mesma, o corpo não responde com agilidade e rapidez como antes, a vida sexual se recoloca, uma série de *desconstruções* começa a emergir, entre elas, maior noção do que é o tempo.

Segundo Winnicott ([1988] 1990, p. 29), o “ser humano representa uma amostra-no-tempo da natureza humana”, originando-se da solidão essencial e dos estados de *não ser* para findar-se, novamente, num estado de *não ser*, um retorno à solidão essencial. A esse respeito, conforme assinalado inicialmente, Winnicott ([1971] 2005, p. 249) diz que há um tipo de crescimento que acontece para baixo, *growing downwards*, afirmando que “se eu tiver uma vida razoavelmente longa, espero encolher e tornar-me suficientemente pequeno para passar pelo estreito buraco chamado morte”.

Diante de tal afirmação, observamos que só se torna possível envelhecer e morrer para quem de fato pôde acontecer, em outras palavras, ter vivido a vida. Caso contrário, a velhice e a própria possibilidade de morrer tornam-se agonia. Aqui observamos a necessidade de poder dispor de um lugar/ambiente que auxilie o envelhecer e o próprio morrer, pois ambos também são constitutivos.

No entanto, se tudo caminha bem, Safra (2006a) sublinha, que, para a pessoa velha, o sentido da vida se reposiciona não somente a partir da mutação do *self* para nós, mas fundamentalmente pela esperança depositada agora naqueles que virão, na futura geração como, por exemplo, os netos. O autor destaca que um dos anseios fundamentais nesse momento da vida é poder contribuir de alguma forma para a comunidade/sociedade, para além do *nós*. Nesse contexto, o sentido da vida se reposiciona em três aspectos, os quais Safra (2006a) relata:

- "1) O comprometimento com o meio ambiente, com o espaço cultural;
- 2) A responsabilidade não mais como uma moralidade a partir de si mesmo, mas que surge de uma ética própria- muito diferente de aceitar regras. Assim, tornar-se uma responsabilidade pela humanidade!

3)A consciência política, numa tentativa de responder ao mal-estar público, uma consciência de “nós” amplificada para o mundo¹⁵ .”

15 Ibid

Nesse âmbito, observamos que o autor nos traz uma nova perspectiva de vida, na qual o outro, para a pessoa velha, representa aquele que virá depois – muito diferente da idade adulta para a qual o outro correspondia àquele que estava ao lado –, pois existe preocupação genuína com o futuro da humanidade, com as gerações futuras. Esses são valores essenciais para acolher a morte como um bem, e não como um fracasso e/ou impedimento.

Desta forma, verificamos que o ambiente assume diferentes funções e sentidos ao longo da vida. Inicialmente, na infância, toda criança tem de se haver com a tarefa de se constituir como alguém singular ao longo do tempo. Assim, um ponto fundamental por parte do ambiente consiste no favorecimento de seu processo de alojamento via cuidados físicos, os quais nesse momento significam amor (WINNICOTT, [1988] 1990); alojar-se no tempo e no espaço (*holding*), como alguém que habita um corpo (*handling*) favorecendo-lhe sentidos de realidade (apresentação de objetos).

Observamos aqui toda instauração da constituição do si mesmo, o ambiente se adapta inicialmente ao ritmo pessoal da criança (dormir, alimentar-se, brincar), sustentando a continuidade do ser de forma singular e criativa. Sob o vértice ambiental, Safra (2004, p. 35) enfatiza a ideia de que o ser humano “nasce no mundo em que pode surgir frente aos outros” (p. 35).

Logo, retomando um princípio fundamental da clínica winnicottiana, o de que não existe um bebê sem a sua mãe (Winnicott, [1963] 1983b), nos deparamos, inicialmente, com a grande relevância do fator dependência, partindo dessa concepção teórico-clínica assentada no paradigma ontológico. Nesse sentido, Safra (1999, 2004) contribui assinalando que o ser humano acontece com o outro, e que tal aspecto, além de ontológico, é ético, ou seja, é próprio da condição humana necessitar de condições éticas para acontecer.

Consequentemente, se inicialmente o ambiente necessário era a mãe, após um tempo a criança necessita de outras experiências, surgindo um ambiente paterno, que proverá um ambiente indestrutível (WINNICOTT, [1963] 1983b). A partir dessas experiências ofertadas pelas presenças materna e paterna a criança pode acessar a realidade transicional, permitindo experiências em outros ambientes, por exemplo, a experiência cultural (WINNICOTT, 1975).

Artigo 2Considerações sobre a clínica psicanalítica
do envelhecimento no SUS: o CRI-Norte

Vimos que Winnicott ressalta que, a partir desse trânsito pessoal banhado de sentidos, a criança vai necessitar de outros ambientes. Surgem aqui outras dimensões que o ambiente adquire: proporcionar o senso de pertencimento e inserção no campo social do ambiente escolar; contar com pessoas significativas a fim de sonhar com um futuro possível (na adolescência a partir do ambiente familiar e não familiar); a necessidade de tomar decisões para o adulto jovem, quer seja por imitação, ou contraposição ao ambiente originário, e as necessidades de decidir por uma carreira, por um par amoroso, estabelecer relações afetivas, criar grupo de amigos, estabelecer uma vida profissional tendo contato com novos ambientes.

Logo, vemos que o ambiente continuamente se apresenta como condição de existência. Do *holding* inicial à necessidade de alteridade ao longo da vida, observamos que o ser humano representa um ser que, para nascer e findar-se, torna-se profundamente afetado, positiva ou negativamente, por seu ambiente, pela sua cultura e pela própria humanidade. Em outros termos, para constituir-se do início (construção de um *self*) ao fim (desconstrução do *self*), depende de um outro.

3. A FINITUDE, A VELHICE E O PERDÃO: REVENDO OS SENTIDOS DA EXISTÊNCIA

Em trabalho anterior (GENARO JUNIOR, 2008) baseado nas concepções teórico-clínicas desenvolvidas por Safra (2004), abordamos questões relativas ao âmbito da subjetividade humana em seus dois registros distintos, tal como o autor apresenta. Penso que tais concepções serão importantes em relação à necessidade de contextualizar o sentido último da vida, a velhice e a necessidade de perdão, como veremos mais adiante.

Em relação a esses dois registros, o primeiro deles – o nível ontológico – refere-se às condições prévias que delineiam as possibilidades de cada existência humana, em seus fundamentos da possibilidade do acontecer humano, relacionadas a seu caráter universal. Do ponto de vista ontológico, o ser humano está aberto à precariedade de sua condição, ou seja, à instabilidade do mundo e às questões que atravessam toda a existência humana (SAFRA, 2004 apud GENARO JUNIOR, 2008).

Já o nível ôntico refere-se à maneira pela qual empiricamente essa condição ontológica acontece na biografia do indivíduo, ou seja, de que maneira os aspectos ontológicos são singularizados, adquirindo uma configuração individual. O nível ôntico abarca o campo da vida

humana, articulado por meio do tempo e do espaço, que são passíveis de representação e de articulação através dos símbolos e da linguagem compartilhada.

Trata-se do registro do factual, daquilo que acontece no mundo, dentro dos registros do tempo e do espaço (SAFRA, 2004 apud GENARO JUNIOR, 2008). No entanto, ainda que a ontologia diga respeito aos próprios fundamentos da condição humana, ela está para além do tempo e do espaço. Apresenta-se sempre como um *a priori* aos aspectos ônticos da experiência humana, apesar de estreitamente dependente destes para sua evidenciação. A respeito desse viés ontológico, Safra (2006b, p. 63) aponta que “o homem, sendo ontologicamente um ente de precariedade, sempre está aberto à compreensão do ser, busca responder às questões da sua origem e de seu fim”.

Observamos que na clínica esse movimento de busca por compreensão se dá continuamente, a cada sessão que se inicia e termina como o movimento natural da vida. Entretanto, com a chegada da velhice, tal necessidade surge de maneira mais urgente. A partir de uma espécie de “*balanço existencial*”, como nos aponta Safra (2006a), além dos aspectos físicos e psíquicos, a pessoa idosa vive inevitavelmente, seja de forma consciente, ou inconsciente, um balanço dos sentidos de sua vida em seu significado maior, para assim poder vir a formular um fim possível ao qual possa destinar a sua existência – experiência fecunda para acolher a própria velhice e a possibilidade de morrer.

Trata-se de um aspecto desenvolvido por Safra (2006b) como teleologia – referente ao *Telos*. Segundo o autor, a finitude determina o homem e, nesse momento da vida – a velhice –, há maior consciência dela do que em outras etapas da vida. Safra (2007, p. 84) afirma que o gesto humano sempre se origina e caminha em direção a um fim, e “essa situação o faz um ente sempre acontecendo entre dois elementos fundamentais: *Arché* e *Telos*.”¹⁶ Há um movimento no ser humano que se relaciona ao anseio do fim” .

Sendo assim, todo gesto humano busca, por meio de uma ação, um fim em si, além de realizar concepções sobre ele a partir da sua própria biografia e ontologia. Cabe reconhecer que esses movimentos entre *Arché* e *Telos* acontecem o tempo todo, mas na velhice isso assume maior dimensão, com o advento da proximidade da morte e da maior noção do que é o tempo. Nesse contexto, observamos, por exemplo, que é comum na clínica com idosos a presença de certa preocupação para que a morte não ocorra no momento em que estejam a sós.

16 Safra recorre à Filosofia para contemplar aspectos essenciais da existência humana e seus desdobramentos na clínica atual. Assim, ao se referir a *Arché*, o autor define como sendo uma faceta da existência aonde tudo se inicia: a origem do gesto, o originário. O mesmo acontece com o termo *Telos*, o qual se refere ao fim, finalidade, conclusão do gesto humano, assim como o findar do próprio ser humano.

Artigo 2

Considerações sobre a clínica psicanalítica
do envelhecimento no SUS: o CRI-Norte

A morte, assim como o nascimento, necessita ocorrer em comunidade para que aconteça a dignidade do nascer e do morrer... Nascer e morrer, para o ser humano, é entrar e sair do mundo humano. Há a necessidade fundamental do homem de que o Outro esteja presente em todo o seu percurso de vida. (SAFRA, 2006b, p. 90-91)

Verificamos aqui toda a dimensão de como, na atualidade, tanto a cultura, quanto a sociedade e a própria família pós-moderna, de forma mais explícita nas grandes cidades, como São Paulo, romperam com o espaço comunitário. Se o novo já é afetado por essas questões, o velho, além de afetado, torna-se desalojado, à margem da possibilidade desse tipo de alteridade, seja para rever questões do passado, seja para formular um fim último possível.

Safra (2006b) refere-se ao fato de que a necessidade de presença do outro tanto no nascimento quanto na morte relaciona-se a presença como condição de interlocução e testemunho, a despeito do fato de a pessoa estar só. A questão reside no fato de que se não há a presença do “outro” a solidão é vivida como absoluta, sem rosto humano (Safra, 2006b).

Nesse tempo legítimo de balanço sobre os sentidos da vida, vivida ou não como realização pessoal, Safra (2006a) assinala uma das necessidades fundamentais na velhice: a de viver diferentes facetas do perdão. Trata-se da possibilidade de poder perdoar a si mesmo, os outros, os planos que não aconteceram, ou outros que não saíram como previsto, em outras palavras, perdoar a própria vida.

Contudo, importante ressaltar que o perdão surge como uma necessidade humana, sem qualquer relação externa, religiosa, dogmática/institucional. O autor reconhece que a vivência do perdão poderá abrir um novo espaço para viver o não vivido, assim como recolocar aquilo que não pôde acontecer e/ou aquilo que ficou impedido por diversos motivos. Isso é necessário para que o idoso possa destinar-se a algo sem perder de vista o horizonte de futuro, ainda que esse seja a própria morte. Assim conjugado, obtém-se a preservação da memória, da história: gesto reparador a toda uma vida.

Nessa perspectiva complexa sobre perdão temos valiosas contribuições do filósofo franco-lituano Emmanuel Lévinas (1905-1995) que aborda, a partir da ética humana, a questão do perdão. O autor reitera e acrescenta as concepções de Safra (2006b) até o momento aqui enfocadas.

Lévinas ([1968] 2003), em sua célebre obra “*Quatro Leituras Talmúdicas*”, aponta que o perdoar não ocorre num nível superior e

muito menos mental, mas sim na potencialidade do próprio gesto humano em poder acolher o mal de outrem, fenômeno denominado por ele como substituição, próprio da experiência da maternidade: um acolher, dar lugar e sustentar o mal do outro, como uma responsabilidade ética.

A redenção apresentada por ele apenas mostra-se viável pela via do perdão, o outro vem antes do eu. Eis a ética como filosofia primeira apresentada pelo autor: sob a perspectiva do gesto humano, somente o perdão poderia desfazer os atos passados, ainda que impensadas as faltas do seu agente, sem que isso redunde num esquecimento e/ou num ressentimento psicológico.

Sendo assim, observamos que o perdão traz consigo uma qualidade temporal, de reversibilidade e continuidade, aspectos importantes quando nos referimos à velhice como resposta à vida e à sua finitude marcada pela morte.

Acrescentando, sob o vértice ontológico, o perdão, segundo Safra (2006b), torna-se então um gesto de desconstrução do si mesmo em direção à humildade; uma certa privação de si, sem a qual aquele fica impedido de acontecer como experiência legítima. Ademais, torna-se uma falácia externa sem qualquer desconstrução; ao contrário, uma encenação mostra-se cada vez mais onipotente, sem perspectiva para o novo.

Dito de outra maneira, o perdão, como gesto de desconstrução, portanto experiência de humildade, é que possibilita a renovação da vida em qualquer etapa. Contudo, observamos na clínica que na velhice ele alcança maior noção: na velhice se necessita perdoar um percurso e, não raras vezes, todo o percurso (SAFRA, 2006b). Nesse sentido, percebemos que o perdão, como ato humano de humildade, trata-se de um processo complexo, requisitando a desconstrução do *self*.

Podemos pensar: “o que dificultaria o perdão?” Observamos que as situações nas quais há a presença do ressentimento são significativas, sendo esta uma problemática da esfera narcísica, impossível de esquecer, pois tal posição é sentida como danosa a si mesmo (KHEL, 2004). Verificamos que a pessoa ressentida não pode renunciar a si mesma em direção ao perdão; ainda se vitimiza, consciente ou inconscientemente, detendo-se numa experiência passada, seja por culpa, ou por necessidade de vingança. Portanto, não podendo ser responsável por seu gesto e por seu próprio destino, o perdão ficaria impedido.

Artigo 2

Considerações sobre a clínica psicanalítica do envelhecimento no SUS: o CRI-Norte

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos, nesse percurso, realizar um trabalho de apresentação e reflexão sobre os aspectos fundamentais específicos da clínica do envelhecimento, orientados a partir da experiência oriunda do serviço de psicologia do CRI-Norte, no qual nos fundamentamos teórica e clinicamente pelos pressupostos da psicanálise de Winnicott e das concepções desenvolvidas por Safra.

Percebemos que as noções apresentadas sobre a velhice, a importância do ambiente, do cuidado humano e do perdão tornam-se condições éticas e inter-humanas fundantes no processo de envelhecimento, mas sobretudo na velhice. Tais aspectos presentes na atividade clínica e no encontro intersubjetivo com o outro, nesse momento de vida, podem fazer que a velhice seja mais bem acolhida, assim como também fornecer um ambiente psicoterapêutico de alteridade, fecundo e que, além de sustentar, pode auxiliar a pessoa idosa na revisão dos sentidos da vida vivida (passado); a partir dessa revisão, essa pessoa poderá, então, destinar-se as suas questões fundamentais.

Desta forma, do *holding* inicial à necessidade de *holding* na cultura, observamos que o ser humano, em seu ciclo vital, consiste num ser de passagem, carente de outrem: do nascer ao morrer a dignidade humana é posta na condição de alteridade.

Como apresentado anteriormente, a velhice é marcada por um processo de contínua desconstrução, vivida no corpo, no social e no próprio *self*. Logo, a clínica do envelhecimento visa oferecer e sustentar lugar e ambiência necessários para o encontro humano, que possa favorecer o sonho do fim último, como também ser espaço de interlocução aos balanços existenciais, a atualização daquilo que não foi, para que se possa *vir a ser* (SAFRA, 2006a). Fazemos aqui uma ressonância de Winnicott ([1971] 2005): “Se eu tiver uma vida razoavelmente longa, espero encolher e tornar-me suficientemente pequeno para passar pelo estreito buraco chamado morte” (p. 249).

Retomando Safra (2004), o ser humano, como ser de passagem, assenta-se entre a origem (*Arché*) e o fim (*Telos*). Tal condição existencial de início e fim evidencia que somos seres precários, mesmo porque sabemos que não há nenhuma garantia da permanência daquilo que criamos. Nesse âmbito, o homem é um ente peregrino, num constante *vir a ser*, que deve realizar-se no seu dia a dia, que é finito e que, na velhice, ganha maior consciência.

Face ao processo reflexivo e multifacetado que a clínica psicanalítica do envelhecimento demanda, o idoso, em sua revisão dos sentidos da vida, como experiência fundamental para envelhecer e morrer, necessita viver várias facetas do perdão, sendo esse apresentado como uma das necessidades elementares nesse momento da vida, como apontado anteriormente.

Em outras palavras, percebemos que a clínica do envelhecimento orientada por essa psicanálise (WINNICOTT; SAFRA) ancora-se na premissa de que todo fim é uma oportunidade para recomeçar. Nesse sentido, dispor de uma instituição/ambiente que ofereça e sustente um lugar de alteridade frente ao processo de desconstrução e de vários lutos, torna-se campo fecundo do cuidado ético na velhice.

Pela via do perdão, a vida pode ser recomeçada, sonhada e findada. Desta forma, tal clínica visa recuperar aspectos fundantes da vida na velhice, tais como: a dignidade, a possibilidade de rever a vida e de findá-la como gesto pessoal de realização, acontecimento, memória do mundo diante do outro. Na condição de humanos, nascemos e morremos frente a outrem. ☺

Artigo 2

Considerações sobre a clínica psicanalítica do envelhecimento no SUS: o CRI-Norte

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GENARO JUNIOR, F. Considerações sobre a constituição do self e da religiosidade na pessoa humana. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 25, p. 527-533, 2008.
- *Produção científica*: dissertações e teses do IPUSP (2009-2013) 2013,105f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.
- *Clínica do envelhecimento: concepções e casos clínicos*. 1.^a ed.: São Bernardo do Campo, SP: Editora Todas as Musas, 2013.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo demográfico do ano de 2010*. Disponível em: <<<http://www.ibge.gov.br/home>>> Acesso em: 01 abr. 2014.
- KEHL, M. R. *Ressentimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- LEI n.10.741, de 1 de outubro de 2003. Dispõe sobre o estatuto do idoso e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, seção 1.
- LÉVINAS, E. *Quatro leituras talmúdicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003. (Trabalho original publicado em 1968)
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE [OMS]. *Guia global: Cidade amiga do idoso*. Genebra: Autor, 2008.
- SAFRA, G. *A face estética do self: teoria e clínica*. São Paulo: Unimarco, 1999.
- *Perspectivas do manejo clínico da experiência religiosa*. In I. G. Arcuri & M. Ancona-Lopez (Orgs.), *Temas em psicologia da religião* (pp. 203-220). São Paulo: Vetor, 2007.
- *Introdução à psicologia clínica*. [DVD]. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Edições Sobornost, 2003.
- *A po-ética na clínica contemporânea*. Aparecida: Idéias e Letras, 2004.
- *A clínica da maturidade* [DVD]. Pós-Graduação em Psicologia Clínica, PUC-SP. Edições Sobornost, 2006a.
- *Hermenêutica na situação clínica: O desvelar da singularidade pelo idioma pessoal*. São Paulo: Edições Sobornost, 2006b.
- WINNICOTT, D. W. Objetos e fenômenos transicionais. In: WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- WINNICOTT, D. W. A capacidade para estar só. In: WINNICOTT, D. W. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 31-37). Porto Alegre: Artes Médicas, 1983a. (Trabalho original publicado em 1958)

- WINNICOTT, D. W. Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: WINNICOTT, D. W. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983b. (Trabalho original publicado em 1963)
- WINNICOTT, D. W. *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990. (Trabalho original publicado em 1988)
- WINNICOTT, D. W. A observação de bebês em uma situação estabelecida. In: WINNICOTT, D. W. *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993a. (Trabalho original publicado em 1941)
- WINNICOTT, D. W. Desenvolvimento emocional primitivo. In: WINNICOTT, D. W. *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993b. (Trabalho original publicado em 1945)
- WINNICOTT, D. W. A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional. In: WINNICOTT, D. W. *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993c. (Trabalho original publicado em 1950-1955)
- WINNICOTT, D. W. A preocupação *materna* primária. In: WINNICOTT, D. W. *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993d. (Trabalho original publicado em 1956)
- WINNICOTT, D. W. O conceito de indivíduo saudável. In: WINNICOTT, D. W. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (Trabalho original publicado em 1968)
- WINNICOTT, D. W. Tipos de psicoterapia. In: WINNICOTT, D. W. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Trabalho original publicado em 1961)
- WINNICOTT, D. W. *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Trabalho original publicado em 1971)

3

Experiências com atividades gerontagógicas

[Artigo 3, páginas de 46 a 67]





Deuzimar Costa Serra

Pedagoga pela Universidade Estadual do Maranhão (Uema). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Docência do Ensino Superior (UFRJ); mestre em Ciências da Educação Iplac/Cuba, reconhecido pela UFC; prof.^a adjunta II da Uema; diretora do Centro de Estudos Superiores de Codó-Cescd/Uema.

deusa_dkg@yahoo.com.br



RESUMO

Este artigo aborda um relato de experiências com atividades gerontagógicas realizadas durante os estudos de doutorado em Educação, cujo tema versa sobre Gerontagogia Dialógica Intergeracional para elevação da autoestima e inserção social dos idosos. A pesquisa consolidou-se no cenário de Caxias-Maranhão com um grupo de pessoas idosas no recorte etário de 60 a 85 anos de idade, todos em processo de alfabetização. As atividades gerontagógicas foram planejadas e executadas como uma das etapas do processo metodológico da pesquisa-ação. O percurso metodológico da pesquisa rendeu experiências que atenderam aos objetivos planejados, tendo como referência círculos de cultura em Freire (1996), e outros aportes teóricos em Bosi (1994), Neri (2001), Cacione (2003), Serra (2012), além da legislação educacional, com destaque ao Estatuto do Idoso em Cordel, que contribuíram para que a metodologia lograsse êxito, tendo como base a garantia e o acesso à educação das pessoas idosas, entendendo que o direito de continuarem aprendendo deve ser discutido e contemplado nas definições de políticas educacionais na modalidade EJA, com oferta em contexto escolar e não escolar. Os resultados convergem para afirmar que a metodologia utilizada a fim de alfabetizar foi significativa aos sujeitos pesquisados, entre os principais: leitura e escrita; conhecimento dos direitos; participação, perseverança e engajamento nas atividades; valorização pessoal; melhoria nas relações com filhos e netos; mudança na concepção sobre velhice e o processo de envelhecimento; e alfabetização digital.

Palavras-chave: relato; experiências; atividades; gerontagógicas.

ABSTRACT

This article discusses the narrative of experiences of activities directed to old people for doctoral studies in education, whose theme is about Intergenerational Dialogic Gerontology Education to increase self-esteem and social integration of the elderly. The research was carried out in Caxias-Maranhão scenario with a group of elderly people ranging from 60 to 85 years old, all in literacy. The gerontology education activities were planned and executed as one of the stages of the methodological process of action research. The methodological research route provided experiences that led to the planned objectives having as reference culture circles reference in Freire (1996), and other theoretical contributions in Bosi (1994), Neri (2001), Cacione (2003), Sierra (2012) besides the education legislation, and especially on the Elderly Statute in Cordel, which contributed to the success of the methodology, based on the guarantee and access to education for older people, understanding that the right to continue learning should be discussed and contemplated in the educational policy settings of the Brazilian Young and Adults Education modality, offering school and non-school context. The results led us to affirm that the methodology used to teach literacy was significant to the research subjects, among the main ones: Reading and writing; rights knowledge; participation, perseverance and engagement in activities; personal development; improved relationships with children and grandchildren; old age and the aging process concept change and digital literacy.

Keywords: reporting; experiences; activities; gerontology education.

1. PRENÚNCIO DAS ATIVIDADES GERONTAGÓGICAS

As atividades gerontagógicas atenderam uma das etapas da pesquisa realizada no município de Caxias, cidade cognominada “Princesa do Sertão Maranhense”, localizada a 360 km da capital do estado, com uma população de 155.202 habitantes segundo IBGE/2010. Com essa descrição inicial, destacamos trechos principais da intervenção gerontagógica, dialógica e intergeracional na perspectiva da formação ao longo da vida, utilizando a pesquisa-ação como escolha metodológica de condução do estudo e aplicação das atividades.

Essa experiência tem como eixo norteador a Gerontagogia, que, segundo Cachioni (2003), define-se como disciplina das ciências da educação. A autora ressalta que a questão da educação antecede o envelhecimento e os seus sujeitos; entende que a Gerontagogia está mais preocupada com o ensino-aprendizagem.

As atividades foram realizadas com 20 (vinte) idosos do Centro de Convivência da Cohab, 5 (cinco) filhos, 5 (cinco) netos dos idosos e 5 (cinco) professoras, neste trabalho denominados, respectivamente, de “águias do amor”, “vida”, “esperança” e de “luz”, destacando que as professoras foram designadas pela Secretaria Municipal de Educação para trabalharem com idosos do referido centro.

Romão (2006) descreve sobre Círculo de Cultura, como metodologia de pesquisa, tendo como referência Freire (1996), que a concebe como uma forma de intervenção no processo educacional, de modo particular na alfabetização, mas também enfatiza a possível utilização como instrumento metodológico de pesquisa, considerando esses estudos e as experiências com alfabetização de jovens, adultos e idosos.

Para o trabalho com alfabetização de idosos, adotamos a concepção em Freire (1987) de educação e alfabetização quando afirma que esse processo não é neutro, ou seja, o ato de educar tem em si uma intenção política. Nessa direção, podemos citar, por exemplo, a aplicação das atividades gerontagógicas com os temas geradores retirados do Estatuto do Idoso, como forma de problematizar o contexto social, por intermédio da leitura de mundo e da palavra.

Nessa perspectiva, entendemos o processo de alfabetizar como um ato que extrapola a decodificação ou mecanização da leitura e da escrita; é, sobretudo, ler e escrever a partir do chão da vida, sendo sujeito de sua palavra e de sua história. Desse modo, a seleção dos temas geradores seguiu as etapas propostas por Freire (1987), na qualidade de plano norteador das atividades nos Círculos de Cultura, quais sejam: pesquisa e seleção dos temas geradores a partir do contexto pesquisado, elegendo

1 Surge no Brasil no começo da década de 1960. Surge no interior de grupos e movimentos da sociedade civil, alguns deles associados a setores de governos municipais, estaduais ou da Federação. Surge como um movimento de educadores, que trazem para o seu âmbito de trabalho profissional e militante teorias e práticas do que então se chamou cultura popular, e considerou-se como base simbólico-ideológica de processos políticos de organização e mobilização de setores das classes populares, para uma luta de classes dirigida à transformação da ordem social, política, econômica e cultural vigente. O lugar estratégico que funda a educação popular é o dos movimentos e Centros de Cultura Popular (BRANDÃO, 2006, p. 82).

os temas relacionados com os direitos fundamentais da pessoa idosa e outros apontados na entrevista, temas geradores que estão gestados de palavras que expressam a vida, o cotidiano, as necessidades e os anseios dos idosos.

Esse formato metodológico de realizar os encontros possibilitou a reflexão acerca da própria realidade para escrever e ler os temas geradores, ou seja, as palavras, frases e os textos que contemplassem o contexto dos sujeitos. A metodologia foi adequada porque é diferente do ambiente escolar: o Círculo de Cultura possibilita a educação popular¹, em que, na visão de Brandão (2006), um saber da comunidade torna-se saber das classes populares, transferido entre grupos e pessoas. Nessa perspectiva este trabalho contemplou os saberes dos idosos inseridos nesse contexto. Ao referir-se a Círculo de Cultura, Paulo Freire, dialogando sobre suas experiências de alfabetização de jovens e adultos, enfatiza:

[...] em lugar de escola, que nos parece um conceito, entre nós, demasiado carregado de passividade, em face de nossa própria formação (mesmo quando lhe dá o atributo de ativa), contradizendo a dinâmica fase de transição, lançamos o Círculo de Cultura. Em lugar do professor, com tradições fortemente “doadoras”, o coordenador de debates. Em lugar de aula discursiva, o diálogo. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o participante de grupo. Em lugar dos “pontos” e de programas alienados, programação compacta, “reduzida” e “codificada” em unidades de aprendizado (FREIRE, 1996, p. 111).

Nesse propósito, lembramos que os Círculos de Cultura facilitaram o trabalho em equipe, os diálogos, a troca de saberes e experiências que foram sedimentadas com a participação livre e nas relações interativas dos idosos, e a definição dos temas geradores na perspectiva da educação libertadora foi desafiadora para selecionar uma metodologia que abarcasse os objetivos da pesquisa, como bem confirma Freire (1987, p. 87):

Uma metodologia que não pode contradizer a dialogicidade da educação libertadora. Daí que seja igualmente dialógica. Daí que conscientizadora também proporcione, ao mesmo tempo, a apreensão dos “temas geradores” e a tomada de consciência dos indivíduos em torno dos mesmos.

Com esse entendimento, afirmamos que a coerência metodológica implica uma postura dialógica; isso começa pelo exemplo de quem educa, das suas convicções pedagógicas, por isso Freire (1996), na Pedagogia da autonomia, destaca a importância do diálogo e a sua prática para uma educação humanizadora; aborda ainda a corporificação pelo educador das palavras pelo exemplo.

2. AS ATIVIDADES GERONTAGÓGICAS COMO ETAPA DA METODOLOGIA DA PESQUISA X CÍRCULOS DE CULTURA

Após observação e diagnóstico, realizamos 20 (vinte) encontros para aplicar atividades gerontagógicas, com temas geradores, selecionados a partir das entrevistas e sugestões das “águias do amor” (idosos) e do Estatuto do Idoso, agrupando em temas: Direitos, Vida, Educação, Saúde, Família, Valores, tais como: ética, respeito, justiça, fraternidade, diálogo, responsabilidade e solidariedade; Trabalho, Cultura, Participação, Relações Intergeracionais, envolvendo rodas de leitura e diálogos.

Entre as atividades, foram realizadas: produção de pequenos textos; momentos de lazer, com o boi brilho das gerações, de terapia (por meio de música, movimentos físicos, caminhada e passeios); círculo de cultura religiosa (momentos de espiritualidade); encontros entre as gerações, envolvendo filhos e netos em datas comemorativas, palestras e estudos; articulação com a Secretaria de Saúde para consulta de vista; campanhas de solidariedade, a exemplo da campanha “Adote um idoso”, para doações de armações e lentes de óculos; eventos significativos: Viagem a São Luís para conhecer a Universidade Estadual do Maranhão, as praias, Projeto Reviver², São José de Ribamar; e seminários intergeracionais; ciclo de palestras na área da saúde; visita à Schincariol e sessão de filmes educativos, a exemplo de “O estudante” e “Up”.

A memória, a participação e a interação das “águias do amor” (idosos) sempre foram perceptíveis pelo carinho e pela sinergia contagiante, desde o primeiro convite e os contatos entre si, visitando as casas um do outro, telefonando, mandando recados, combinando para que todos estivessem presentes; assim foi se construindo esse percurso de troca de saberes e experiências com pessoas sedentas de continuarem

2 O Projeto Reviver buscou recuperar e revitalizar o conjunto arquitetônico do Centro Histórico de São Luís, conforme website disponível em: <<http://www.guiasaoluis.com.br/mapag02.htm>>.



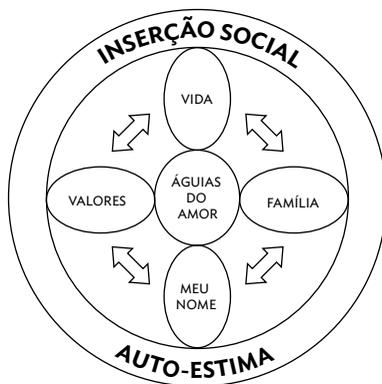
... Pedagogia da autonomia, destaca a importância do diálogo e a sua prática para uma educação humanizadora; aborda ainda a corporificação pelo educador das palavras pelo exemplo.

vivendo com sentido, partilhando sonhos e realidades, aprendendo e ensinando uma nova trilha, como se estivessem em busca do tempo perdido, não desfrutado, mas confiantes de acharem algo que pudessem conduzi-los a uma vida mais feliz.

Para além de todo e qualquer propósito colocado a cada encontro, fortaleceu laços de amizade, preocupações de uns com os outros, relembrando Bosi (1994, p. 37), referindo-se a uma pesquisa realizada com idosos: “Esse vínculo não traduz apenas uma simpatia espontânea que se foi desenvolvendo durante a pesquisa, mas resulta de um amadurecimento de quem deseja compreender a própria vida revelada do sujeito”.

Os encontros foram realizados seguindo o plano de trabalho, conforme destaque nas mandalas; iniciando com reflexão, música ou relaxamento como forma de acolher e inserir a temática. Os temas foram destacados em mandalas; entre as principais:

Figura 1 - Temas Geradores: Inserção Social e Autoestima



Fonte: Elaborado pela autora/2011.

2.1 TEMAS GERADORES

2.1.1 MEU NOME

O diálogo em torno da importância de si mesmo, da origem do nome e das relações consigo mesmo e com o outro, possibilitou conhecer melhor uns aos outros e integrar o grupo na atividade, utilizando o texto da águia e a dinâmica de apresentação dos nomes com as vogais.

Roteiro do Círculo de Cultura do tema Meu Nome:

- a) Diálogo sobre a origem do nome (conversa dois a dois);
- b) Reflexão sobre o texto da águia:

Texto da Águia

Os biólogos que estudam as águias dizem que essas aves possuem a maior longevidade da espécie, chegando a viver 70 anos. Mas, para chegar a essa idade, aos 40 anos elas têm de tomar uma séria e difícil decisão. Nesse período, suas unhas estão compridas e flexíveis, por isso não conseguem mais agarrar as presas das quais se alimentam. Os bicos alongados e pontiagudos estão curvos, apontando contra o peito. As asas estão envelhecidas e pesadas por causa da espessura das penas e voar é quase impossível. Nesse momento, a águia só tem duas alternativas: morrer ou enfrentar um doloroso processo de renovação que terá duração de 150 dias. Esse processo consiste em voar para o alto de uma montanha e se recolher em um ninho próximo de um paredão onde ela não necessite voar. Ao encontrar esse lugar, a águia começa a bater com o bico em uma parede até arrancá-lo, com grande dor. Então ela espera nascer um novo bico, com o qual arrancará suas unhas velhas. Quando as novas unhas começam a nascer, ela passa a arrancar as velhas penas. E só após cinco meses sai para o famoso voo de renovação e mais 30 anos de vida.

Texto do Livro *Reencontro consigo mesmo*

Autor: Osório Torres de Freitas

Edições Paulinas, 2003

c) Exercícios práticos com dinâmica (qual é o seu nome) (dinâmica das vogais) – gestos: A (se abraçar), E (estender as mãos à frente), I (suspender um braço), O (com os braços, gesticular no formato de barri-ga), U (esticar as duas mãos para cima).

Essa temática contribuiu para que as “águias do amor” revelassem a história sobre o nome, quem colocou o seu nome, onde, por quê, se gosta do nome, e ainda como gostaria que fosse seu nome; esse diálogo rendeu muito, pois surgiram várias trocas de informações para que as águias procurassem remontar uma trajetória, buscando na linha do tempo a memória de dados importantes, tais como: o nome é (...) porque (...) e ainda o quanto é importante ser chamado pelo nome, gostar e valorizar o nome.



“Esse vínculo não traduz apenas uma simpatia espontânea que se foi desenvolvendo durante a pesquisa, mas resulta de um amadurecimento de quem deseja compreender a própria vida revelada do sujeito”

2.1.2 FAMÍLIA

Tendo como cerne refletir sobre a família no atual contexto social, dialogamos em torno dessa temática para reconhecer a importância da família na formação do ser humano como primeira escola da vida.

Roteiro do Círculo de Cultura do tema Família:

- a) Ouvir a música “Oração da família”, do padre Zezinho;
- b) Diálogo sobre o contexto da família, com base nas questões: O que é família? Importância? Qual a realidade da família atual? Como viver em família? Relacionar os problemas enfrentados na família;
- c) Construir a árvore genealógica da família;
- d) Escrever palavras, frases e parágrafos tendo como referência a música “Oração da família”:

Música “Oração da Família”

(Pe. Zezinho)

1. Que nenhuma família comece em qualquer de repente./
 Que nenhuma família termine por falta de amor./ Que o casal seja um para o outro de corpo e de mente./ E que nada no mundo separe um casal sonhador.
2. Que nenhuma família se abrigue debaixo da ponte;/
 Que ninguém interfira no lar e na vida dos dois./ Que ninguém os obrigue a viver sem nenhum horizonte;/ Que eles vivam do ontem, no hoje e em função de um depois.
3. Que a família comece e termine sabendo onde vai/ E que o homem carregue nos ombros a graça de um pai./ Que a mulher seja um céu de ternura, aconchego e calor/ E que os filhos conheçam a força que brota do amor.

Refrão: *Abençoa, Senhor, as famílias, Amém!/ Abençoa, Senhor, a minha também!*

No decorrer do diálogo sobre a família, percebemos o quanto esse tema mexeu com a emoção, afetividade e amor expressos na fala, por exemplo, de uma das águias: “Se a família desse sossego para o idoso, ele viveria em paz e tranquilo, teria mais prazer em viver”.

As reflexões em torno dessa temática demonstram que a família ainda é para as “águias do amor” (idosos) um porto seguro, o seu pilar, mas, quando ocorre algum problema, a tristeza e a decepção ficam estampadas no rosto dessas águias.

Os gestos e as palavras dialogadas reforçam o desejo de ver e ter principalmente os filhos e netos realizados, felizes com o seu projeto de vida;

ao mesmo tempo apresentam insatisfação por questões vinculadas à desobediência e a outros problemas de relacionamento, muito presentes na fala, na forma como filhos ou netos ignoram os conselhos, as orientações, como algo ultrapassado e em desuso, como bem explicita Bosi:

Integrados em nossa geração, vivendo experiências que enriquecem a idade madura, dia virá em que as pessoas que pensam como nós irão se ausentando, até que poucas, bem poucas, ficarão para testemunhar nosso estilo de vida e pensamento. Os jovens nos olharão com estranheza, curiosidade; nossos valores mais caros lhes parecerão dissonantes e eles encontrarão em nós aquele olhar desgarrado com que, às vezes, os velhos olham sem ver, buscando amparo em coisas distantes e ausentes (BOSI, 1994, p. 75).

Os diálogos em torno dessa temática também proporcionaram a discussão das relações intergeracionais, e, durante o Círculo de Cultura, todas as “águias do amor” concordaram que o respeito é fundamental nas relações: mesmo com os problemas, é preciso usar de compreensão e respeito acima de tudo.

2.1.3 VIDA E VALORES (DOIS ENCONTROS)

O diálogo girou em torno da valorização da vida como um bem precioso, refletindo sobre a aceitação de si mesmo e dos outros, e ainda em função de aprender a aceitar e respeitar as diferenças.

Roteiro do Círculo de Cultura dos temas Vida e Valores:

- a) Leitura compartilhada do texto da música “É preciso saber viver” (Roberto Carlos) e da música “O que é, o que é”, de Gonzaguinha;
- b) Diálogo sobre o tema VIDA: O que é vida? Importância? O que significa saber viver?
- c) Apresentar faixas com os valores e o lugar desses valores na vida de cada um;
- d) Reflexão a respeito dos textos das músicas;
- e) Reflexão sobre a parábola: A ilha dos sentimentos;
- f) Dialogar sobre os textos;
- g) DINÂMICAS: Balões com 50 palavras que expressam valores (trocar balões com os colegas, cumprimentando), formando frases que expressam a relação da educação com o valor encontrado;
- h) Diálogo sobre a dinâmica, relacionando com os textos discutidos;
- i) Outras atividades, localizar palavras, sublinhar, destacar, escrever, criar frases sobre a temática.

Nesse Círculo de Cultura, reafirmamos a importância das relações intergeracionais na perspectiva do resgate dos valores, pois, com o advento da modernidade, da industrialização, a mobilidade geográfica das populações para os grandes centros urbanos, o fenômeno do consumismo e o individualismo acarretaram, conseqüentemente, alterações na esfera familiar bem como no modo de vida das pessoas mais velhas.

Partindo do pressuposto de que as relações intergeracionais são fundamentais para superar conflitos e conseguir equilíbrio nas relações interpessoais de uma geração a outra, como um componente pedagógico indispensável na relação docente educativo para construir ou reconstruir e vivenciar valores, destacamos um modelo elaborado ao longo da pesquisa, que representa um ciclo de valores essenciais para o trabalho pedagógico, tendo como foco as relações intergeracionais.

Figura 2 - Tema Gerador: Ciclo de valores essenciais nas relações intergeracionais



Fonte: Elaborado pela autora/2011.

2.1.4 TRABALHO

O diálogo em torno da importância do trabalho fortaleceu a valorização de todo tipo de trabalho, como forma de dignificar o ser humano.

Roteiro do Círculo de Cultura do tema Trabalho:

- a) Leitura compartilhada do texto da música: “Cidadão”;
- b) Reflexão da parábola da Vaquinha;
- c) Diálogo sobre o tema Trabalho: tipos; importância.

Durante o diálogo, as “águias do amor” (idosos) ficaram entusiasmadas, porque esse tema mexeu com a vida de todas, e logo iniciaram dialogando sobre o tipo de trabalho a que se dedicaram, sobressaindo

a roça, com plantio e colheita, fazer coivara, criação de galinhas e porcos, tudo como meio de garantir a sobrevivência, criar e manter seus filhos. Esse tema foi marcante, pois sem dúvida favoreceu momentos para recordar, dialogar, refletir e valorizar todo tipo de trabalho. Na sequência, podemos observar na foto aplausos para todas as águias pelas experiências e pela coragem de continuar ocupando sua rotina diária com atividades domésticas, e ainda se deslocando para o campo, no período propício para plantio e colheita.

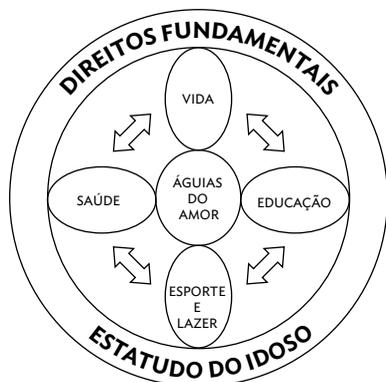
O Estatuto do Idoso: para trabalhar temas vinculados ao Estatuto do Idoso foram realizados 5 (cinco) encontros, tendo como material didático o Estatuto do Idoso em Cordel:

Figura 3 - Estatuto do Idoso em Cordel



Fonte: Produzido com acadêmicos do Curso de Pedagogia.

Figura 4 - Tema Gerador: Estatuto do Idoso (direitos fundamentais)



Fonte: Elaborado pela autora/2011.

Lei Nº 10.741, de 1/10/2003, e os direitos fundamentais: Vida, Saúde, Educação, Esporte e Lazer, Trabalho e Previdência Social.

Roteiro do Círculo de Cultura do tema Estatuto do Idoso:

a) Leitura de trechos da lei, utilizando o retroprojetor e datashow;
b) Produção de frases e parágrafos sobre os direitos fundamentais dos idosos;

c) Leitura de trechos da lei em cordel:

Se por acaso alguém souber
Que um idoso foi maltratado
Procure a delegacia
E dê parte do desgraçado
Vamos colocá-lo na cadeia
O infeliz desalmado.

Ser idoso ou ser jovem, já dizia Paulo Freire
Não depende da idade, mas da forma
Como o ser pensa e age no mundo
Porque para ser feliz não há uma norma
Tem que haver harmonia
Liberdade que integra e transforma.

Os Círculos de Cultura, a partir dos temas geradores do Estatuto do idoso foram interessantes, pois os idosos ficavam atentos, acompanhando e discutindo sobre os direitos garantidos, no entanto todas as “águias do amor” (idosos), no primeiro encontro sobre essa temática, expressavam que há um distanciamento entre a lei e a realidade.

Aos poucos as “águias do amor” foram construindo pequenas frases e parágrafos manifestando o interesse e o domínio escrito dos pensamentos construídos, apresentando uma leitura de vida, pausada nas memórias de fatos que negligenciaram ou violaram seus direitos, com destaque para uma frase adotada por todas: “Velho é o teu preconceito”.

As discussões em torno dos direitos estabelecidos pelo Estatuto do Idoso mexeram com o contexto vivenciado, permitindo a consciência desses direitos e ao mesmo tempo das obrigações que a própria lei impõe, quando também atribui à família o dever de zelar e cuidar dos idosos. Durante essas discussões identificamos nas falas das “águias do amor” exemplos de fatos ocorridos em casa e em outros espaços sociais, expressos nas emoções positivas quando se referiam aos direitos adquiridos pelo Estatuto.



As discussões em torno dos direitos estabelecidos pelo Estatuto do Idoso mexeram com o contexto vivenciado...

Interessante que, ao final dos encontros, notamos a participação e interação com situações relacionadas a saber exigir mais seus direitos; quando, por exemplo, uma águia relatou que tinha sido mal atendida nos postos de saúde e em outros estabelecimentos públicos e retrucou argumentando ter conhecimento dos direitos, exigindo respeito e um bom tratamento.

2.1.5 CÍRCULOS DE LEITURA

Para investir na leitura, foram realizados 5 (cinco) encontros, com temas vinculados à vida das águias; entre os principais: leitura e escrita do nome, vida, valores, família, trabalho, tendo como objetivo escrever e ler palavras, frases e pequenos parágrafos.

Roteiro do Círculo de Cultura, revisando os temas: nome, vida, valores, família e trabalho:

- a) Leitura das palavras no formato de uma corrente;
- b) Leitura e escrita de palavras, frases e parágrafos;
- c) Corrente para colagem das letras no formato de uma corrente;
- d) Música: “De Teresina a São Luís”, de João do Vale e Helena Gonzaga;
- e) Dialogar sobre a música e analisar a letra da música:

Música “De Teresina a São Luís”

Compositores: João do Vale e Helena Gonzaga | Voz: Alcione

1. Peguei o trem em Teresina pra São Luís do Maranhão, atravessei o Parnaíba, ai, ai, que dor no coração.
Refrão: O trem danou-se naquelas brenhas, soltando brasas, comendo lenha (bis) e soltando brasas, tanto queima como atrasa. (bis)
2. Bom dia, Caxias, terra morena de Gonçalves Dias, Dona Sinhá, avisa pra seu Dá, que hoje estou muito avexado, desta vez não vou ficar.
3. Boa tarde Codó, o folclore Catibó, gostei de ver meninas de bom trato, vendendo aos passageiros de comer mostrando o prato.
4. Alô Coroatá, os cearenses acabam de chegar, pra meus irmãos uma safra bem feliz, vocês vão para Pedreiras que eu vou pra São Luís.

f) Leitura compartilhada; apresentação dos nomes escritos;
g) Na sequência, foi explorado um gênero textual muito presente na história de vida dos idosos: a carta (para esta atividade, os idosos trouxeram cartas);

h) Leitura de cartas recebidas;

i) Observar as diferenças entre a linguagem oral e a escrita;

j) Diálogo com as “águias do amor” sobre o envio e recebimento de cartas.

Roteiro do diálogo:

a) Leitura e discussão do texto poético de Cora Coralina:

Texto Poético: Cora, Coralina, Quem é Você?

(Cora Coralina – 1889-1985)

1. Sou mulher como outra qualquer. Venho do século passado e trago comigo todas as idades.
2. Sobrevivi, me recompondo aos bocados, à dura compreensão dos rígidos preconceitos do passado. Preconceitos de classe. Preconceitos de cor e de família. Preconceitos econômicos. Férreos preconceitos sociais.
3. A escola da vida me experimentou as deficiências da escola primária que outras o destino não me deu. Foi assim que cheguei a este livro sem referências a mencionar. Nenhum primeiro prêmio. Nenhum segundo lugar.
4. Nem Menção Honrosa. Nenhuma Láurea.
Luta, a palavra vibrante que levanta os fracos e determina os fortes. Quem sentirá a Vida destas páginas... Gerações que hão de vir de gerações que vão nascer.

Os Círculos de Cultura, sobre leitura, tiveram sua culminância com a participação oral e escrita dos idosos que demonstravam o desejo de continuar esse exercício como forma de garantir melhor desempenho nas suas atividades de rotina de vida, tais como: ler e escrever o nome, a Bíblia, o Estatuto do Idoso, comunicar-se melhor.



"Sou mulher como outra qualquer. Venho do século passado e trago comigo todas as idades."

Figura 5 - Tema Gerador: Ciclo da Vida (características da idade)



Fonte: Elaborado pela autora/2011.

TEMA: O Ciclo da Vida em quatro estações (5 encontros)

Essa temática envolveu a participação de todas as “águias do amor”, propiciando reflexões que aos poucos conduziram na fluência de novos conceitos sobre a vida e o envelhecer.

Roteiro:

- a) Início do diálogo com as músicas: “Como uma onda” (Tim Maia) e “Tempo rei” (Lobão);
- b) Compreender as fases da vida e suas características;
- c) Diálogo sobre o Ciclo da Vida, comparando as quatro estações do ano;
- d) Leitura compartilhada dos textos: “A velhice”, de Rubem Alves, e de Esther Harding (autora de estudos sobre a vida e as quatro estações):

Texto “A Velhice”

Rubem Alves

1. Por oposição aos gerontologistas, que analisam a velhice como um processo biológico, me interesso pela velhice como um acontecimento estético.
2. A metáfora mais bonita que conheço para a velhice é o crepúsculo, o pôr do sol. O crepúsculo é lindo. Faz pensar.
3. No crepúsculo tomamos consciência da rapidez do tempo... No crepúsculo sentimos o tempo fluir rapidamente.
4. Por isso muitas pessoas têm medo dele. A famosa “happy hour” foi inventada como terapia para a tristeza do crepúsculo...
5. A juventude eterna, que é o padrão estético dominante em nossa sociedade, pertence à estética das manhãs.
6. As manhãs têm uma beleza única que lhes é própria. Mas o crepúsculo tem outro tipo de beleza, totalmente diferente da beleza das manhãs.

7. A beleza do crepúsculo é tranquila, silenciosa, talvez solitária. No crepúsculo, tomamos consciência do tempo.
8. Ao sentir a passagem do tempo, nós nos apercebemos de que é preciso viver o momento intensamente.
9. Tempus Fugit (o tempo foge), portanto, Carpe Diem – colha o dia. No crepúsculo, sabemos que a noite está chegando. Na velhice sabemos que a morte está chegando.
10. E isto nos torna mais sábios e nos faz degustar cada momento como uma alegria única. Quem sabe que está vivendo a despedida olha para a vida com olhos mais ternos.

e) Diálogo sobre velhice, com dicas sobre como viver melhor e ter longevidade, adotando um novo estilo de vida em relação a hábitos alimentares, exercícios físicos, espiritualidade e convivência com amigos; em sintonia com os estudos de um geriatra, Moriguchi corrobora afirmando que,

[...] a longevidade com saúde, ou seja, o envelhecimento bem-sucedido depende de vários fatores, mas principalmente o estilo de vida [...]. Como estilo de vida, estariam em primeiro lugar, certamente, os hábitos da alimentação, em segundo, a atividade física, o aspecto familiar e social, da religiosidade e da prática da espiritualidade (MORIGUCHI, 2003, p. 12-13).

Durante o diálogo, refletimos sobre a teoria de Harding, aluna de Jung, que compara a vida com as quatro estações do ano: primavera, do nascimento até a maioridade; o verão, a maturidade; o outono, a fase entre os 40 e 60 anos; e o inverno, a velhice. Dessa forma, a autora relaciona o ciclo da vida com a época propícia para semear, colher e, no diálogo, percebemos que assim é a vida do ser humano: para colher, precisa conhecer suas estações. Interessante ainda foram as características citadas pelas “águias do amor” sobre o que ocorre em cada estação do ano, e, ao mesmo tempo, com a vida do ser humano, ressaltando que em todas as idades podem surgir dores, doenças ou limitações. O importante é ser feliz na condição e idade que se vivem.

No diálogo sobre as fases e características da vida a partir dos 60 anos, adotamos também Erik Erikson (1998), a partir das conclusões de Neri (2001):

A teoria de ciclo de vida de Erikson representa dois avanços em relação às teorias clássicas do desenvolvimento. Um foi a consideração da vida humana em toda sua extensão. O outro avanço consistiu na proposição

de que as influências socioculturais contextualizam a manifestação e a resolução das crises evolutivas do ciclo de vida (NERI, 2001, p. 13).

Nessa abordagem, citamos a classificação etária da OMS (Organização Mundial da Saúde), que define a idade do ser humano em: idade da pessoa mais velha ou terceira idade (61 a 75 anos), idade da pessoa velha ou quarta idade (75 a 90 anos) e idade da pessoa muito velha ou anciã (mais de 90 anos).

A partir desse diálogo observamos que, embora enfrentando conflitos existenciais, perdas e ganhos, os idosos trazem consigo marcas históricas que determinam a sua forma de pensar e agir no mundo, alimentando com otimismo e esperança dias melhores, como notamos a expressão de fé e espiritualidade durante as atividades, solicitando momentos de oração e louvor a Deus, uma prática muito presente no estilo de vida dos idosos pesquisados.

Durante os Círculos de Cultura nos deparamos com um diagnóstico realizado por um oftalmologista, parceiro do projeto, para verificar a necessidade de mudança de óculos, pois as “águias do amor” se queixavam que não enxergavam bem na hora das leituras. Com esse propósito, articulamos uma campanha com o slogan “Adote um idoso”, e com a participação de pessoas da comunidade conseguimos doações de armações e das lentes, por meio de uma ótica que facilitou os preços, e os doadores adotavam um(a) idoso(a) e se deslocavam até a ótica para pagamento.

Paralelamente aos Círculos de Cultura foram realizados vários eventos para integrar outras gerações (filhos e netos) e professores da Educação de Jovens e Adultos, com as seguintes temáticas:

Figura 8 - Tema Gerador: Eventos (atividades em parceria)



Fonte: Elaborado pela autora/2011.

Figura 9 - Tema Gerador: Dia do Idoso (oficinas)



Fonte: Elaborado pela autora/2011.

a) Encontro intergeracional para comemorar o Dia do Idoso: com a participação de professores da Educação de Jovens, Adultos e Idosos, filhos, netos e acadêmicos da Universidade Estadual do Maranhão (Uema), com várias oficinas, tais como: Corpo e Movimento; Educação para o Envelhecimento; Roda de Leitura Intergeracional; Prevenir para Viver Melhor; Noções de Informática.

Essas temáticas foram orientadas e coordenadas pelos alunos dos Cursos de Enfermagem, Pedagogia e Letras do Centro de Estudos Superiores de Caxias e Timon, da Universidade Estadual do Maranhão.

b) “Boi Brilho das Gerações” – o encontro das gerações, tendo como objetivos gerais: promover atividades com o bumba meu boi para cultivar e resgatar as raízes e a identidade cultural maranhense e propiciar momentos de integração entre gerações, envolvendo idosos, filhos e netos, com a letra da música em destaque:

“Boi Brilho das Gerações”

Compositora: Deuzimar Costa Serra

Refrão: Chegou (bis) o boi Brilho das Gerações, pra brincar neste terreiro, com muita animação (bis) É rapaziada! É moçada!

1. O boi Brilho das Gerações encantou os corações com a presença de todos, integrou as gerações.
2. A vida tem mais valor quando tem paz e amor entre as gerações construindo um mundo irmão. (novo)
3. Escute ó gerações, ouçam bem com atenção na vida só é feliz quem respeita o seu irmão.

4. A Deus rendemos graças pela vida que nos foi dada, por todas gerações e a experiência acumulada.
5. A princesa do sertão é Caxias do Maranhão, berço dos poetas, o brilho das gerações.
6. Adeus, já vou embora, agradeço pela atenção, qualquer dia eu volto pra animar este terrão.

O tema Estatuto do Idoso, com foco na educação continuada, qualidade de vida e longevidade, teve como objetivo geral favorecer um encontro entre gerações, espaço para estudar, refletir, dialogar e trocar experiências na perspectiva de congregar ações educativas que contribuam para autoestima, educação continuada, qualidade de vida e longevidade.

Nas atividades realizadas com professores, elaboramos uma proposta de conteúdos para trabalhar no processo de alfabetização dos idosos, que também contempla educação para o envelhecimento saudável, com o eixo temático: Aprendendo e Ensinando para Viver Melhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências com atividades gerontagógicas foram indispensáveis para constatar que é possível incluir, nas políticas educacionais direcionadas à Educação de Jovens e Adultos, propostas curriculares que contemplem as pessoas idosas, sujeitos de direito da EJA, por isso optamos por denominar EJAI. Para tanto é primordial que haja planejamento e ações educativas em contextos escolares e não escolares, como forma de contribuir e reverter os baixos indicadores de analfabetismo e outros níveis de escolaridade na faixa etária adulta e idosa, recorrendo a estratégias pedagógicas, a exemplo da pedagogia freiriana, entre outras que contribuem para o sucesso do processo de ensino e aprendizagem.

Nesse enfoque, as propostas dos Cursos de Formação de Professores, principalmente de Pedagogia, devem contemplar as competências necessárias para atuação, de modo especial nas turmas de Educação de



... é possível incluir, nas políticas educacionais direcionadas à Educação de Jovens e Adultos, propostas curriculares que contemplem as pessoas idosas...

Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), ancorada na contribuição da Gerontagogia, a partir dos novos paradigmas sobre velhice e envelhecimento, e assim contribuir com a educação ao longo da vida.

Aprendizagem ao longo da vida é o diferencial – princípio norteador – para a EJAI. Apropriamo-nos desse referencial, munidos do respeito às diferentes formas de educar e aprender, dos valores inclusivos, emancipatórios e democráticos, como trata o documento “Marco de Ação de Belém” para reforçar uma agenda voltada à educação ao longo da vida, “do berço ao túmulo”, que inclua os idosos, observando e considerando suas contribuições, histórias e memórias construídas e retransmitidas a outras gerações como ponto de partida para também construir políticas educacionais pungentes, gestadas de conteúdos e temas que alimentem e deem sentido ao curso da vida. ↻

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação popular*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- CACHIONI, Meire. *Quem educa os idosos? Um estudo sobre professores de universidades da terceira idade*. Campinas: Alínea, 2003.
- CHOPRA, D. *Corpo sem idade, mente sem fronteiras: alternativa quântica para o envelhecimento*. 2. ed. Tradução de Haroldo Netto. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1987.
- *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz & Terra, 1996.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo 2010*. Brasília, DF, 2010.
- JUNG, C. G. *The stages of life*. Londres: Princeton University Press/Routledge & Kegan Paul, 1972.
- MORIGUCHI, Dr. Emílio. Idoso, precisamos de tua sabedoria. *Jornal Mundo Jovem*, Porto Alegre, p. 12-13, mar. 2003. (Seção Sociologia).
- NERI, Anita Liberalesso. *Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. Campinas: Papyrus, 2001.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. *Marco de Ação de Belém: sexta Conferência Internacional de Educação de Adultos*. Belém, 2009.
- ROMÃO, José Eustáquio. *Círculo epistemológico-Círculo de cultura como metodologia de pesquisa*. Educação & Linguagem, São Bernardo do Campo, ano 9, n. 13, p. 137-195, jan./jun. 2006.
- SERRA, Deuzimar Costa. *Gerontagogia Dialógica Intergeracional para autoestima e inserção social de idosos*. 2012. 300 f. Tese (Doutorado) – Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

4

A psicologia das derradeiras fases da vida

[Artigo 4, páginas de 68 a 83]





José Carlos Ferrigno

José Carlos Ferrigno é psicólogo, gerontólogo, mestre e doutor em Psicologia pela USP. Especialista em Relações Intergeracionais pela Universidade de Granada.

jcferrigno@gmail.com



RESUMO

O presente ensaio tem como objetivo levantar algumas questões que possam colaborar para a difícil e complexa compreensão da velhice e do processo de envelhecimento humano. Conceitos da Psicologia como identidade, personalidade, subjetividade, sujeito psíquico, entre outros, buscam dar suporte aos estudos dos fenômenos afetivos e cognitivos supostamente típicos dessa etapa da vida. Em temas como este, a análise deve transitar todo o tempo entre características individuais herdadas e adquiridas e partir da premissa de que somos construídos física e psiquicamente ao longo da evolução ontogenética (percurso individual que vai do nascimento à morte) e da evolução filogenética (que diz respeito às mutações da espécie processadas ao longo de milhares de anos em estreita interação com o meio ambiente físico e sociocultural). Tal construção é, portanto, sempre forjada pela articulação do biológico, do psíquico e do social. Esta reflexão sobre possíveis características da velhice se assenta sobre a constatação acerca da ampla diversidade de histórias de vida dos que envelheceram e das variáveis culturais e econômicas de uma sociedade complexa como a nossa. Inicialmente, tento algumas aproximações com o auxílio da noção de identidade social. Em seguida, são sistematizadas algumas reações psicológicas mais comuns perante o processo de envelhecimento, levando em conta o impacto do tratamento social dado ao velho e as formas de autopercepção da velhice. Por fim, considerações são feitas em torno da contribuição social dos idosos e da ideia de sabedoria de vida como uma possível conquista da maturidade.

Palavras-chave: envelhecimento; psicologia; identidade social; autoimagem.

ABSTRACT

This essay aims at raising some questions that could help the hard and complex understanding about old age and the human aging process. Concepts from Psychology such as identity, personality, subjectivity and psychical subject, among others, are provided to offer support to the studies of affective and cognitive phenomena supposedly typical of this life moment. In such themes, the analysis must be done all the time considering the inherited and acquired individual characteristics and from the premise that we are built physically and psychically along the ontogenetic evolution (individual route from birth to death) as well as phylogenetic evolution (related to the mutations of human species done along thousands of years in close interaction with the environment, in a physical, social or cultural manner). Such framing has been therefore always forged by biological, social and psychical links. This reflection about possible characteristics of old age is based on the large diversity of life stories of those who got old and from cultural and economical variables of a complex society like ours. Initially, I try some approaches using some help from the notion of social identity. Then, some most common psychological reactions of the aging process are systematized considering the impact of social treatment given to the elderly and the ways of self-awareness of old age. Finally, some considerations are done about the social contribution of the elderly and also the idea of life wisdom as a possible achievement of maturity.

Keywords: aging; psychology; social identity; self image.

A BUSCA POR UMA IDENTIDADE DA VELHICE

De início um esclarecimento: a razão do título deste artigo é que esta reflexão busca englobar não apenas o período da velhice propriamente dita, que para alguns tem início convencionalmente aos 60 anos e para outros aos 65 anos, mas também a chamada meia-idade, que é uma importante fase transicional. A velhice, por sua vez, pode ser subdividida em dois momentos. O primeiro diz respeito à chamada terceira idade, que vai dos 60 aos 80 anos aproximadamente, abrangendo os chamados “jovens velhos”. O segundo momento é o da quarta idade ou velhice avançada, formada pelos “velhos velhos”.

Introdutoriamente, eu creio ser importante deixar registrado que falamos sobre a velhice com o nosso próprio envelhecimento. Quando jovens, falamos influenciados pelo velho que está sendo lentamente gestado dentro de nós; quando maduros, com o velho que já se instalou em nosso psiquismo, mas que dele não se apropria integralmente, já que, como veremos adiante, em nosso inconsciente não envelhecemos jamais.

Como premissa e balizamento para esta reflexão, fixemos a ideia de que, para além das determinações naturais, as culturas humanas pré-históricas e históricas produzem significações para cada uma das etapas da existência do *Homo sapiens*. Regras de conduta são institucionalizadas para as diferentes etapas da vida e são expressas por meio do desempenho de papéis e posições sociais. Nessa perspectiva é que devemos pensar o que nossa sociedade espera de cada geração e, em particular, de seus velhos, e, ainda, o que estes esperam da sociedade e de si mesmos, nosso foco neste artigo.

Quem é o velho? O que sente, o que pensa, o que quer? Estas são perguntas que nos convidam a buscar características de personalidade comuns àqueles que envelhecem e que nos levam a refletir sobre que tipo de cognições, emoções e sentimentos são, supostamente, próprios de determinada idade. Digo “supostamente” apontando para uma discussão sobre o que reconhecidamente de inédito se inaugura na velhice e o que apenas representa uma continuidade do que já vinha acontecendo em fases anteriores, havendo no máximo uma acentuação de características psicológicas. Estas são questões que nos incitam a desvendar a identidade etária, isto é, aquilo que tenta caracterizar cada uma das gerações que compõem o ciclo vital, e definir uma identidade geracional.

Lembremos, todavia, de que o conceito de identidade é problemático já que etimologicamente conota algo fixo, imutável, idêntico a si

1 Notem que em nosso idioma há uma curiosa aproximação fonética e conceitual entre os termos “mesmidade”, ou seja, a propriedade daquilo que permanece o mesmo, e “mesmidade”, isto é, algo que se conserva à revelia da passagem do tempo.

mesmo. A identidade como algo estático, algo que enfatiza o que permanece, algo que sugere uma “mesmidade”¹ ou fixidez, pertence a um passado mais característico de sociedades de lentas mudanças. Todavia, prosseguimos utilizando o conceito de identidade nestes tempos acelerados, apesar desse paradoxo semântico. O fato é que testemunhamos transformações frequentes em nós e nos outros, ao longo de nossa breve existência. Parafraseando Raul Seixas, somos “metamorfoses ambulantes”. Sob a égide deste momento histórico de aceleradas transformações, Antonio da Costa Ciampa (1987, p. 129-146), em sua teorização sobre identidade, enfatiza o que muda, analisando as mudanças ocorridas ao longo de histórias de vida e destacando a possibilidade de uma metamorfose pessoal rumo ao desenvolvimento de uma consciência crítica mais ampla que visa superar a alienação derivada dos valores predominantes no sistema capitalista.

Neste período mutante em que vivemos e de incertezas quanto ao futuro da velhice, alguns desenham cenários mais favoráveis a ela, tanto em relação à sua posição social quanto em relação à eficácia dos cuidados de saúde física e mental dos mais longevos. Outros vislumbram um horizonte sombrio para os velhos, por exemplo, em relação a uma possível insustentabilidade da Previdência Social em decorrência da explosão demográfica dos aposentados, prevendo sérios conflitos de gerações na disputa por verbas públicas. Mas, independentemente da direção que as transformações identitárias tomarão nas próximas décadas, o fato é que autores como Bauman (2005) nos alertam para a atual volatilidade das relações pessoais e de trabalho, acrescida dos preconceitos dirigidos aos mais velhos, influenciando decisivamente a forma de tratamento social dada aos idosos e ocasionando o rebaixamento de sua autoimagem e autoestima.

A ideia de identidade remete-nos a indagações de natureza filosófica e psicológica, a respeito de quem somos, de quais são as singularidades que nos distinguem, tanto como indivíduos quanto como membros de determinados grupos sociais. No primeiro caso, falamos de uma identidade pessoal, no segundo, de uma identidade social. Todavia, como não é possível dissociar de modo absoluto o indivíduo de sua sociedade, podemos adotar a ideia de uma identidade psicossocial. Mais especificamente, a associação a grupos mais próximos ou mais distantes, pequenos ou abrangentes, constrói nossa identidade, seja ela de gênero, profissional, étnica, religiosa, de classe social ou de idade (FERRIGNO, 2006, p. 12-23). Todavia, essa

classificação comporta mais divisões, por exemplo, no caso de uma identidade etária, teríamos de levar em conta diferenças internas de ordem cultural e socioeconômica.

A partir de um ponto de vista psicanalítico, Delia Goldfarb (1998, p. 44-45), baseada no pensamento de Piera Aulagnier (1991, p. 224), enriquece esta discussão, ao falar de uma identidade corporal, sede da história do sujeito com suas dores e emoções, uma história inacabada que nunca se completa, que é recontada de modos diversos, que se refaz de modo a acolher as mudanças impostas pelo tempo, sem que se perca o sentido da permanência, decorrência da atemporalidade do inconsciente que discuto a seguir.

REAÇÕES PSICOLÓGICAS AO ENVELHECIMENTO

Todos percebemos o quanto nós mudamos ao longo da vida. Transformações, físicas, cognitivas e emocionais, determinam nossa aparência física e nosso conteúdo psíquico em cada momento da existência. Inegavelmente nos transformamos. No entanto, sentimos também que algo em nós permanece e que é o que nos faz considerarmos, em vários momentos, sempre os mesmos, a despeito de nossa imagem refletida no espelho escancarar as marcas do tempo impressas em nossos corpos. Tal resistência ao reconhecimento de mudanças dá-se apesar do acúmulo de experiências vividas e malgrado mudanças no modo como passamos a ser tratados pelos demais, à medida que envelhecemos.

Arthur Schopenhauer também percebeu esse fenômeno e, em um de seus aforismos, nos diz:

Ainda que envelheçamos muito, em nosso íntimo sentimo-nos exatamente os mesmos que éramos na juventude, ou melhor, na infância. Isso que permanece inalterado, sempre igual e que não envelhece com o passar do tempo é o cerne de nossa essência, que não reside no tempo e, justamente por essa razão, é indestrutível (SCHOPENHAUER, 2012, p. 61).

Freud, influenciado pelas ideias de Schopenhauer, trabalha essa sensação de permanência em suas teorizações e argumenta que ela se deve à influência do caráter atemporal de nosso inconsciente, esse poderoso e ainda misterioso condutor da vida humana. Segundo Freud (1973, p. 2.061-2.082), os processos do sistema inconsciente acham-se *fora do tempo*, não cronologicamente ordenados e tampouco sofrem modificações ao longo do tempo. Isso explicaria um certo

2 Rendo homenagens a essa pioneira da Gerontologia no Brasil, a quem devo boa parte de minha formação teórica, falecida em janeiro de 2016, enquanto eu escrevia este artigo.

3 Embora a autora faça uma distinção entre conformidade e conformismo, em meu ponto de vista, o termo “adaptação” utilizado pela autora pode dar a entender uma certa submissão ao *status quo* de uma sociedade cujos valores claramente são hostis à velhice e que, por isso, devem ser superados. Portanto, se considerarmos nossa forma de viver como, no mínimo, problemática, fica sempre “no ar” a interrogação: adaptação exatamente a quê? Em certo sentido, velhos rebeldes podem ser mais úteis a uma transformação social positiva, do que os “bem-adaptados”.

estranhamento à ideia de que envelhecemos, expresso com perplexidade por Simone de Beauvoir, ao dizer: *Será que me tornei, então, outra, enquanto permaneço a mesma?* (BEAUVOIR, 1990, p. 348).

A essa possível razão de recusa da velhice como consequência da natureza do inconsciente soma-se outra, bem mais notável e objeto de investigação da Sociologia e da Psicologia Social, que é a dificuldade de se envelhecer em uma sociedade como a nossa que cultua a juventude e os padrões de beleza ligados a ela. Como proteção a um ego ameaçado, a ação dos mecanismos de defesa concebidos por Freud e amplamente trabalhados pela Psicanálise constitui os recursos para uma adaptação à realidade da velhice, adaptação às vezes mais, às vezes menos satisfatória.

Elvira Mello Wagner² (1982, p. 1-26), baseada em postulados freudianos e junguianos, comenta as diversas formas de reação à velhice e de adaptação³ a ela, efetivadas por meio da utilização de diversos mecanismos de defesa do ego, como os de *regressão*, *negação*, *restrição do eu*, *identificação com o agressor e racionalização*. A autora lembra que tais mecanismos são importantes para o enfrentamento de situações de crise. Todavia, seu uso sistemático e incorporado à personalidade pode constituir uma neurose. Como resultado desse uso exacerbado, vários comportamentos desajustados são possíveis. A *regressão* e a *negação* podem levar pessoas idosas a, obsessivamente, evitarem a companhia de outros velhos e a buscarem apenas a convivência com a juventude. Com o uso da *restrição do eu*, os velhos desistem dos desafios que a vida apresenta e acabam por evitar contatos sociais, isolando-se em casa. Já a utilização neurótica do mecanismo de *identificação com o agressor* pode se apresentar sob duas formas. Na primeira, a identificação direta com o “agressor”, entendido aqui como a representação do poder autoritário, pode configurar velhos déspotas, intolerantes e ranzinzas. Em uma forma “invertida”, o mecanismo de identificação com o agressor dá-se com atitudes de submissão perante o mundo que o agride. Temos, então, o velho que se apresenta como “vítima”, impotente para enfrentar as dificuldades da vida. Já a *racionalização* aparece sob a forma de um excesso de explicações e justificativas que resultam em uma supervalorização de si mesmo, como quando alguém nessa fase da vida se acha um sábio tendo sempre a resposta certa para qualquer questão.

Se tais condutas neuróticas na velhice são obviamente negativas, para Elvira, ainda assim é possível reconhecer que representam adaptações parciais, na medida em que a pessoa ainda consegue um certo

“funcionamento social”, dando conta das tarefas do dia a dia. No entanto, a situação pode ser pior para aqueles que, segundo a autora, tornam-se totalmente desadaptados. Incapazes de responder minimamente às adversidades, tanto por restrições sociais quanto por doenças limitantes e dolorosas, acabam vitimados pela depressão deixando-se morrer no seu cotidiano ou optando inapelavelmente pelo suicídio. Como um contraponto mais otimista, Wagner considera possível uma boa adaptação à velhice quando o idoso avalia com realismo suas potencialidades criando novas atividades ou, ainda, exercendo as habituais de forma diferente. Felizmente, encontramos muitos idosos bem-adaptados à fase em que vivem e, sem conformismo, lutam por seus direitos e por uma sociedade mais humanizada.

VELHICE INFORMADA PELO OUTRO E AUTOPERCEPÇÃO DA VELHICE

Frequentemente, nós dependemos da informação do outro de que estamos envelhecendo. Aos olhos dos mais jovens transformamo-nos em “senhoras” ou “senhores”, passando primeiramente pela etapa em que somos “tios” ou “tias”, para depois nos convertermos em “avôs” ou “avós”. E fica a questão: o quanto a autoimagem, não só do velho, mas do ser humano em geral corresponde à imagem que os outros fazem dele? Como essa correspondência pode variar de uma cultura a outra?

No bojo de tais interrogações, outras emergem como aquelas relativas à maneira como cada um encara seu próprio envelhecimento. No transcorrer dos anos em que tenho atuado junto de idosos, observo diferentes reações destes quanto ao jeito de se verem e se denominarem. Uns se assumem como velhos com um ostensivo orgulho de suas rugas, consideradas marcas do tempo e atestado de experiência. A maioria, no entanto, execra o termo “velho”, preferindo expressões como “idoso” ou “terceira idade”, recorrendo resolutos, se condições tiverem, a cirurgias plásticas e outros expedientes em busca de uma aparência rejuvenescida. Ainda como autorreferência, alguns radicalizam lançando mão de eufemismos até ingênuos de tão inverossímeis, como “melhor idade” ou “feliz idade”. Há uma fase melhor que outra? O que esse “sintoma” representa? A negação da velhice? Mas o que será mesmo aceitar a velhice? Como delimitar o território da negação e o da aceitação serena da velhice? Aliás, como definir uma velhice bem assumida? Para alguns, aqueles que recorrem a um implante de silicone são pessoas que não se reconhecem como velhos e acham que tal atitude reflete a fragilidade de valores éticos de nossa civilização. Para outros, trata-se de uma decisão legítima de quem quer cuidar de sua aparência, visando elevar sua



“Velho” pode ser um palavrão destinado a humilhar alguém, como também uma expressão carregada de ternura por parte de um filho ou de um cônjuge.

autoestima, e comemoram a liberdade de escolha de comportamentos e estilos de vida como importantes conquistas destes novos tempos.

Diante de tantas possibilidades, que forma de tratamento utilizar para se referir às pessoas de idade mais avançada? Quando alguém de idade avançada é rico, famoso ou culto, a tendência da mídia é a ela se referir mencionando sua função, evitando alusões à sua idade. Nesse caso, por exemplo, leremos algo sobre “a atriz Fernanda Montenegro”, “o arquiteto Oscar Niemeyer”, “o empresário Olacyr de Moraes” ou “o professor Antonio Candido”. Quem pertence à classe média tende a ser chamado de idoso, já o pobre, mais provavelmente, poderá aparecer nos jornais como um “velho”. Sabemos que existem diferenças de opinião inclusive entre profissionais da Gerontologia quanto à adequação dos termos “velho”, “idoso” ou “terceira idade”. Constatamos, na verdade, uma profusão de autodenominações entre os que envelhecem e verificamos também que há uma multiplicidade de nomes dados ao estágio mais avançado da vida humana.

Mas, independentemente das preferências terminológicas, que podem ser neutras ou revelar ideologias, ou seja, para além desta discussão, o fato é que a palavra “velho” é eivada de conotações negativas em nossa sociedade; basta consultar nossos dicionários. Daí porque a imprensa tende a reservá-la aos excluídos e fragilizados. Na literatura gerontológica, excetuando-se as denominações exageradamente eufemistas, como já mencionamos, há a utilização mais frequente da expressão “idoso”, seguida de “velho” e, mais raramente, “terceira idade”. Enquanto o termo “velho” surge em artigos e livros, dificilmente aparece em uma fala dirigida diretamente a esse público, seja por parte de especialistas, seja por autoridades, seja pela mídia, seja por quem quer que seja. Verbalizar o termo “velho” sem ser ofensivo requer cuidado e circunstância. O preconceito pode estar abrigado tanto em quem fala quanto em quem ouve. Ou em ambos, ou, na melhor das hipóteses, em nenhuma das partes. “Velho” pode ser um palavrão destinado a humilhar alguém, como também uma expressão carregada de ternura por parte de um filho ou de um cônjuge.

Certamente tais polêmicas tendem a se ampliar em uma sociedade de tão díspares valores morais e estilos de vida. Muitas ideologias, muitas

opiniões. Mas se, por um lado, essa prodigalidade de visões das coisas pode gerar conflito, por outro, e a partir dele, propicia a emergência de novas possibilidades de construção de novos caminhos. O que importa é a liberdade de escolhas para a edificação de singularidades que facilitem a emergência do novo com promessas de uma sociedade mais feliz. Todavia, em um mundo regido pelo capital e pelas leis do mercado, a liberdade para muitos resume-se a que mercadoria adquirir e a que moda aderir. Como se sabe, para a grande maioria das pessoas há um longo caminho a fim de superar a condição de meros consumidores rumo ao exercício pleno da cidadania.

JUNG E O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

A experiência do envelhecimento, para muitos, pode proporcionar uma visão menos idealizada da vida. À medida que os horizontes vão se encurtando e as limitações tornam-se mais palpáveis, os projetos pessoais são de prazo cada vez mais curtos. Movidos por uma orientação interna, ficamos mais autênticos, fenômeno que Carl Jung denominou *individuação* (JUNG, 1972, p. 198). Tornamo-nos singulares, únicos e incomparáveis. Nessa linha de raciocínio, as crianças seriam mais parecidas umas com as outras. Já os velhos, mais diversos entre eles. No entanto, para muitos, em decorrência de uma perspectiva míope e preconceituosa, “velhos são todos iguais”. Por essa razão, se o preconceito tem sua gênese na generalização indevida, isso fica ainda mais evidente quando dirigido ao idoso. Jung nos fala da *metanoia*, ponto de entorno, caracterizado pela mudança de uma referência externa para uma orientação interna, relativamente ao nosso posicionamento diante do mundo. Neste sentido, à medida que envelhecemos, idealmente nos tornamos mais seletivos e menos influenciáveis, menos propensos a sermos arrastados pelas paixões.

VELHICE E SABEDORIA SEGUNDO BALTES E ERIK ERIKSON

Outra questão frequente é se a velhice leva à sabedoria. O primeiro obstáculo é o de entender o que é sabedoria e o que caracteriza uma pessoa sábia. “Sabedoria” é um desses termos que são usados à exaustão e do qual se tem uma ideia vaga, imprecisa. Alguns estudiosos procuraram iluminar nossa compreensão a respeito.

Paul Baltes (1994, p. 23-44) buscou operacionalizar a ideia de sabedoria, discernindo as habilidades componentes desta, como conhecimento de fatos, processos e contextos da vida, além da consciência da relatividade de valores e das incertezas que caracterizam a existência

Artigo 4

A psicologia das derradeiras fases da vida

humana. Com esse repertório, segundo Baltes, a pessoa pode discernir e julgar pessoas e situações com maior chance de acerto. Para ele a sabedoria não é apanágio dos velhos, pois em suas investigações alguns jovens responderam sabiamente a determinadas situações colocadas pela própria pesquisa. Mas a sabedoria mostra-se mais frequente na maturidade, já que essa fase agrega o valor da experiência de vida. Seu cultivo e transmissão representam uma riqueza e um legado precioso para as novas gerações.

A grande contribuição de Baltes foi a de mostrar as possibilidades de adaptações cognitivo-motoras para compensar as inevitáveis perdas decorrentes do envelhecimento, conquista que também requer sabedoria. Todavia, tais possibilidades apresentam-se de modo mais intenso durante a terceira idade, já que no período da quarta idade o quadro é pessimista, uma vez que os efeitos da velhice avançada comprometem mais seriamente o corpo e a mente (BALTES, 2006, p. 7-31). Ao estudar a questão da sabedoria, Baltes ateu-se mais intensamente à cognição dos idosos, mas também devemos levar em conta os aspectos emocionais desse fenômeno. O desenvolvimento da empatia e do altruísmo são fundamentais para a constituição de uma pessoa sábia, como nos mostra Matthieu Ricard (2015), por isso, além das recomendadas tarefas cognitivas como o hábito da leitura e os exercícios de memória para preservação das faculdades mentais, é preciso cultivar bons sentimentos e emoções positivas.

Erik Erikson (1998, p. 9-11), em sua teoria, identifica desafios característicos para cada estágio do ciclo vital, desde a tenra infância até a velhice. O que aqui nos interessa mais de perto são as conquistas ou os fracassos típicos de dois períodos da idade avançada. Um deles é o da chamada meia-idade, momento em que há a oportunidade do desenvolvimento de cuidados com a família, sobretudo com os filhos, mas também para com a sociedade. Trata-se de uma etapa com muitas responsabilidades em que a resposta mais apropriada, segundo o autor, é a da *generatividade*, entendida como a capacidade de se doar às novas gerações por meio do cuidar e do educar. Um fracasso nessa tarefa determinaria o estado emocional que Erikson denominou de estagnação. O outro estágio da maturidade é a velhice propriamente dita. Nele, a sabedoria e a integridade são as metas a serem alcançadas, entendendo por sabedoria a capacidade de integrar os aspectos mais relevantes da realidade e as experiências vividas nas outras etapas do ciclo vital.

Joan M. Erikson, esposa de Erik Erikson, após a morte deste, ampliou o livro de seu marido com novos capítulos sobre o nono estágio

da vida, com destaque para aquele em que ela trabalha o conceito da *gerotranscendência* (ERIKSON, 1998, p. 103-108). Segundo a autora, na casa dos 90 anos haveria a possibilidade de alcance de um estado caracterizado pela paz de espírito. Nele haveria um sentimento de comunhão cósmica com todo o universo. Um estado sagrado, sem uma relação necessária e direta com esta ou aquela religião. Um estado de recolhimento que nada tem a ver com o isolamento forçado por pressões sociais, mas sim aquele que propicia a compreensão da finitude humana. Essa condição, segundo Joan, é a de uma sabedoria forjada pela humildade e que pode ser infinita e estranhamente forte. Brincando com as palavras, ela diz que a gerotranscendência pode ser traduzida por uma gerotranscendência, referindo-se à importância de se levar esse resto de existência com arte e levezas física e mental, em que pesem as sérias limitações impostas por uma idade assim tão avançada.

VELHICE E CONSERVADORISMO

De um ponto de vista ideológico, interroga-se também se com o tempo vamos ficando mais ou menos conservadores. Norberto Bobbio (1997, p. 11), aos 88 anos, declara:

Os pensamentos de um ancião tendem ao enrijecimento. Depois de certa idade, desistimos de mudar de opinião. Tornamo-nos cada vez mais obstinados em nossas convicções e mais indiferentes às dos outros. Os inovadores são vistos com desconfiança. Ficamos cada vez mais apegados às velhas ideias e, ao mesmo tempo, cada vez mais desconfiados das novas. O excessivo apego às próprias ideias nos torna mais facciosos. Eu mesmo percebo que preciso ficar alerta. A curiosidade de saber não diminui. Mas é cada vez mais difícil satisfazê-la.

Será mesmo possível generalizar esse enrijecimento intelectual, de que nos fala Bobbio? Observamos que muitos velhos expressam uma atitude nostálgica, valorizando em demasia o passado, sobretudo o seu próprio passado. Nessa tônica passadista, eles entendem que viviam melhor na época em que eram jovens. Aliás, tal saudosismo tende a ver a juventude do passado como possuidora de mais virtudes que a atual. Os jovens de hoje são vistos, por uma parcela dos idosos, como mal-educados e rebeldes, além de propensos ao uso de drogas e à promiscuidade sexual.

Mas, quando se diz que os velhos são conservadores, podemos nos questionar: conservadores do quê? Bem, podem ser conservadores no

Artigo 4

A psicologia das derradeiras fases da vida

sentido de manterem valores reacionários e ideias ultrapassadas. Mas podem também conservar as tradições. E qual é o valor da tradição? Considerando-se que o repasse do conhecimento acumulado pela humanidade e de cada experiência de vida é realizado do mais velho para o mais novo, concluímos que a conservação da própria cultura humana está em jogo nesse processo de transmissão. A propósito, relembro a colocação de Hannah Arendt, para quem a educação deve conter uma dimensão conservadora (que não se confunde com um conservadorismo político), implicando que algo deve ser conservado, preservado, no caso as tradições e os valores fundamentais, mas sem reacionarismos, conservando igualmente o “espírito revolucionário” do jovem, pois, segundo ela, “nossa esperança depende sempre do novo trazido a cada nova geração” (ARENDDT, 1997, p. 225).

Talvez, com o envelhecimento, tornemo-nos mais prudentes. Mas prudência é sinal de conservadorismo? O que parece razoável pensar é que a prudência seja uma importante contribuição da velhice para o futuro. Isso porque a impulsividade e a ousadia da juventude, combinadas ao planejamento de ações dos velhos, podem resultar em uma produtiva parceria, potencialmente geradora de consistentes e positivas mudanças sociais.

A RETOMADA DA APROPRIAÇÃO DO TEMPO PRESENTE

Um possível ganho da velhice pode ser o de viver mais intensamente o presente. Num mundo tão corrido e tão açodado por obrigações e horários restritivos, o comportamento dos velhos pode se assemelhar ao *modus vivendi* das crianças, tanto na percepção quanto na vivência do tempo. Por terem mais disponibilidade, podem “mergulhar” nas atividades e nelas irem mais fundo, situação em que o tempo parece parar, segundo depoimentos que ouvi por diversas vezes. Esses podem ser momentos muito felizes. Em meu trabalho, presenciei muita alegria compartilhada entre jovens e velhos em situações de jogos e brincadeiras, ao lado de momentos de reflexões importantes, sem uma desnecessária e inibidora sisudez. Todavia, para muitos adultos essas são circunstâncias raras no cotidiano. Em um mundo rigidamente controlado pelo relógio, como o nosso, os adultos em geral, tão sérios, tão compenetrados e tão responsáveis, infelizmente não têm tempo de brincar e de viver o presente, nem com outros jovens adultos, nem, e muito menos, com outras gerações. Já para os idosos mais afortunados, os momentos vividos com os netos podem ser de muita ludicidade.

A BUSCA POR UM SENTIDO NA VIDA

Qual a melhor maneira de envelhecer? As recomendações da ciência em prol de um envelhecimento positivo são sobejamente conhecidas pelo grande público em decorrência de uma intensa presença na mídia de especialistas no assunto. Resultado de decisões em grandes conferências mundiais, como as das Nações Unidas, inúmeros documentos de governo e de instituições privadas apregoam os caminhos que levam a uma velhice saudável e produtiva. Mas Cícero (1997, p. 9-66), já há dois mil anos, considerava, muito antes dos modernos gerontólogos, a participação, sobretudo política, assim como o permanente uso do intelecto fatores muito importantes para um bom envelhecimento.

Encontra-se bem estabelecido no senso comum a importância de se ter um sentido para a existência humana. Esse sentido é o que nos move adiante em todas as fases da vida, inclusive na velhice. De várias maneiras e com diferentes denominações, diversos pensadores, ao longo de suas obras, têm dito algo parecido. Schopenhauer fala em vontade, Nietzsche em vontade de potência, Freud e seus seguidores falam em libido e desejo. Mas a vida e tudo o que a compõe não possuem um sentido em si mesmos, são os homens que lhes dão algum sentido como nos mostra Fernando Pessoa, em “O guardador de rebanhos”: “O único sentido íntimo das coisas é elas não terem sentido *íntimo algum*”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento prático sobre o envelhecimento, isto é, a experiência de trabalho com pessoas idosas, ensina-nos que há grande variedade de condições e estilos de vida dos velhos, fato que nos autoriza a falar mais propriamente de “velhices”. Consciente dessa diversidade, Bobbio fala-nos de duas situações extremas, a do velho satisfeito e a do velho desesperado, e acrescenta uma infinidade de alternativas para essa fase da vida:

Entre esses dois extremos existe uma infinidade de outros modos de viver a velhice: a aceitação passiva, a resignação, a indiferença, a camuflagem de quem está obstinado em não ver as próprias rugas e o próprio enfraquecimento e se impõe a máscara da eterna juventude, a rebelião consciente através do esforço contínuo, muitas vezes destinado ao fracasso, de continuar de modo inflexível o trabalho de sempre, ou, ao contrário, o distanciamento da agitação cotidiana e o recolhimento na reflexão ou na prece, o viver esta vida como se já fosse outra, dissolvidos todos os vínculos mundanos (...) (a velhice) reflete nossa visão

Artigo 4

A psicologia das derradeiras fases da vida

da vida e modifica nossa atitude em relação a ela segundo a maneira pela qual concebemos a vida, como uma inacessível montanha que temos de escalar, ou como um rio onde estamos imersos e que corre lento para a foz, ou como uma selva na qual vagamos sempre incertos sobre o caminho a seguir...(BOBBIO, 1997, p.28-30).

Bobbio acrescenta ainda que a velhice não está desvinculada da vida que a precedeu. Vários autores, aliás, observam essa continuidade. A velhice, em grande parte, representa quem fomos em nossa juventude. Por isso Sêneca, desde a Antiga Roma, já nos alertava para a importância da preparação para a velhice, *“que tanto aflige os espíritos infantis que chegam a ela, despreparados e desarmados”* (2010, p. 47).

O presente texto não teve a pretensão de maiores sistematizações. Realizou um pequeno recorte da Psicologia do Envelhecimento. Resumiu-se a destacar alguns aspectos da subjetividade dos “envelhecidos” e dos já mais avançados nos anos. Tema tão complexo como este está constituído mais por perguntas que por respostas. Mas, se, por um lado, esse cenário de incertezas pode gerar uma certa frustração, por outro, alivia-nos saber que as boas respostas dependem da qualidade das perguntas. Portanto, se, ao menos, os questionamentos estiverem na direção correta, representarão um avanço na discussão. Além disso, se o envelhecimento é um grande mistério a ser desvendado, sabemos que a construção da ciência, assim como de nossas vidas, requer parcimônia e perseverança para que, cuidadosamente, possamos formular explicações e construir referenciais teóricos. Como disse Guimarães Rosa na voz de Riobaldo, em Grande Sertão: Veredas: “Deus é paciência, o contrário é o diabo”. ☺

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- AULAGNIER, Piera. Los dos principios del funcionamiento identificador: permanencia e cambio. In: HORNSTEIN, L. *Cuerpo historia, interpretación*. Buenos Aires: Paidós, 1991.
- BALTES, Paul. Envelhecimento cognitivo: potencialidades e limites. *Revista Gerontologia*, v. 2, n. 1, 1994.
- . Novas fronteiras para o futuro do envelhecimento: da velhice bem-sucedida do idoso jovem aos dilemas da quarta idade. *A Terceira Idade*, São Paulo, Sesc-SP, v. 17, n. 36, junho/2006.
- BAUMAN, Z. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Rio Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BOBBIO, Norberto. *O tempo da memória: de senectude e outros escritos autobiográficos*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CIAMPA, Antonio da Costa. *A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CÍCERO, Marco Túlio. *Saber envelhecer*. Porto Alegre: L&PM, 1997.
- ERIKSON, Erik. *O ciclo de vida completo*. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- ERIKSON, Joan M. Gerotranscendência. In: ERIKSON, Erik. *O ciclo de vida completo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- FERRIGNO J. C. *A identidade do jovem e do velho: questões contemporâneas*. In: ----- . *Velhices: reflexões contemporâneas*. São Paulo: Sesc/PUC, 2006.
- FREUD, Sigmund. Lo inconsciente. *Obras completas*. 3. ed. Madri: Biblioteca Nueva, 1973.
- GOLDFARB, Delia. *Corpo, tempo e envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- JUNG, Carl Gustav. *A prática da psicoterapia*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- RICARD, Matthieu. *A revolução do altruísmo*. São Paulo: Palas Athena, 2015.
- SÊNECA, Lúcio Anneo. *Sobre a brevidade da vida*. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de envelhecer*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- WAGNER, Elvira Mello. Relação entre corpo e formação da identidade e mudanças durante o envelhecimento. *Cadernos do curso de aperfeiçoamento em gerontologia social*. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, 1982 (mimeo.).



Lata 65 e Projeto Performanciã: arte contemporânea para a terceira idade na *Semana Internacional do Idoso*

[Artigo 5, páginas de 84 a 95]





Marcelo Azevedo Asth

Doutorando em Artes Cênicas (linha de performance) na UNIRIO. É performer integrante da plataforma Performers Sem Fronteiras, professor, oficinairo e idealizador do Projeto Performanciã.

marceloasth@hotmail.com



RESUMO

Visa a relatar as experiências vivenciadas durante as oficinas de arte urbana e performance oferecidas no evento *Semana Internacional do Idoso* – promovido pelo Sesc Santana-SP e realizado no período de 29 de setembro a 4 de outubro de 2015. Esse evento apresentou como foco de suas atividades a intersecção entre questões da arte contemporânea e do envelhecimento, buscando tanto a reflexão sobre estes temas quanto a sua atividade prática, a partir das oficinas realizadas pelos projetos Lata 65 (Portugal) e Projeto Performanciã (Brasil) para um público específico com mais de 60 anos de idade. As oficinas ofereceram aos seus participantes a oportunidade de conhecer mais a fundo e experimentar práticas artísticas que não costumam ser associadas ao universo do idoso – como o grafite (finalizando a oficina com a realização de um mural grafitado pela turma) e a performance artística (com exercícios práticos e a realização de duas ações, a serem comentadas neste relato). Dessa forma, este ensaio busca elucidar alguns conceitos caros e comuns a esses dois projetos, como “arte socialmente engajada” e “arte comunitária”, apresentando relações entre os modos de trabalho desses projetos e as propostas de aplicação de suas metodologias, e também apresenta um relato das experiências vivenciadas durante os encontros que fizeram parte desses processos e de seus resultados conquistados nas oficinas.

Palavras-chave: performance; arte urbana; grafite; arte contemporânea; envelhecimento.

ABSTRACT

This study aims at reporting the experiences lived during the urban art and performance workshops offered during the International Elderly Week (Semana Internacional do Idoso) – an event promoted by Sesc Santana (São Paulo) and carried out between September 29 and October 4 in 2015. This event focused its activities on the intersection between questions of contemporary art and aging, aiming at both the reflection on these subjects and their practical activity, starting from the workshops executed by the projects Lata 65 (Portugal) and Projeto Performanciã (Brasil) for a specific public over 60 years old. The workshops offered participants the opportunity to learn more deeply and experience two artistic practices that are not usually associated with the universe experienced by the elderly: graffiti (finalizing the workshop with the production of a graffitied wall in class) and art performance (with practical exercises and production of two actions, which will be mentioned in this report). Consequently, it aims at clarifying some precious concepts common to these two projects, such as “socially engaged art” and “community art”. It presents relationships between their working methods, proposes application of their methodology, and also reports on the lived experiences during the gatherings that were part of these processes and on the results achieved during the workshop.

Keywords: performance; urban art; graffiti; contemporary art; ageing.

ARTE E ENVELHECIMENTO: EXPRESSÃO E VIDA

Dentro da proposta de oferecer constante visibilidade e apoio às questões do envelhecimento, foi realizada de 29 de setembro a 4 de outubro de 2015, na unidade do Sesc Santana, em São Paulo, a *Semana Internacional do Idoso*, um evento que contou especialmente com uma programação voltada para atividades relacionadas ao universo da pessoa idosa em intersecção com o universo da arte contemporânea. Nesse contexto, duas oficinas de arte foram propostas: Projeto Performanciã¹ (projeto de performance artística realizado com/por/para idosos) e Lata 65² (projeto de arte urbana e *graffiti* para idosos, idealizado e coordenado pela arquiteta portuguesa Lara Seixo Rodrigues³).

No mundo artístico contemporâneo, diversos projetos de coletivos e de artistas/idealizadores em geral discutem os problemas sociais de forma mais direta, não apenas representando-os, mas conectando-se de forma real e comprometida com parcelas sociais que sofrem processos de marginalização e opressão, de variadas maneiras. O Projeto Performanciã e o Lata 65 têm seus processos criativos enquadrados nos conceitos de arte socialmente engajada e arte comunitária⁴, na intenção de compreender a estrutura idealizada para a criação, realização e divulgação de suas ações, as formas de relação entre as partes envolvidas, o comprometimento com a construção da experiência coletiva e o fator ético-político em um envolvimento artístico na formação de comunidades.

Muitos artistas que atuam com projetos desse tipo acabam se conectando a questões específicas de uma comunidade e agem como mediadores e catalisadores de processos artísticos que contam com ampla atuação dos envolvidos. Marisa Flórido Cesar (2014, p. 25) aponta que, em trabalhos relacionais que buscam o outro como foco, “[...] o artista se torna um mediador que ativa temporariamente o convívio, ou um etnógrafo de microestratégias de territorialização”. Na contemporaneidade, ações de motivação relacional ativam

[...] o que emerge geograficamente como acontecimentos de solidariedades, onde potencializar presenças e processos de subjetivação significa territorializar ações artísticas formando ou ativando corpos em um corpo temporal de múltiplas vozes, de polifonias (VERGARA, 2013, p. 65-66).

Abordaremos brevemente as formatações, metodologias/estratégias, os modos de mediação com os grupos e as experiências geradas a partir de cada um desses processos.

1 Para ver as performances já realizadas e para obter mais informações, acessar o site: <www.projetoperformancia.blogspot.com.br>, ou no Facebook: “Projeto Performanciã”.

2 Para saber sobre o Lata 65, acessar o site: <<http://www.woolfest.org/tag/lata-65/>>, ou no Facebook: “Lata 65”.

3 Além do Projeto Lata 65, Lara criou também em Portugal outros projetos, como o *Festival Wool*, o *Muraliza* e o *Festival Muro*.

4 Basicamente, são conceitos divulgados e debatidos por diversos pesquisadores e artistas, como Paul De Bruyne, Pascal Gielen, Black Stimson e Gregory Sholette, Nato Thompson, Shannon Jackson, Grant Kester e Pablo Helguera, que discutem ações que borram os limites entre o artístico e o social e buscam um comprometimento direto com alguma comunidade formada para a realização de uma experiência artística conjunta e engajada socialmente. Em projetos que atuam dentro dessas instâncias, o papel do artista é diminuído e seu papel maior é atuar como o mediador de um processo colaborativo, para que os participantes encontrem seu lugar de expressão e voz própria – a ser amplificada pela comunidade de modo artístico.

VIVÊNCIAS ARTÍSTICAS: OFICINAS DO LATA 65 E DO PROJETO PERFORMANCIÃ

As oficinas ofertadas ao público da terceira idade no evento da *Semana Internacional do Idoso* contaram com participantes que puderam conhecer e se aventurar por linguagens da arte contemporânea, como arte urbana e a performance – propostas que colaboram para um empoderamento do papel, do discurso e da expressão do idoso, que descobre em si um novo potencial de relação com o seu mundo por meio de técnicas e expressões não tão comuns a pessoas com mais de 60 anos.

Durante a semana, Lara Seixo Rodrigues (Lata 65) e Nilo Zack apresentaram ao grupo a história do *graffiti* e da arte urbana no mundo e no Brasil, diferenças entre manifestações gráficas de intervenção urbana (como a pichação, o *graffiti* e a arte urbana) e diversas técnicas para o manuseio dos *jets de spray*, criação de estênceis, descoberta e estilização de assinaturas criadas pelos integrantes da oficina, experimentação das cores, linhas, letras/fontes, proporções e de desenhos em diferentes papéis, até chegar ao projeto final de grafiteagem e intervenções variadas sobre um muro branco na unidade do Sesc. Durante a semana, com informações teóricas e com a prática de exercícios realizados diariamente, a turma da oficina do Lata 65 foi se descobrindo mais a cada linha expressada, até o momento da intervenção final de pintura desse muro.

Muitos dos participantes não tiveram contato com essa expressão e se encantaram com as possibilidades descobertas. Uma participante, mãe de um artista visual e grafiteiro de São Paulo, buscou a oficina para conhecer mais a arte de intervenção que seu filho pratica e acabou descobrindo seus próprios traços e cores – podendo compreender de forma mais profunda e prática a expressão artística de seu filho. Os dois, ao longo da oficina, já combinavam saídas para juntos praticar a arte urbana. Outro participante, um artista plástico, descobriu novas técnicas que pôde incluir e aplicar em seu trabalho artístico, ampliando sua visão para o que produz.

Já o Projeto Performanciã⁵ surgiu no ano de 2013, como um projeto de pesquisa de mestrado – estendendo-se atualmente em pesquisa do doutorado –, contando com a orientação da artista e Prof^ª. Dr^ª. Tania Alice Feix⁶, no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), após observar que, no Brasil, eram raras as práticas performáticas artísticas envolvendo questões do envelhecimento humano e realizadas com/por/para idosos. Enquanto estudos e práticas no campo da *performance*

5 O Projeto Performanciã realizou uma série pioneira de *performances* em nosso país, com realização de oficinas e encontros com idosos para a criação de processos colaborativos.

6 Site da artista *performer* Tania Alice: <www.taniaalice.com>. Acesso em: 6 maio 2016.

comumente dão ênfase às abordagens de questões sobre sexualidade, gênero, estética *queer*, feminismo, etnia, xenofobia e outros assuntos de cunho social, é possível constatar que, para além da escassez de realizações práticas, o tema do envelhecimento aliado à *performance* artística ainda não alcançou um espaço de debate e destaque no meio acadêmico e das artes.

Antes de comentar o processo de criação artística realizado durante a semana do evento no Sesc Santana, cabe aqui abordar, de forma breve, o que pode vir a ser a *performance*⁷.

Podemos apontar que a palavra *performance* carrega o significado de desempenho e que sua utilização se dá de maneira abrangente, como, por exemplo, quando vamos comentar a *performance* de um atleta em um evento olímpico. Duas correntes de pensamento na arte contemporânea podem ser aqui destacadas como exemplos para melhor compreensão desse termo⁸. A primeira, de cunho antropológico, apontada pelo pesquisador Richard Schechner, lida com a *performance* como experiência e competência, sendo ampliada para os domínios da cultura e do cotidiano, indo além do domínio artístico. Sob essa perspectiva, a *performance* pode ser entendida como ação ligada a rituais, ritos de passagem, atividades esportivas, atividades de entretenimento e também a atividades artísticas variadas. Já a segunda corrente de estudo a ser comentada aqui, abordada pelo pesquisador Andreas Huysen, trata a *performance* sob uma perspectiva artística e estética – que se enraizou mais firmemente no terreno das artes após as décadas de 1970 e 1980. Basicamente, podemos resumir a atividade da *performance* como a execução de uma ação planejada por um *performer* para evidenciar, dialogar, questionar, debater, revelar e/ou apresentar alguma questão, imagem e/ou mensagem que seja seu foco naquele instante de acontecimento: experimentação do aqui-agora, por meio de sua presença e de sua proposta.

O Projeto Performanciã traz em seu nome a ideia de junção das palavras “performance” e “ancião” e tem como objetivo as ações performáticas realizadas por idosos, que dialoguem e deem visibilidade a questões prementes relacionadas à experiência do envelhecer. Para isso, podemos dizer que o acontecimento artístico deverá, neste projeto, lidar com essas duas correntes de pensamento acima citadas, pois, para além do acontecimento artístico, podemos pensar as ações de *performance* – e seus processos – como rituais, táticas de visibilidade e diálogo no cotidiano comum, atividades mnemônicas, entretenimento e outras formas de percepção dessas ações.

7 Uma referência importante na área de atuação em *performance* é a artista Marina Abramovic, que concedeu entrevista à *Revista Mais 60*, em sua edição de número 62 (agosto de 2015). Disponível em: <http://www.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/610_TRABA-LHO+E+APOSENTADORIA>. Acesso em: 6 maio 2016.

8 FERÁL, Josette. Por uma poética da performatividade: o teatro performativo. *Sala Preta, Brasil*, v. 8, p. 199-200, nov. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57370>>. Acesso em: 30 nov. 2015.

Relato de Experiências

Lata 65 e Projeto Performanciã: arte contemporânea para a terceira idade na Semana Internacional do Idoso

Nesta oficina, durante uma semana e com uma turma formada somente por mulheres (não por determinação prévia, mas por falta de homens inscritos na oficina), foram propostas dinâmicas performativas, danças, meditações, rodas de conversa e exercícios que estimularam o campo da imaginação, da memória, do conhecimento, da troca, do gestual e da fisicalidade, no intuito de despertar as participantes para uma compreensão do que pode ser denominado como *performance* – e, também nessa especificidade, a *performanciã* – e para uma preparação para as ações que seriam apresentadas ao fim de nosso processo. Na arte contemporânea, os trabalhos socioartísticos realizados com um aspecto comunitário dão grande importância ao processo – às vezes até mais que ao resultado, ou pelo menos em pé de igualdade com ele –, investindo na relação humana e na troca de aprendizados que atuam diretamente na forma de cada um dos envolvidos observar o mundo em que vive e, principalmente, a si próprios. A *performance* está ligada intrinsecamente à vida, pois é a partir da experimentação do mundo, da relação consigo e com o outro que surge o material para moldar uma *performance*.

A PRÁTICA

Já no primeiro dia, a apresentação em grupo seria realizada de maneira performática, remetendo, em alguns elementos reconhecíveis – porém, com formato e intuito distintos –, a uma *performance* feita pelo artista Flávio Rabelo, também para idosos, intitulada *pedememória*⁹.

Em uma roda formada na sala, uma cadeira só e destacada em seu centro foi disposta diante de uma bacia com água aquecida, pedras de cristal, sal grosso e alfazema, em frente de um espelho de mais de dois metros de altura – ao som de música meditativa e com meia-luz no ambiente, criando uma atmosfera diferente à experimentada no cotidiano. A partir dessa estrutura, as participantes foram convidadas a sentarem-se naquela cadeira, olharem-se no espelho e apresentarem-se ao restante do grupo, revisitando suas memórias e seus caminhos até aquele momento.

Enquanto se apresentavam, tinham os pés na bacia – um lava-pés; o ato de lavar os pés remete à purificação. Assim, transformando o espaço da oficina em um espaço sagrado, onde estávamos iniciando naquele momento um processo de autoconhecimento e partilha de centelhas importantes de nós.

Ao longo da semana, focamos nas ações que compartilharíamos com o público do Sesc Santana, chegando assim à apresentação das *performanciãs Mani-festa-ação!* e *ORÓCULOS*.

⁹ Ver no site: <<http://flaviorabelo.com/pedememoria>>. Acesso em: 30 nov. 2015.

AÇÕES PROPOSTAS

*Mani-festa-ação!*¹⁰, realizada no sábado, dia 3 de outubro de 2015 – primeiro exercício prático –, consistia em apresentar, em espaços do Sesc Santana, mulheres com mais de 60 anos manifestando-se ao empunhar cartazes em branco, enquanto papéis com palavras carregadas de estereótipos¹¹ – que configuram lugares de opressão e exclusão ao idoso, como também funções sociais impostas a esse grupo –, cobriam suas bocas, remetendo metaforicamente à retirada de voz, expressão e opinião.

À medida que encontravam o público, libertavam-se dessas palavras opressoras e os espectadores participantes eram convidados a escrever nos cartazes em branco palavras de reivindicação sobre a luta dos mais velhos, como também palavras de estímulo para esse momento específico da vida.

Conforme as novas palavras surgiam (como: “mais lazer”, “amor”, “mais respeito”, “atenção”, entre outras), aquelas mulheres ganhavam voz e amplificavam tais palavras em uma manifestação festiva, gerando uma polifonia de mensagens pelo espaço, contagiando o público e alimentando um posicionamento sobre as condições do idoso em nosso país – ao mostrar que a construção para um mundo com mais respeito à terceira idade deve ser coletiva, consciente e intergeracional.

No encontro seguinte foi apresentada a performance *ORÓCULOS*¹², que consistia em oferecer ao público do Sesc uma consulta com uma das “senhoras-oráculos”. O primeiro passo para a participação do espectador na ação era meditar durante um minuto sobre alguma questão pessoal de sua vida, vendo-se no “espelhóculos” do rosto da mulher à sua frente.

Os “espelhóculos” são óculos com lentes de espelho que permitem que quem se sente à frente de uma das *performers* possa também se ver, enquadrando seus olhos no rosto do oráculo – uma ideia de alteridade e reflexão sobre o passar do tempo: colocar-se no lugar daquele que é mais velho e que traz consigo ricas experiências de vida. Além disso, quem se consulta com um oráculo consulta-se consigo mesmo, está no aqui- agora em análise pessoal. Já a *performer*, por estar com sua visão por detrás dos espelhos, nada enxerga: de olhos fechados, permanece durante toda a ação em estado de meditação, pronta para receber o público nessas consultas e sem saber quem vem até ela. Tirésias, velho sábio cego que fornecia consultas e projeções ao povo (como também é apresentado na tragédia grega “Édipo Rei”, de Sófocles), não enxergava, mas era quem mais via, além e por trás das situações, as respostas e os mistérios da vida.

10 Para ver o vídeo da performanciã “*Mani-festa-ação!*”, acesse <<https://youtu.be/U5C0Odu9BvI>> ou pesquise no YouTube por: “Performanciã “MANI-FESTA-AÇÃO!” - SESC SANTANA/SP”.

11 Algumas palavras escolhidas pelas performers: “gagá”, “inoperante”, “peso social”, “doente”.

12 Para ver o vídeo da performanciã “*ORÓCULOS*”, acesse <https://youtu.be/_lr1jmn-30> ou pesquise no YouTube por: “Performanciã “ORÓCULOS” - SESC SANTANA/SP”.

No segundo momento, o espectador-participante elaborava uma pergunta/questão qualquer que gostaria de elucidar na consulta e em seguida retirava um provérbio popular de um saquinho que a “senhora-oráculo” portava consigo, lendo-o em voz alta para que pudesse ser captado pela *performer*. Os provérbios são frases de sabedoria que trazem grandes ensinamentos, que correm de boca em boca há gerações. Os “provérbios oraculares” contidos nesses saquinhos foram compartilhados e coletados durante o processo da oficina de Performanciãs. A partir disso, a “senhora-oráculo” buscava estabelecer conexões e unir sua própria experiência de vida, o poder do oráculo e a sabedoria contida no provérbio sorteado para elaborar um apontamento de caminho para a questão apresentada, sem necessidade ou obrigação de oferecer uma resposta única, mas ampliando as percepções para a questão. Sem oferecer opiniões muito pessoais e transmitindo uma mensagem também enigmática para o participante continuar a meditar sobre ela. Vamos a um exemplo fictício: questão sobre dificuldade em um ambiente de trabalho + “água mole em pedra dura tanto bate até que fura” + experiência de vida da *performer* + concentração oracular e misteriosa para estabelecer conexões = pistas e palavras de incentivo para o participante. Beth Lopes (2009, p. 138) divide conosco a seguinte reflexão:

O trabalho do performer consiste em se confrontar, dia a dia, com a percepção de si. Amplia-se, dessa forma, o poder de observação de si e dos outros. A sua expressão se constitui não só em um traço sensível do seu processo fisiológico e psicológico mais íntimo, mas também é a expressão individual resultante de um conjunto de relações sociais [...].

Essa *performance* aborda, a partir do tema do envelhecimento, o respeito aos conselhos de quem já teve muitas experiências de vida, a sabedoria, a reflexão, a meditação e o autoconhecimento. O compartilhamento de provérbios liga-se à memória social, em um resgate de ensinamentos também ouvidos por essas senhoras desde suas infâncias, pelas bocas dos mais velhos. Para oferecer essas consultas performáticas, as “senhoras-oráculos” confrontaram-se com assuntos também já vivenciados por elas em suas vidas, oferecendo ainda uma oportunidade de visitar momentos e até de superar algumas questões próprias ao oferecerem mensagens positivas aos participantes.

Algumas falas registradas das *performers* após essa ação de finalização da oficina¹³: “A experiência foi muito gratificante e rica porque não fui eu mesma quem falei, eu me senti ‘psicofalando’, como observado-

13 Os depoimentos das participantes dessa *performance* e da oficina podem ser vistos no link: <<https://youtu.be/CMTI5HNY3EO>>. Acesso em: 30 nov. 2015.

ra da minha fala e surpreendida de como tudo se encaixava tão bem”; “Foi uma coisa muito importante pra minha vida (...) por eu estar passando uma fase meio difícil atualmente, então isso me afirmou mais ainda, de que eu posso superar tudo isso, que eu tenho forças. (...) Eu posso ajudar quem estiver ao meu redor”; “Foi uma emoção indescritível (...), pensar que eu fosse ouvir coisas tão semelhantes às que eu já passei na minha vida. Questões que eu vivenciei, eu tive de responder. (...) E as respostas dos provérbios encaixaram perfeitamente no problema de cada um”; “Me ajudou muito na parte emocional. Eu estava meio desconectada com as pessoas (...) e eu estou muito emocionada porque os problemas que foram surgindo para a gente tentar ajudar parecia que vieram ao encontro com muita coisa que também eu queria como minhas respostas”; “Aceitar também essa nossa situação da melhor idade, porque eu percebo que as pessoas não querem saber, não querem tocar no assunto. E foi tocada de uma forma tão boa que reforçou a nossa vontade de viver, a nossa vontade de participar de todas as atividades que a vida oferece”; “Foi uma experiência muito rica em minha vida, *sui generis*, muito singular (...) e eu me vi no outro, refletida no outro que estava perguntando para mim. (...) As pessoas saíram de lá tão agradecidas com as minhas respostas... só tenho a agradecer a Deus porque eu também estou buscando as respostas. Eu também estou aqui na vida vivendo experiências para aprender. Eu sou mera aluna”. Todas essas falas refletem a experiência da construção de um processo que despertou em cada participante a potencialidade de seu discurso e sua conexão consigo mesmo e com os espectadores daquela proposta prática e relacional.

Assim finalizamos um processo, em que as diversas experiências, aprendizados e trocas nos deram a impressão de que poucos dias de encontro se diluíram no tempo e no espaço. No tempo, pelo fato de trazeremos fatos do passado à tona e nos projetarmos em um futuro melhor, chamando-nos à presença, em um “aqui-agora” repleto de percepções, sensibilidades e reflexões.

No espaço, por elas trazerem toda essa história compartilhada para um lugar especial: o espaço sagrado (o espaço físico da oficina e o coração de cada uma) onde puderam pisar livremente com seus pés descalços – esses pés sábios de tantas trilhas e danças experimentadas na vida.

O projeto *Lata 65* e o *Projeto Performanciã* enfocam como elemento principal de suas bases de trabalho a experiência vivida com afeto, transformação e intensidade pelos seus participantes, por meio de processos que funcionam como partilhas de saberes – tanto do

Relato de Experiências

Lata 65 e Projeto Performanciã: arte contemporânea para a terceira idade na Semana Internacional do Idoso

conhecimento, dos materiais e das estruturas a serem desvendadas, trazidos pelos oficinairos mediadores, quanto de opiniões, conduções, desejos e universos particulares e sociais dos participantes. A aplicação de metodologias que minimizam os papéis dos artistas-oficineiros para priorizar a expressão e as decisões da comunidade artística gerada busca atingir um modo de atuação ético, não promovendo uma experimentação superficial das linguagens oferecidas a fim de obter apenas um resultado estético satisfatório a ser compartilhado, mas indo além ao oferecer sementes que apresentam novos ângulos de visão sobre a vida de cada participante.

REFLEXÕES

Como finalização do evento da *Semana Internacional do Idoso*, as oficinas *Lata 65* e *Projeto Performanciã* realizaram uma ação conjunta, unindo seus participantes na performance *VIVA +60!*¹⁴. Diante do mural grafitado e finalizado na oficina *Lata 65*, algumas das participantes da oficina de *graffiti* e arte urbana escreveram com spray, na parte traseira das camisas de algumas das participantes da oficina *Projeto Performanciã*, letras que iam formando aos poucos a frase “VIVA +60” – compondo uma mensagem sobre esse momento particular da vida não somente para os idosos participantes das oficinas, mas a todo o público presente.

Pudemos, como mediadores de projetos voltados à terceira idade, perceber o aproveitamento dos idosos envolvidos por meio não somente de um resultado, mas de um processo vivo e experimentado com compromisso e entrega de cada participante. Para além das oficinas, participantes ainda nos contatam pelas redes sociais, acompanhando nossos trabalhos e rumos pelas artes. A experiência da *Semana Internacional do Idoso* do Sesc Santana revelou-se como um positivo espaço disparador de questões e reflexões sobre o encontro da arte contemporânea e questões do envelhecimento. ↻

14 Assista ao vídeo da ação em: <<https://vimeo.com/141743776>> ou pesquise no Vimeo por “Viva +60”. Acesso em: 30 nov. 2015.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CESAR, Marisa Flórido. *Nós, o outro, o distante na arte contemporânea brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2014.
- FERÁL, Josette. Por uma poética da performatividade: o teatro performativo. *Sala Preta*, Brasil, v. 8, p. 199-200, nov. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57370>>. Acesso em: 30 nov. 2015.
- LOPES, Beth. A performance da memória. *Sala Preta*, São Paulo, n. 9, 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57397/60379>>. Acesso em: 30 nov. 2015.
- VERGARA, Luiz Guilherme. Dilemas éticos do lugar da arte contemporânea. Acontecimentos solidários de múltiplas vozes. *VISUALIDADES*, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 59-81, jan.-jun. 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/VISUAL/article/viewFile/28184/15842>>. Acesso em: 30 nov. 2015.



Avaliação físico-funcional e social com idosos no Sesc: um projeto integrado entre as áreas de assistência e esportes

[Artigo 6, páginas de 96 a 113]



Maria Clotilde B. N. Maia de Carvalho

Assistente social do Trabalho Social com Idosos do Sesc Administração Nacional, Mestre em Serviço Social e especialista em Gestão de Programas Intergeracionais.

mmaia@sesc.com.br

Rosimeiri Martins Gil

Assessora técnica do Departamento de Lazer do Sesc Administração Nacional e Doutoranda em Sociologia dos Desportos (FMH/UTH – Portugal).

rmgil@sesc.com.br

Ingrid Rochelle Rego Nogueira

Supervisora do Trabalho Social com Idosos do Sesc Fortaleza, assistente social, especialista em Saúde Pública e especialista em Saúde da Pessoa Idosa.

ingridnogueira@sesc-ce.com.br

Larissa Shelly de Souza Sebastião

Estagiária da atividade Trabalho com Grupos/Trabalho Social com Idosos do Sesc Administração Nacional, estudante de Serviço Social da Uerj.

lsebastiao@sesc.com.br

Conceição Rocha Damascena

Graduada em licenciatura plena em Educação Física e especialista em Avaliação da Performance Humana pela Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco (ESEF/UPE), gestora da padronização nacional da avaliação física do Departamento Nacional do Sesc – Departamento Nacional (DN) no Sesc Pernambuco-PE..

cdamascena@sescpe.com.br

Iuli Pereira Masson

Graduado em Educação Física no regime licenciatura plena pela Universidade Federal de Goiás (FEF/UFG) – Campus Goiânia, gestor técnico do programa de avaliação Micro-Physique no Sesc e avaliador físico no setor de Desenvolvimento Físico Desportivo – Unidade executiva Campinas/Sesc-GO e pós-graduado em Fisiologia do Exercício pela Universidade Veiga de Almeida (UVA), certificado pela The International Society for the Advancement of Kinanthropometry (Isak).

imasson@sescgo.com.br

Neide Alessandra Périgo Nascimento

Assistente técnica da Gerência de Estudos e Programas Sociais do Sesc-SP; Doutoranda do curso de pós-graduação de Nutrição e da disciplina de Geriatria e Gerontologia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp/EPM).

alessandrap@sescsp.org.br



Artigo 6

Avaliação físico-funcional e social com idosos no Sesc: um projeto integrado entre as áreas de assistência e esportes

RESUMO

O Trabalho Social com Idosos (TSI) do Sesc busca desenvolver projetos que visam alcançar um envelhecimento ativo, por meio da realização de ações socioeducativas e em saúde, com o intuito de aumentar a expectativa de vida saudável e a qualidade de vida para todas as pessoas que estão envelhecendo. Assim, o artigo destaca e analisa os resultados da ação do Sesc, baseada no Projeto “Avaliação Físico-Funcional e Social com Idosos”, que tem como objetivo diagnosticar a aptidão do aluno a fim de elaborar e prescrever programas de atividades que resultem em maior eficiência e que possam contribuir na execução das tarefas diárias, melhorar a qualidade de vida e identificar quais capacidades físicas estão declinando com o processo de envelhecimento. Foi definida a avaliação por ser uma estratégia educativa que possibilita a realização de diagnóstico com prescrição adequada para programas eficientes de exercícios físicos. Para implantação da proposta – simultaneamente à capacitação dos profissionais – foram realizados mutirões com grupos de idosos. Considerando a abrangência da entidade em nível nacional, os resultados obtidos originaram um banco de dados que permitem, de forma simples e rápida, identificar o perfil dos participantes, viabilizando indicadores quantitativos e qualitativos, para o acompanhamento do trabalho.

Palavras-chave: idosos; avaliação físico-funcional e social; atividade física.

ABSTRACT

The social work with elderly people at Sesc aims to develop projects to achieve an active aging through the implementation of socio-educational activities and health, in order to increase healthy life expectancy and quality of life for all people who are aging. Therefore, the article highlights and analyzes the results of an action Sesc based Project “Physical Evaluation, Functional and Social with Elderly”, which aims to diagnose the ability of the student to develop and prescribe activities programs that result in greater efficiency and can contribute in carrying out daily tasks and improve their quality of life, and identify which physical capabilities that are already declining in the aging process. Defined evaluation to be an educational strategy that enables the performance diagnostic with proper prescription for an effective exercise program. For implementation of the proposal – both the training of professionals – they were conducted joint efforts with elderly groups. Considering the scope of the entity at the national level, the results yielded a database that enable to quickly and easily identify the profile of the participants enabling quantitative and qualitative indicators for monitoring the work.

Keywords: elderly; physical evaluation, functional and social; physical activity.

INTRODUÇÃO

Com o aumento das atuais taxas populacionais de idosos na sociedade brasileira e a perspectiva de um crescimento abrangente, a necessidade de reestruturação e mudanças sociais nas múltiplas questões em que este fenômeno possa se desenvolver é iminente. Não é suficiente considerar apenas o aumento de expectativa de vida da população, mas também avaliar se os anos adicionais à vida de um indivíduo serão saudáveis (OKUMA, 2002).

O envelhecimento, assim como as demais etapas do curso da vida, é determinado por fatores multidirecionais, multifuncionais, históricos e culturais. Esses determinantes condicionam a vivência dessa etapa, permitindo, ou não, a elaboração de propostas para uma velhice bem-sucedida (SESC, 2010, p. 9).

É preciso avaliar as condições nas quais o indivíduo vive seus últimos anos de vida. Para isso foi criada uma variante denominada “expectativa de vida ativa, saudável ou funcional”. Neste sentido, essa expectativa termina quando a saúde de uma pessoa se deteriora a ponto de provocar a perda de sua independência nas atividades da vida cotidiana, tornando-se dependente de outros ou de algum tipo de assistência (HAYFLICK, 1996).

Além disso, cabe destacar que o envelhecimento populacional no Brasil não se tem traduzido na efetivação de direitos sociais, como prevê a Política Nacional do Idoso (PNI), que tem como objetivo assegurar aos velhos seus direitos sociais, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade:

Reconhece a questão da velhice como prioritária no contexto das políticas sociais brasileiras e objetiva criar condições para promover a longevidade com qualidade de vida, colocando em prática ações voltadas não apenas para os que estão velhos, mas também para aqueles que vão envelhecer (JÚNIOR, 2009, p. 157).

As atividades oferecidas pelo Sesc ao idoso tiveram início na década de 1960, por meio do grupo de convivência da atividade – Trabalho Social com Idosos (TSI): “No início, o trabalho era realizado pela nucleação de grupos de idosos para a prática de atividades de lazer” (Sesc, 2010, p. 22).

Artigo 6

Avaliação físico-funcional e social com idosos no Sesc: um projeto integrado entre as áreas de assistência e esportes

Posteriormente os grupos de idosos foram amplamente incorporados às ações do Sesc, *“desenvolvendo trabalhos que guardam o pioneirismo, assim como mantêm até hoje a possibilidade de transformação social”* (Sesc, 2010, p. 22).

O grupo é considerado um espaço de acolhimento, apoio e debate sobre temas do cotidiano do idoso. Ao longo dos anos, as ações desenvolvidas *“procuraram favorecer o acesso ao conhecimento das grandes questões da atualidade, aumentando o nível de informação e, conseqüentemente, a formulação de novas expectativas vivenciais”* (Sesc, 2010, p. 22).

Dessa forma, busca-se no TSI desenvolver projetos que visam alcançar um envelhecimento ativo e mais saudável, por meio da realização de ações socioeducativas e em saúde, com o intuito de aumentar a expectativa de vida saudável e a qualidade de vida para todas as pessoas que estão envelhecendo.

Entendendo que o TSI atua por meio das diretrizes: relações intergeracionais, gerontologia como tema transversal, envelhecimento ativo, protagonismo do idoso (Sesc, 2010), o Sesc realiza, desde 2012, o Projeto “Avaliação Físico-Funcional e Social com Idosos”.

A implantação do projeto deve-se ao crescimento da participação dos idosos no Programa de Desenvolvimento Físico Esportivo (DFE) e à ausência de registros sobre os resultados obtidos por meio da prática sistemática da atividade física. Tem por objetivo avaliar as condições de saúde da pessoa idosa, por meio do desenvolvimento de um plano de atividades específicas para cada idoso e do acompanhamento dos resultados a longo prazo, com o intuito de promover o envelhecimento ativo.

Pautado nestes preceitos, o Sesc propõe a avaliação físico-funcional e social para pessoas acima de 60 anos, estabelecendo uma unidade nacional integrada às duas áreas – DFE (Desenvolvimento Físico Esportivo) e TSI (Trabalho Social com Idosos) –, que atuam com a mesma clientela e carecem de ferramentas para avaliação física e prescrição de atividades e projetos para idosos.

PROJETO “AVALIAÇÃO FÍSICO-FUNCIONAL E SOCIAL COM IDOSOS”

O objetivo do projeto é atrelar as propostas dos grupos de convivência e da atividade física para avaliar as condições físicas e sociais desses idosos, cuja trajetória de vida foi marcada por contextos de violação de direitos e que, ao chegar à velhice, têm a oportunidade de estimular e exercer seu protagonismo.

A avaliação para idosos visa também estimular e motivar, de forma individualizada, aos “sedentários” a prática de atividades físicas por meio

da troca de informações e conhecimentos. E, para os já praticantes, a avaliação possibilitará um acompanhamento sobre o alcance dos objetivos e a eficácia dos programas utilizados.

O projeto fundamenta-se nas orientações do Módulo Político da Atividade Trabalho Social com Idosos (TSI), do Sesc, em sua Quarta Diretriz, que aborda a temática do Envelhecimento Ativo, e do Módulo Político da Atividade Desenvolvimento Físico Esportivo (DFE), que estabelece entre seus pressupostos básicos que a atividade física/esporte contribui para a melhoria da qualidade de vida no âmbito do bem-estar físico, psíquico e social do indivíduo. As atividades TSI e DFE são consideradas ações do Sesc na consecução de sua finalidade imediata, conforme Decreto-Lei nº 9.853, de 13/9/1946 (SESC, 2009).

O termo “envelhecimento ativo” foi adotado pela OMS para expressar “o processo de otimização de oportunidades para a saúde, a aprendizagem ao longo da vida, a participação e a segurança para melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas envelhecem” (ILC, 2015, p. 44; OPAS, 2005), comportando, para além do manter-se em atividade, a participação dos longevos nas questões sociopolíticas, econômicas e culturais.

O referido projeto foi desenvolvido a partir de orientações contidas em protocolo construído por equipe interdisciplinar, composta pelas áreas social e esportiva.

METODOLOGIA

O projeto foi desenvolvido em etapas:

– A primeira delas, a “Sala de Espera”, é um território dinâmico para acolhimento, informação e vínculo, realizado pelos profissionais das áreas do TSI e Esporte com os idosos que aguardam o atendimento, sendo um espaço de diálogo e troca de informações.

É na Sala de Espera que os profissionais têm a oportunidade de desenvolver atividades socioeducativas relacionadas à melhoria da condição de saúde do idoso, promovendo também um atendimento mais humanizado, garantindo o acolhimento dos idosos e melhorando a inter-relação idoso/Sesc/técnicos. Consideramos também que a Sala de Espera ameniza o desgaste físico e emocional associado ao tempo de espera pelo atendimento, com o desenvolvimento de atividades educativas, possibilitando a troca de experiências e a interação do conhecimento popular com os saberes dos profissionais.

Nesse espaço se garante a informação e orientação aos idosos, sobre os direitos e deveres garantidos pelo Estatuto do Idoso, por meio do desenvolvimento de ações socioeducativas que visam socializar e construir

Artigo 6

Avaliação físico-funcional e social com idosos no Sesc: um projeto integrado entre as áreas de assistência e esportes

coletivamente conhecimentos sobre temas que contribuam para estimular o protagonismo, a cidadania, a saúde e a qualidade de vida dos idosos.

- A anamnese social em formato mutirão contempla a situação socioeconômica e familiar, condições de saúde e encaminhamentos para as situações identificadas. Com a anamnese, identifica-se a realidade na qual o idoso está inserido, permitindo ao profissional do TSI uma intervenção mais direcionada para o perfil apresentado e a elaboração de novas propostas de atividades e projetos a serem oferecidos a partir das demandas apresentadas, bem como a realização de encaminhamentos à rede de serviços socioassistenciais e aos serviços do Sesc.

A anamnese também propicia ao profissional: a obtenção de informações pessoais, razões para fazer atividade física, experiência anterior com exercício, preferências por determinado tipo de atividade física e possíveis razões de impedimento à sua prática. As informações oferecidas ajudarão o avaliador a conhecer melhor o aluno para garantir sua segurança na prática do exercício.

Na anamnese é preenchido o questionário de prontidão para a atividade física – instrumento recomendado como um padrão mínimo para a inclusão num programa de exercícios com intensidade moderada. Trata-se de instrumento de filtro para diminuir ao máximo as chances de alguma intercorrência durante a prática da atividade física, seja na própria avaliação funcional ou no programa de atividade física. Esse procedimento não substitui o exame clínico feito pelo médico, mas permite iniciar a prática adequada antecedendo exame clínico mais aprofundado.

Com a finalização dessa etapa, os idosos recebem uma ficha comparilhada no intuito de que as próximas avaliações tenham como base as informações coletadas na avaliação social.

- Os protocolos utilizados foram selecionados em razão de sua ampla e fácil aplicabilidade, visto que foram validados de acordo com a literatura, e com os testes padrão ouro, em uma população de características variadas. Além disso, foram registrados em documento – Caderno Técnico de Procedimentos e Testes –, garantindo a padronização (SESC, 2015, p. 3).

A avaliação física foi realizada em formato de circuito, e envolveu a aferição da pressão arterial conforme procedimentos para avaliação da pressão arterial em repouso (ACSM, 2014), antropometria – peso, estatura, perímetro de cintura e panturrilha –, seguindo o protocolo da ISAK (STEWART et al., 2011), força de preensão manual e, posteriormente, as capacidades funcionais seguindo o protocolo TAFI (Teste de Aptidão Física para Idosos) com os alunos aptos (RICKLI, 2008).

Entre as inúmeras variáveis antropométricas, selecionamos estas, pois a adiposidade e o IMC são fatores de risco para obesidade, e, alterados, podem gerar alterações fisiológicas que tendem ao aparecimento de comorbidades. Além disso, o perímetro de panturrilha isolado serve como bom preditor para sarcopenia (PAGOTO, 2013).

A força de preensão manual é utilizada para a classificação de sarcopenia e é altamente correlacionada com a incidência de quedas e mortalidade. Foram utilizados os procedimentos da Sociedade Americana de Terapeutas de Mão (SATM) com o equipamento dinamômetro do tipo Jamar, da marca Saehan.

A bateria de testes TAFI visa monitorar a aptidão de idosos fisicamente independentes, mas, diferente de outras baterias, ela estratifica a condição física do idoso classificando-o em cada capacidade funcional, divididos esses idosos por característica fisiológica.

A força tende a declinar após os 50 anos em média 15% a 20% por década e a manutenção desta variável é de suma importância para atividades diárias como subir degraus, carregar e/ou segurar objetos, entre outras (RICKLI, 2008). Essa capacidade funcional foi avaliada nos testes de flexão de braço e de levantar da cadeira, sendo o primeiro para avaliar a força de membros superiores e o segundo, dos membros inferiores (MATSUDO, 2010).

A diminuição da flexibilidade pode provocar a redução da mobilidade articular e consequentemente declínio em atividades básicas, instrumentais ou avançadas como andar, lavar os pés e vestir-se (RICKLI, 2008). Esta variável foi avaliada nos testes de sentar e alcançar os pés e no teste de alcançar as costas, sendo o primeiro para avaliar a flexibilidade de membros inferiores e o segundo, de membros superiores.

A resistência aeróbia sofrerá declínio e sua manutenção é de suma importância para as atividades instrumentais e avançadas do dia a dia (RICKLI, 2008). Esta variável foi avaliada por meio do teste de marcha estacionária de 2 minutos.

A falta de agilidade, combinada com o equilíbrio dinâmico, está intimamente ligada com a incidência de quedas (RICKLI, 2008). Esta variável foi avaliada pelo teste de levantar e caminhar (ir e vir, 2,44m).

- A roda de conversa, ou prescrição, ou atendimento individualizado, é a última estação. É nela que ocorre a entrega do material socioeducativo (cartilha), em que constam os resultados de suas avaliações, orientações, encaminhamentos e prescrições. A avaliação só é concluída com a apresentação dos resultados individualizados e é contextualizada com todos os participantes reunidos.

Artigo 6

Avaliação físico-funcional e social com idosos no Sesc: um projeto integrado entre as áreas de assistência e esportes

A avaliação não subsiste por si; ela deve estar conectada às intervenções que se colocam a serviço da pessoa idosa. Ela precisa ser coerente com o que, efetivamente, é trabalhado com os idosos, com os potenciais que se considera importante desenvolver, com os comprometimentos que se quer prevenir, enfim, com os resultados que se pretende obter com o trabalho realizado.

Os resultados obtidos no Brasil só fazem sentido quando trabalhados no âmbito local e é com esta proposta de intervenção que este artigo apresenta o modelo de referência realizado no DR/Ceará.

A PRÁTICA: O MUTIRÃO NO CEARÁ

A proposta de padronização de avaliação físico-funcional e social integrada às áreas de DFE e TSI, por meio do Projeto “Avaliação Físico-Funcional e Social com Idosos”, tem sido sistematizada desde 2013, com o objetivo de valorizar e educar para a importância da atividade física como uma ferramenta eminentemente educativa que possibilita também informar, valorizar e divulgar o trabalho do Sesc.

Desde a implantação foram realizadas em torno de 5.000 avaliações no Brasil. No ano de 2016, durante encontro técnico no Sesc Iparana (Ceará), foi realizado um mutirão de avaliação com a participação de 34 idosas, composto por integrantes do Projeto Cidadania Ativa (CA): uma nova realidade para os idosos, sobre o qual traçaremos algumas observações.

O Projeto CA intenciona estimular o protagonismo na velhice, fomentando e valorizando o papel social da pessoa idosa, seus saberes, experiências e vivências, por meio de ações que aproximem o velho de formas concretas de participação social (NOGUEIRA, 2009).

Essas comunidades são marcadas pela negação dos direitos humanos básicos e as velhices nesses territórios vivenciam situações de vulnerabilidade e risco social, não tendo seus direitos efetivados, tais como: habitação, educação, saúde, cultura, assistência social, entre outros. Além disso, apresentam, em sua maioria, vínculos familiares e comunitários fragilizados, bem como o valor da aposentadoria, ou benefício socioassistencial, insuficiente para manter suas necessidades básicas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a boa condução da coleta de dados, na perspectiva de traçar o perfil das idosas avaliadas, deu-se, anteriormente ao mutirão, o processo de padronização dos instrumentos utilizados, questionários e testes funcionais aplicados ao referido grupo na intenção de obter medidas padronizadas, haja vista estas possuírem vantagens, pois são menos

suscetíveis a vieses, mais acuradas e reprodutíveis, mesmo quando utilizadas por equipes com diferentes níveis de treinamento (PAIXÃO JR.; REICHENHEIM, 2005).

Os dados coletados apontam para os seguintes resultados:

– Faixa etária e grau de escolaridade

A ação teve a participação de 34 idosas, com a faixa etária de aproximadamente 68 anos.

Em relação ao grau de escolaridade as avaliadas representaram diferentes níveis: não alfabetizadas (3,4%); Ensino Fundamental incompleto (33%); Ensino Fundamental completo (14%); Ensino Médio incompleto (6%); Ensino Médio completo (19,6%); Ensino Superior incompleto (3%); Ensino Superior completo (18%); não informou (3%).

Com relação ao uso de próteses, 55,8% delas a utilizam. Deste total, 35,2% se referem à prótese ocular e 64,8%, à prótese dentária.

No histórico médico pessoal sobre o estado físico de saúde, 79,4% disseram que sentem dores e a mesma quantidade disse que faz uso de medicação. Um percentual de 44,1% relatou que tem problemas cardíacos; 14,7% delas apresentam problemas de colesterol; 29,4% têm diabetes; 8,8% têm labirintite; 5,8% apresentam problemas psíquicos; 2,9%, têm problema visual e não utilizam prótese ocular; 14,7% têm osteoporose; 8,8%, osteopenia; 2,9% vivenciaram a enfermidade do câncer; 11,7% têm transtorno com a tireoide e 17,6% delas possuem problemas ortopédicos.

– Percepção de memória

A queixa de dificuldade de memória é uma das mais frequentes em pessoas idosas, o que não significa, entretanto, sinônimo de perda significativa da memória. O grau de perda de memória varia entre os idosos e não é exclusivo deles, podendo uma pessoa jovem ser acometida da mesma dificuldade.

As pessoas idosas lamentam esquecer fatos ocorridos recentemente, mas podem se lembrar de episódios ocorridos em suas infâncias, o que pode ser explicado pela carga emocional diferente em cada acontecimento. Possivelmente a pessoa se lembrará com mais facilidade de fatos com forte apelo emocional, mas cabe ressaltar que a perda de memória não acontece sempre em razão da doença de Alzheimer: “Apesar de a doença de Alzheimer ser a forma mais comum de demência, existe um número de diferentes tipos de demência” (LIVEIRA et al., 2005, p. 2).

Outra queixa comum entre os idosos refere-se à repetição da mesma palavra, de frases ou histórias, para a mesma pessoa em diferentes ocasiões, o que pode ser justificado pelo comprometimento da memória

Artigo 6

Avaliação físico-funcional e social com idosos no Sesc: um projeto integrado entre as áreas de assistência e esportes

contextual: o fato é lembrado, mas não onde foi contado ou ouvido – “O paciente perde a capacidade de entender ou utilizar a linguagem e pode simplesmente repetir os finais das frases, sem compreender o significado das palavras” (LIVEIRA et al., 2005, p. 16).

Nos resultados da ação realizada, 7 idosas (20,6%) relataram que a percepção da memória é ótima; 13 participantes (38,3%) disseram que a memória é boa; 2 idosas, o que corresponde a 5,8%, responderam que a percepção da memória é mediana; 5 delas, o que equivale a 14,7%, relataram que a percepção é regular; e outras 7 (20,6%) explicitaram que a memória é ruim.

A seguir, os resultados da avaliação físico-funcional.

Tabela 1 - Perfil relacionado à prática de exercícios físicos

Exercícios físicos	Resultados - N%
Sujeitos	34
Praticantes	28 - 82,35%
Não praticantes	6 - 17,64%
Frequência Semanal	
Uma vez	2 - 5,88%
Duas	12 - 35,29%
Três	6 - 17,64%
Quatro	5 - 14,70%
Cinco	2 - 5,88%
Seis	1 - 2,94%

Tabela 2. Média dos resultados dos testes físicos e funcionais

Testes físicos e funcionais	Sujeitos	Média	Desvio-padrão
Idade	34	68,47	8,05
Sentar e alcançar	31	-3,73	7,88
Alcançar as costas	30	-5,42	8,28
Levantar da cadeira	24	11,13	2,23
Levantar e caminhar	29	6,42	1,33
Flexão de cotovelo	24	15,96	2,60
Marcha estacionária	25	86,36	16,43
Preensão manual direita	27	19,33	4,67
Preensão manual esquerda	27	19,50	4,56

Tabela 3. Perfil antropométrico das idosas avaliadas

Dados descritivos - antropometria	Sujeitos	Média	Desvio-padrão
Peso	34	63,01	11,75
Estatura	34	151,54	6,69
IMC	34	26,96	4,88
Perímetro cintura	32	93,45	13,56
Perímetro panturrilha	32	33,94	3,79

Houve uma correlação positiva entre o IMC (Índice de Massa Corporal) e o perímetro de cintura e de panturrilha ($r = 0,50$ e $0,60$ respectivamente; $p = 0,001$).

Ainda, houve também uma correlação positiva entre o teste flexão de cotovelo e o teste de prensão manual (braços direito/esquerdo) – $r = 0,60$ e $0,87$ respectivamente; $p = 0,001$.

A resposta positiva, no que concerne ao percentual de idosas que se declararam praticantes de atividade física regular, foi de 82,35%, em que 41,16% do grupo acumula 3 (três) ou mais dias de prática por semana, o que ratifica a importância que dão à referida prática, como forma de manutenção da aptidão física em indivíduos idosos, citada na literatura na perspectiva de atenuar e reverter a perda de massa muscular, contribuindo para preservar a autonomia funcional e o envelhecimento saudável (FABRÍCIO et al., 2004; SHEPPARD, 2003).

Comportamento este de extrema importância, em se tratando do gênero feminino, que é maioria em grupos de idosos, nos quais, apesar de esse público ter maior longevidade, apresenta maiores limitações ou maior perda da capacidade funcional, de acordo com os estudos de Brill et al. (2000) nos Estados Unidos, Sousa et al. (2003) em Portugal e Feliciano et al. (2004) em São Carlos, São Paulo.

Considerando os valores médios, quando nos reportamos à massa corporal total: $63,01 \pm 11,75$ kg, IMC $26,96 \pm 4,88$ kg/m², classificando o grupo como eutrófico (NSI, 1994), e à circunferência da cintura de $93,45 \pm 13,56$ cm, podemos observar um fator de risco segundo o American College of Sports Medicine – ACSM (2014, p. 26). Obtivemos então, dados de extrema importância na determinação do risco individual de doenças, pois, para Heyward e Stolarczyk (2000, p. 87): “A maneira pela qual a gordura está distribuída pelo corpo é mais importante que a gordura corporal total”.

Artigo 6

Avaliação físico-funcional e social com idosos no Sesc: um projeto integrado entre as áreas de assistência e esportes

Dessa forma, encontramos resultados que corroboram com estudos anteriores, relacionados à referida população, na qual se verificou a presença de mulheres não obesas com o perfil androide (RASKIN et al., 2000), ou seja, a presença de um acúmulo de gordura visceral com distribuição central ou abdominal predominante, que caracteriza o referido perfil e é encontrado em mulheres climatéricas e pós-menopáusicas.

Em contrapartida ao risco observado pelo padrão androide de distribuição de gordura para o grupo em questão, quando nos reportamos à massa muscular, a circunferência da panturrilha tem sido considerada a medida mais sensível em idosos, como um bom indicador de desnutrição (WHO, 1995), sendo considerada adequada a circunferência igual ou superior a 31 cm para homens e para mulheres (ACUÑA; CRUZ, 2004).

Dessa forma, quando observamos o valor médio para a circunferência da panturrilha de $33,94 \pm 3,79$ cm, tal resultado aponta para uma manutenção da massa muscular e, especificamente, para o gênero em questão, estudos anteriormente realizados apontaram que o perímetro de panturrilha foi o único indicador de estado nutricional que teve associação com a capacidade funcional, independentemente de outras variáveis consideradas (SANTOS et al., 2014).

Para a verificação do perfil do grupo avaliado, tomando como referência componentes da aptidão física relacionados à condição funcional das idosas, os valores médios encontrados foram comparados a valores normativos, via percentis (FARINATTI, 2008; MATSUDO, 2010).

Além da verificação de tais valores, estatisticamente podemos observar resultados que corroboram com estudos anteriores, especificamente a uma correlação positiva apresentada entre a força de preensão manual (FPM) e o teste de flexão de cotovelo (FARINATTI, 2008; MARTIN et al., 2012).

No que concerne ao teste de FPM, foram observados valores para mão direita e esquerda: $19,33 \pm 4,67$ kgf e $19,50 \pm 4,56$ kgf, respectivamente, que foram considerados baixos (MATSUDO, 2010, p. 102), implicando, conforme Farinatti (2008), que tal grupo apresenta uma baixa capacidade de aplicar tensão a objetos imóveis e/ou de elevar pesos, o que pode estar relacionado à presença de idosas acometidas por problemas ortopédicos, como apontado na avaliação social via questionário aplicado.

Tal condição pode interferir na redução da capacidade funcional para atividades cotidianas do referido grupo, visto que, de acordo

com a literatura, o teste de FPM é um indicador geral de força para membros superiores, sendo atribuído, ao referido teste, valor epidemiológico (FARINATTI, 2012).

Para o teste de flexão de cotovelo obtivemos valores médios, no número de repetições, de $15,96 \pm 2,60$ (n/30s), em que, segundo “tabelas de classificação adaptadas”, a partir de Farinatti (2008), tal resultado classifica o grupo na média.

No que concerne à força e resistência musculares para os membros superiores (MMSS), as referidas idosas apresentam uma condição dentro do esperado, para a realização das atividades funcionais cotidianas (FARINATTI, 2012).

Não observamos condição semelhante quando houve a verificação dos valores médios para o teste de levantar e sentar da cadeira: $11,13 \pm 2,23$ (n/30s), classificando-as numa condição regular, apontando declínio da força muscular para os membros inferiores (MMII), que pode caracterizar uma dinapenia, quadro que consiste na perda da força muscular relacionada com a idade (PINHEIRO, 2013).

Para os testes que buscaram avaliar a condição da flexibilidade de MMSS e MMII das idosas em questão, foram encontrados valores médios iguais a: $-5,42 \pm 8,28$ (cm) e $-3,73 \pm 7,88$ (cm), respectivamente, valores estes que classificam o referido grupo numa condição regular quando observamos a flexibilidade de ombro, e condição fraca, no que concerne à flexibilidade de tronco e quadril.

Sabemos que, conforme Feland et al. (2001), tal condição afeta o equilíbrio, a postura e o desempenho funcional, aumenta o risco de quedas e problemas respiratórios, diminui a velocidade da marcha e dificulta as atividades da rotina diária.

Para os valores médios encontrados nos testes de levantar e caminhar iguais a $6,42 \pm 1,33$ (seg.), classificação fraca, e da marcha estacionária de 2min: $86,36 \pm 16,43$ (n/2min), com a classificação regular, podemos concluir que estes sofrem interferência da baixa flexibilidade, como observado anteriormente.

Da mesma forma, os baixos escores apontados no teste de levantar e caminhar, que envolve componentes como agilidade e equilíbrio, acabam por contribuir para aumento do risco de queda, aliado à perda de força já observada, como também em função do baixo escore relacionado à capacidade cardiorrespiratória das idosas. Podemos sugerir uma redução na capacidade funcional geral, que se relaciona com as atividades cotidianas (FARINATTI, 2012).

Artigo 6

Avaliação físico-funcional e social com idosos no Sesc: um projeto integrado entre as áreas de assistência e esportes

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O envelhecimento populacional é uma conquista alcançada pela humanidade, sendo cada vez mais alvo de reflexões sobre como viver melhor os anos conquistados com a longevidade.

Esse contexto leva à necessidade de fundamentar ações nas demandas dos sujeitos envelhecidos de forma a valorizar suas trajetórias de vida, incentivar o protagonismo e promover ações que venham ao encontro de suas necessidades. Como reflexo disso, o Projeto “Avaliação Físico-Funcional e Social com Idosos” busca identificar fatores que contribuem para maior autonomia e independência dos idosos, o que impacta diretamente na qualidade de vida desse público.

Dessa forma, o projeto constituiu-se como uma oportunidade de estimular a participação dos idosos, diagnosticar sintomas e indicar formas de prevenção e cuidado quanto a problemas, fragilidades e patologias identificadas.

Considerando a avaliação em questão, podemos concluir que os resultados obtidos em todos os testes se relacionaram não apenas aos componentes da aptidão física de maneira isolada, mas observamos também as implicações de tais resultados para a condição funcional do grupo.

Dessa forma, encontramos resultados em um contexto funcional geral, que coloca as avaliadas como passíveis de um maior risco de quedas, quando observamos os baixos escores para vários componentes da aptidão física, entre eles a flexibilidade dos MMII, componente relacionado ao equilíbrio, à postura e ao desempenho funcional, escores estes que se contrapõem ao nível de atividade física das idosas que se apresentaram como fisicamente ativas, acumulando inclusive, boa parte delas, 3 (três) ou mais dias de prática de atividade física.

Sugere-se assim, pelo diagnóstico alcançado a partir da aplicação dos testes funcionais, rever pontos na abordagem ao grupo de idosas, especificamente rever a prescrição da rotina de atividade física do grupo, observar movimentos, intensidade e sobrecarga oferecidos nas aulas, na perspectiva de impactar na condição funcional, para que, posteriormente, esse mesmo grupo seja submetido ao processo de reavaliação da condição funcional, pelo qual, a partir da obtenção de dados de acompanhamento, nova intervenção seja realizada ratificando a importância das avaliações e reavaliações periódicas.

Diante desse cenário, promover o envelhecimento ativo inclui ações referentes à saúde, acessibilidade, socialização, efetivação de direitos e ao protagonismo das pessoas idosas, uma vez que essas pessoas podem avaliar com propriedade o que é mais significativo na construção de seu envelhecimento.

Assim, a proposta da Avaliação Físico-Funcional e Social com Idosos, apresentada neste estudo, lança um olhar integral sobre a velhice, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida e cidadania da pessoa idosa, ampliando seu acesso à informação sobre saúde e direitos sociais, incentivando o envelhecimento ativo e a interdisciplinaridade como um caminho acertado para a construção de uma cultura de cuidados. 🔄

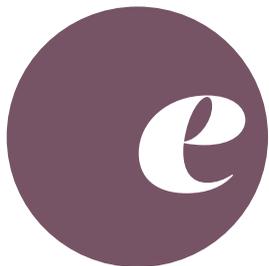
Artigo 6

Avaliação físico-funcional e social com idosos no Sesc: um projeto integrado entre as áreas de assistência e esportes

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACSM. *Diretrizes do ACSM para os testes de esforço e sua prescrição*. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2014.
- ACUÑA, K.; CRUZ, T. Avaliação do estado nutricional de adultos e idosos e situação nutricional da população brasileira. *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia*, 2004; 48(3).
- BRILL, P.A.; MARCERA, C.A.; DAVIS, S.N.B.; GORDON, N. Muscular strength and physical function. *Med Sci Sport Exerc*, 2000; 32:412-416.
- FABRÍCIO S.C.C.; RODRIGUES, R.A.P.; COSTA JUNIOR M.L. Causas e consequências de quedas de idosos atendidos em hospital público. *Revista de Saúde Pública*, 2004; 38:93-99.
- FARINATTI, Paulo de Tarso Veras. *Envelhecimento, promoção da saúde e exercício: bases teóricas e metodológicas*. Barueri, SP: Manole, 2008.
- FARINATTI, Paulo de Tarso Veras. *Relatório do Grupo de Trabalho para a Padronização de Proposta da Avaliação Físico-Funcional do Idoso*. Rio de Janeiro: Departamento Nacional do Sesc (DN), 2012.
- FELAND, J.B.; MYRER, J.W.; SCHULTHIES, S.S.; FELLINGHAM, G.W.; MEASOM, G.W. The effect of duration of stretching of the hamstring muscle group for increasing range of motion in people aged 65 years or older. *Phys Ther*, 2001; 81(5):1.110-1.117.
- FELICIANO, A.B.; MORAES, A.S.; FREITAS, I.C.M. O perfil dos idosos de baixa renda no Município de São Carlos, São Paulo, Brasil: um estudo epidemiológico. *Cad. Saúde Pública*, 2004; 20:1.575-1.585.
- HAYFLICK, L. *Como e por que envelhecemos*. Rio de Janeiro: Campus, 1996. 366p.
- HEYWARD, V.H.; STOLARCZYK, L.M. Avaliação da composição corporal aplicada. São Paulo: Manole, 2000.
- ILC – BRASIL. *Envelhecimento ativo: um marco político em resposta à revolução da longevidade*. Rio de Janeiro: Centro Internacional de Longevidade Brasil, 2015.
- STEWART, A.; MARFELL-JONES, M.; OLDS, T.; RIDDER, H. *International standards for anthropometric assessment*. Australia: International Society for the Advancement of Kinanthropometry, 2011.
- JÚNIOR, Juarez Correia Barros. *Empreendedorismo, trabalho e qualidade de vida na terceira idade*. 1. ed. São Paulo: Edicon, 2009. 500p.
- LIVEIRA, M.F.; RIBEIRO, M.; BORGES, R.; LUGINGER, S. *Doença de Alzheimer – perfil neuropsicológico e tratamento*. Licenciadas em Psicologia da Saúde, Universidade Lusíada do Porto – Departamento de Psicologia. 2005. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0032>>. Acesso em: 4 out. 2016.
- MARTIN, F.G.; NEBULONI, C.C.; NAHAS, M.S. Correlação entre estado nutricional e força de preensão palmar em idosos. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S180998232012000300010&script=sci_arttext>.
- MATSUDO, Sandra Marcela Mahecha. *Avaliação do idoso: física e funcional*. 3. ed. Santo André, SP: Edição do Autor, 2010.

- NOGUEIRA, Ingrid Rochelle Rêgo. *Relato de experiência do Projeto Cidadania Ativa: uma nova realidade para o idoso*. Rio de Janeiro: Conselho Internacional de Bem-Estar Social América Latina e Caribe/Centro Brasileiro de Cooperação e Intercâmbio de Serviços Sociais – CIB/CBCISS, 2009. Disponível em: <<http://www.cibs.cbciss.org/arquivos/PROJETO%20CIDADANIA%20ATIVA%20-%20UMA%20NOVA%20REALIDADE%20PARA%20O%20IDOSO.pdf>>. Acesso em: 4 out. 2016.
- OKUMA, S.S. Cuidados com o corpo: um modelo pedagógico de educação física para idosos. In: FREITAS, E.V.; NERI, A.L. *Tratado de geriatria e gerontologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.
- OPAS. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*/World Health Organization. Tradução de Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.
- PAGOTO Valéria. *Sarcopenia em idosos: revisão, prevalência, concordância entre métodos diagnósticos e antropometria como proposta de rastreamento*. Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde, Goiânia, 2013. [manuscrito].
- PAIXÃO JR., C.M.; REICHENHEIM, M.E. Uma revisão sobre instrumentos de avaliação do estado funcional do idoso. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 21(1):7-19, jan.-fev. 2005.
- PINHEIRO, Paloma Andrade. *Instrumentos de triagem para sarcopenia em idosos residentes em comunidade: indicadores antropométricos e teste de desempenho motor*. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Departamento de Saúde, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde, Jequié-BA, 2013.
- RASKIN, D.B.F.; PINTO-NETO, A.M.; PAIVA L.H.S.C.; RASKIN, A.; MARTINEZ, E.Z. Fatores associados à obesidade e ao padrão androide de distribuição da gordura corporal em mulheres climatéricas. *RBGO*, v. 22, n. 7, 2000.
- RICKLI, R.E. *Teste de aptidão física para idosos*. Barueri, SP: Manole, 2008.
- SANTOS, K.T.; JUNIOR, J.C.C.S.; ROCHA, S.V.; REIS, L.A.; COQUEIRO, R.S.; FERNANDES, M.H. Indicadores antropométricos de estado nutricional como preditores de capacidade em idosos. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, v. 20, n. 3, mai.-jun. 2014.
- SESC. *Política Social de Atenção ao Idoso: Trabalho Social com Idosos do Sesc*, 2009.
- SESC. *Modelo Trabalho Social com Idosos: módulo político*. Sesc, Divisão de Planejamento e Desenvolvimento, 2010.
- SESC. *Caderno Técnico de Procedimentos e Testes*. Departamento Nacional, Coordenadoria de Lazer, Assistência e Saúde, 2015.
- SHEPPARD, R.J. *Envelhecimento, atividade física e saúde*. São Paulo: Phorte, 2003.
- SOUSA, L.; GALANTE, H.; FIGUEIREDO, D. Qualidade de vida e bem-estar dos idosos: um estudo exploratório na população portuguesa. *Revista de Saúde Pública*, 2003; 37(3):364-371.
- WHO – World Health Organization. *Physical status: the use and interpretation of anthropometry*. Geneva: World Health Organization, 1995. (WHO Technical Report Series n. 854).



ENTREVISTA

DOROTHY LENNER

84 anos, bailarina e atriz

“Temos que aprender a ouvir o silêncio, ele é mágico como a vida.”



Olhar tranquilo, sorriso calmo, gestos acolhedores. A expressão de Dorothy Lenner já é um convite à aproximação, um convite à escuta, para compartilhar lembranças e memórias. Nascida em Bucareste, Romênia, viveu na Argentina antes de fixar-se no Brasil há décadas. Em sua narrativa estão claros os sinais do aprendizado com seu mestre Takao Kusuno, sobre a transgressão e superação das limitações físicas pelo bailarino, em um caminho onde a vida não se separa da arte, da criação, da vida e da morte.



RAIO-X

Dorothy Lenner

84 anos, Romênia.

Ocupação: Bailarina
e atriz



MAIS 60 Dorothy, nascida na Romênia, como chegou ao Brasil?

DOROTHY LENNER Saímos da Romênia, em 1939, quando Hitler invadiu a Polônia, eu tinha 7 anos. Partimos em um trem que nos levou a Trieste, na Itália. Lá, em Trieste, ficamos duas ou três semanas, para depois chegarmos à Gênova para tomar o navio que nos traria à Argentina.

Você guarda lembranças dessa viagem?

Sim, o trem estava cheio de diplomatas do mundo inteiro. Não só da Polônia, mas de outros países, fugindo da ameaça da guerra. Era terrível! Havia um limite de dinheiro que podíamos levar e lembro que minha mãe escondeu algum dinheiro extra, que não podia declarar, na minha bota e na do meu irmão e quando alguém me dizia “_tira a botinha, para deitar e descansar” eu falava “_não, não, não quero. Eu sinto frio nos pés”.(risos). Eu tinha 7 anos e meu irmão 11.

Por que a decisão de vir para América do Sul, para Argentina?

Bem, minha avó materna estava na Argentina, desde 1910. Minha avó, largou o marido e cinco filhos, porque havia se apaixonado por outro homem, um coronel engenheiro, argentino.

Muita coragem de sua avó, sem dúvida.

O que você quer? Fizeram-na casar-se com meu avô, aos 13 anos. Minha avó foi sua segunda esposa, ele era viúvo. Aquele homem com quem fugiu é que foi seu amor verdadeiro, ela largou tudo e mudou-se para a Argentina com ele. Quando partiu queria levar minha mãe, que tinha cinco anos. Minha mãe conta que meu avô disse “_Você pode ir, mas as crianças ficam comigo”. Com minha mãe eram cinco crianças.



“Quando fui para Londres, em 1966, como bolsista do Conselho Britânico para representar o Brasil no curso *Stage Craft and Acting* no *British Drama League*, não sentia falta de nada, só das minhas filhas. “

Também uma decisão difícil para sua mãe partir para a Argentina.

Sim. Em 1937, meu pai havia morrido, eu tinha cinco anos e minha avó já queria que viéssemos para a Argentina, mas minha mãe não quis. Em 1939, minha avó convenceu-a sob o argumento que após Hitler ter invadido a Polônia, não se sabia o que poderia acontecer na Europa e que, de qualquer forma, depois poderíamos voltar.

Mas vocês não voltaram.

Não. Voltei em 1967 pela primeira vez. Foi tão forte essa minha volta, foi uma catarse, para mim. Eu só aguentei três dias. Eu tive que vir embora, porque era tão forte, tão forte. Lá eu tinha, ainda, um tio e eu pedi para ele, queria ir até minha antiga casa. Pedi que me levasse até lá.

Você reencontrou sua casa.

Sim, só que a casa toda fora dividida. Lá estávamos sob o regime comunista. Em uma das partes, estavam duas médicas e fiquei contente de conhecê-las. Foi forte esse retorno. Em 1974, voltei com minhas filhas para que elas conhecessem sua ancestralidade.

Você já tinha as três meninas?

Sim. Foi assim: em 1952 fiquei noiva. Casei-me em 1953 e em 1954, nasceu minha primeira filha. A segunda nasceu em 1961 e a terceira em 1963. Quando fui para Londres, em 1966, como bolsista do Conselho Britânico para representar o Brasil no curso *Stage Craft and Acting no British Drama League*, não sentia falta de nada, só das minhas filhas. Em Londres, morava num quarto, com uma piazinha, o banheiro era fora, eu não estava nem aí (risos) Se eu pudesse ter minhas filhas, teria tudo que queria. Tinha acabado de me separar, então.

Quem ficou cuidando das meninas?

Elas ficaram com minha mãe e com uma enfermeira que tinha cuidado da mais nova quando nasceu. Na verdade cuidou das minhas três, da Vivian, da Alexa e depois da Nina. Sempre tentei que meu trabalho não interferisse no meu relacionamento com elas. Como perdi meu pai quando era muito pequena, e é algo que sinto até hoje, uma falta enorme.

Você tem lembranças muito vivas de seu pai apesar de ter apenas 5 anos quando ele morreu.

Tenho. Eu tenho lembranças dele perfeitas. Lembro que esquiávamos juntos e ele me levava no trenó. Era muito presente, gostava de arte, dançava, gostava de cozinhar, gostava da vida! Ele tinha só 39 anos quando faleceu.

Uma personalidade marcante. E que outras lembranças você tem dessa época?

Lembro uma vez que fomos esquiar. Em um albergue nas montanhas uma noite eu comi algo e perguntei “_Mas que gostoso que é isso, o que é isso?” Era pata de urso (risos) Você não imagina o que é isso! Sinto o gosto, o sabor daquela coisa, até hoje!. Eu adoro urso, então, foi um choque. Até hoje, até hoje não, mas até os anos oitenta, quando fui pela última vez para a Romênia, acho que foi em 1987, ainda tinha caçadores que vinham da França, da Itália, para a caçada aos ursos. E a cada urso morto pagavam mil dólares ao governo. Era o tempo do governo de Nicolae Ceaușescu, tempo muito ruim. Ceaușescu acabou com o ser humano, com o país, com tudo apesar de ser um país pequeno é muito rico culturalmente. Temos mosteiros, maravilhosos. Na Moldávia, perto da Rússia, temos mosteiros pintados por fora e por dentro, afrescos maravilhosos. Em cada povoado temos pequenas igreja, tudo escuro por dentro, para conservar as pinturas. No meu espetáculo, quando entro, ouve-se o “tá tá tá” é o chamado – batida de ferro no ferro - para o povo, para os camponeses, o chamado para a missa. “táh,táh,táh...” em seguida o sino. Lindo! A minha filha Alexa, em 93 ou 94 ganhou uma bolsa de estudos na Romênia para estudar as danças e músicas folclóricas. Trouxe muita coisa, me emprestou e eu trouxe para o trabalho, que é para transmitir a cultura de outros países.

Sua avó morava em Buenos Aires, na Argentina.
Sim, Buenos Aires.

A primeira vez que sua avó chamou sua mãe para vir à Argentina ela não quis.

Não, ela não quis. Quando minha mãe casou minha avó veio à Romênia. Mas era difícil, havia muita mágoa. Minha mãe contava que seu irmão mais novo, Alfred – que morreu com dez anos de meningite – dizia para ela, nunca perder sua mãe por tê-los deixado, abandonado e ido embora.

Para sua mãe também não deve ter sido fácil.

Não. Não mesmo. Mas ela gostou de Buenos Aires, da Argentina, dizia que a Argentina a havia recebido de braços abertos. Mas, eu vou te dizer, eu nunca me dei muito bem. Sabe, achava que as colegas do liceu eram falsas. Quando eu entrei na faculdade de Farmácia e Bioquímica...

Tudo a ver com você (risos)

Tudo (risos). Quando entrei na faculdade mudou tudo. Eram outras cabeças, então gostei, mas eu nunca pude me esquecer da Romênia e do meu pai. Quando tinha nove anos, minha mãe casou-se com um intelectual polonês, mas nunca o aceitei. Eu estudava em um colégio de freiras e precisei deixar, porque ela iria casar-se com um polonês judeu. Eu não aceitava um padrasto.

Ela converteu-se?

Sim, ela se converteu. Meu padastro era uma pessoa com um cargo muito alto na comunidade, diplomata, escritor, jornalista. No entanto, eu não podia dizer que não era judia. Sou católica. Então, todo mundo pensava que era judia e eu ficava quieta. Essa situação, de uma certa maneira, matou a minha infância, adolescência. Nesse sentido, eu acho que amadureci com muita mágoa.

Na verdade, você teve que lidar com questões difíceis, muito cedo.

Muito cedo. Perder o pai, mudar de país. Meu pai era luterano. Na verdade, tenho dentro de mim um pouco de todas as religiões. Por outro lado, a noção do perigo durante a viagem tivemos anos depois quando, por puro acaso, soube que o navio Oceania, que nos trouxe à Argentina, na volta à Europa foi afundado por minas marítimas. O mar já estava minado quando viemos. O barco tinha que navegar em zigue-zague.

Vocês correram um grande perigo.

Minha vida toda. Um dia eu estava ensaiando, nos anos sessenta, em sessenta e oito, eu estava ensaiando Lisístrata, de Aristófanes, foi o Maurice Vaneau que dirigiu. Fazia parte do coro com a Lelia Abramo, Laura Cardoso, vários artistas, um elenco muito grande. Uma tarde, durante o ensaio, cai do cenário de uma altura de cinco metros. Para você ter ideia, caí do cavalo, a primeira vez, com quatorze anos, antes disso, já tinha batido de bicicleta no muro, nunca mais eu peguei uma bicicleta. Nunca mais. (risos) Minha mãe dizia que, porque eu gostava de balançar em árvores altas, que eu era selvagem e perguntava quando eu iria parar. Apanhei tanto na minha vida. (risos)

Sua mãe era rígida e metódica.

Sim. Lembro que pequeninha, gostava de ir a um acampamento de ciganos que havia próximo a minha casa no campo. Eu adorava brincar com as crianças do acampamento. Pulava corda com elas, brincava, tenho fotos. Minha mãe mandava a *fraulein* Lídia me buscar. Até que um dia ela disse que eu não era sua filha, que havia me comprado dos ciganos, que eu não deveria voltar ao acampamento. Para que ela falou isso? (risos) fiz uma trouxinha e fui



para o acampamento. Ela foi me buscar e eu apanhei demais por causa disso. Para mim era simples “_Mas você não falou que você não é minha mãe? Então, eu vim aqui para ver se eu encontro minha mãe cigana.” (risos)

Quantos anos você tinha?

Acho que quatro ou um pouco mais. Eu era terrível. Terrível assim, muito cheia de energia. Eu não gostava de fazer o que me mandavam. Até hoje, liberdade, para mim, acho que é o dom, é a coisa mais importante que temos. Os ciganos foram muito explorados nas cidades da Romênia. Quantos ciganos não mataram em campos de concentração também? Mataram os padres católicos também. Não foram só judeus não. Por isso digo o seguinte: o ser humano, hoje em dia, tem que ter muita tolerância. Muita paciência e generosidade. Toda paciência que a gente tem hoje é pouca. Olhar, vendo; comer, sentindo o gosto do que você está comendo. Tocá-lo, você estar presente em tudo que faz. Hoje em dia, ou se está na televisão, ou no computador, ou no celular. Você fala e as pessoas não ouvem, estão distraídas, com pensamento em outras coisas.

O que acha da tecnologia?

A tecnologia é maravilhosa, porque ajuda muito o ser humano. Por outro lado, está destruindo algo essencial que é o sentir, a alma. Hoje se esquece da alma, do pensamento. Não quero saber de máquinas porque não me dou com elas, mas as máquinas também não se dão comigo (risos). Hoje estamos precisando do toque, sentir a proximidade, sentir o calor. A voz, o encanto do olhar, olho no olho, porque você olha sem ver. Se eu olho, às vezes, sem ver, é porque eu não quero ver. Neste momento, conscientemente, os jovens estão muito distraídos com as máquinas. Será que estão virando máquinas?

Você valoriza a liberdade. Assim, não deveríamos nos aproximar da juventude de uma forma amorosa? Com menos críticas?

Sim e é isso que tento. Meu trabalho é justamente esse. Veja, quase morri em um acidente há um ano, aliás, eu fui e voltei. Eu senti uma sensação muito estranha. E eu voltei e ouvi a voz de Deus “_Você está voltando, não vai morrer ainda, porque não terminou suas missões”, e, realmente, depois desse acidente, eu sei que estou preparada, no momento que a morte vier, veio. Esse trabalho que estou fazendo, é algo muito importante para mim, o acabamento de uma das minhas missões. Sabe o que me falou, ontem, uma menina que acabara de assistir à *performance* “_Olha, eu não gostava da velhice, eu não aceitava, mas depois que eu vi você... Sabe, eu gosto, eu quero ficar velha, eu quero te ouvir.” Gosto da velhice! Para mim, isso, é muito grande, importante, chega ao coração!

É o retorno de sua obra

O retorno, exatamente. Então, vejo tudo em outra dimensão, eu sinto e penso muito diferente.

Takao Kusuno em um texto aponta que a fisiologia é um empecilho para que o dançarino se expresse livremente e que transgredir ou superar esses limites é a tarefa do dançarino em seu ato criativo

Mas sabe o que é? Conforme você envelhece, se transforma, não só espiritualmente, mentalmente, corporalmente. Você procura outros caminhos, você cria e começa outros movimentos, encontra outras possibilidades e outras impossibilidades, também. Assim, você tem que tentar essas impossibilidades até torná-las possíveis e positivas. Dar sua potência ao máximo. Quando se é jovem, há energia, movimentos, técnicas. Considero que a beleza da vida é isso também, que você vai se transformando e se adaptando às circunstâncias e encontrando novas maneiras de se expressar, de se movimentar, de criar, de repensar tudo.

Lembrando o que você ouviu, parece que todo mundo quer fugir do envelhecimento.

Não dá. Por exemplo, conheço uma senhora que não quer envelhecer. Deve ter, talvez, uns sessenta e tantos anos, mas se veste como uma adolescente. Fez mil plásticas. Está perdendo a beleza que existe no envelhecimento. A experiência da vida. Então, está sempre triste, em eterna depressão, porque não tem os vinte e poucos, trinta e poucos anos que gostaria. Cada idade tem sua beleza!

O texto de Kusuno traz que com o envelhecimento, o bailarino tem que ter, sim, a técnica como instrumento e como base da transgressão e superação das limitações do corpo.

Sim, você precisa de toda movimentação, todos os exercícios que você faz, a dança seja que tipo for, moderna, clássica, contemporânea, flamenco, afro, expressionista, o butoh, o movimento é

fundamental! Eu sempre procurei uma linguagem que não precisasse de muito texto falado, de me expressar sem muitas palavras.

Foi nesse momento que você encontrou o butoh. Nesse caminho...

Toda a vida procurei isso. Para mim foi muito difícil, porque sempre fui muito extrovertida e ao mesmo tempo tímida, no palco. Fazia mil coisas de dança, de exercícios, ginástica sueca, luta, esgrima, nadava, remava, andava a cavalo. Isso também me ajudou. Durante minha recuperação do acidente que sofri há um ano, a fisioterapeuta afirmou que se meu corpo não estivesse já preparado, eu não teria me recuperado tão rápido. Esse preparo me ajudou e salvou!

Você não considera que o prazer também deve estar presente? Não exercitar-se só para manter-se saudável, como uma obrigação.

O amor, na verdade é o amor puro. Tudo temos que fazer com amor. Até lavar um copo, um talher, o que for, porque se você não faz com amor e com gosto, melhor você não fazer. O corpo, sua mente, sua vontade, de alguma maneira, você se projetar e ter o prazer e realizar com amor.

De que forma superar essa “culpabilização” impingida, especialmente no envelhecimento? Se você não faz ginástica ou não se alimenta bem torna-se “culpada”!

Não, não tem que ter culpa. Eu entendo que qualquer atividade, se puser a alma, o corpo, alimentação, estar muito em contato com a natureza. Você sabe, quando estou aqui em São Paulo, estou bem, mas eu sinto muita falta do meu jardim, dos meus bichinhos, da natureza. Olhar o céu. Lá em Tiradentes, você olha e vê as nuvens barrocas, que me falam, eu leio na natureza e sinto coisas maravilhosas. Vejo danças nas nuvens,

nas folhas das árvores com o vento. É um prazer. A felicidade é feita do quê? De pequenas coisas. Seria muito chato se você não tivesse percalços básicos (risos). A felicidade é um átimo!

Temos que aprender a “nos ouvir”, saber o que nos desperta prazer, até para saber o que nos basta e o que nos faz feliz.

Sim, o que nos faz feliz. Para ser feliz, na verdade, precisamos de tão pouca coisa. Temos que saber aproveitar a vida, porque a vida é linda. Tem suas coisas, é perigosa, mas a gente tem que passar por esses perigos. Deus não manda as coisas por mandar. Gosto de citar Nietzsche na ideia de que ninguém pode construir em teu lugar as pontes que você precisa passar, para atravessar o rio da vida - ninguém, exceto você, só você. Nós mesmos que temos que fazê-lo, não se pode esperar que alguém faça por você. Temos que aprender a ouvir o silêncio, ele é mágico como a vida. É nosso mestre!

Aqui também temos a relação entre arte e vida. Viver é uma arte, certamente. Estamos todo o tempo improvisando. O que falo é o que vai na minha cabeça. Eu gosto das surpresas. Eu gosto dos desafios, como quando desenvolvi um trabalho com religiosos, sobre a “Conscientização do corpo na liturgia”, com padres e freiras, desde 1987. Ou ainda meu último trabalho em 2004, em um mosteiro dos padres capuchinhos, em Hidrolândia, Goiás. Ou nos anos setenta quando, na baixa da do Glicério aqui em São Paulo, realizei algumas ações com catadores de papel, da rua.

E esse trabalho do corpo e liturgia, como era? Essa questão do corpo na igreja é complexa. Na idade média, os religiosos consideravam o corpo um saco de lixo e, neste trabalho, percebi a necessidade de desenvolver a maturidade com

aqueles religiosos. Perder o medo do toque, de tocar o outro. Não precisa entrar o sexo, apenas os sentidos, dar um abraço. Afinal se você não se ajuda, como pode ajudar o outro? Você sabe, quando eu era pequena, queria ser freira. Quando contei isso a uma religiosa que participava desse trabalho ela disse “_Ainda bem que você não foi, Dorothy, senão como você poderia estar nos ajudando agora? Você estaria no meio da gente” (risos)

Assisti a uma performance sua em uma igreja em Tiradentes. Uma homenagem à Nossa Senhora do Rosário, linda!,

Foi, foi uma homenagem mas no início o padre não queria. No início inventou mil coisas. Até que afirmei que jamais faria algo que desrespeitasse o espaço da igreja. Mas foi algo bem pequenininho, mas é importante poder transmitir os sentimentos.

Mas lindo, você trazia lírios nas mãos...

Sim e depois o padre gostou muito e até me convidou para fazer outros trabalhos e eu já disse que é só chamar (risos). Gosto de ações com as crianças, com a comunidade. Me sinto viva! Sentimos a vida!

Dorothy, voltando, para questão do corpo, particularmente, o corpo que envelhece...

Tem que exercitar o corpo como exercita a cabeça.

Mas, para esse exercitar cada um pode encontrar seu próprio caminho.

Sim, claro. Uma caminhada, subir e descer uma escada, mas fazer isso conscientemente, respirando, olhando o céu, a natureza, as árvores. Você não acha que as árvores parecem esculturas de Deus? Uma vez, comecei a fotografar árvores,



plantas, o céu, se perceber bem tudo tem vida, muito especial! Então, tudo que sente, o ar que você respira junto com a sua natureza, tudo ajuda sua criatividade, sua percepção se amplia.

Voltando a Nietzsche “... a vida como uma obra de arte.”

Uma obra de arte... Viver é uma arte, a “Arte de viver”.

Temos hoje imputado aos velhos, a necessidade de serem ativos. No entanto, o ser ativo pode adquirir diversas formas...

Sim, sim. Pode ser até deitado na sua cama, sentado na poltrona... Em qualquer lugar (risos) Deixe a alma crescer e desenvolver ...!

Outra questão que você aponta é o respeito ao próprio ritmo.

Claro! Mas a gente tem que respeitar o próprio ritmo, assim como tem que respeitar o ritmo do outro. Tem que haver essa troca de energias, porque eu só entendo a vida assim.

Sem modelos prontos impostos!

Isso mesmo, não precisa. Cada um faz do seu jeito. Cada um encontra sua maneira de expressar-se. Cada um encontra sua maneira de exercitar-se. Porque quando alguém impõe “_Você faz assim! Você vai fazer assim!” Não. Não! “_ Eu posso assim” Você tem que usar o que pode e, também, respeitar o que você não pode. Mas, veja respeitar-se mas, não deixar de tentar, superar-se. Aquilo que acha ou considera que não consegue, tente! Tente para ver se consegue!

Perceber os limites.

Exato, os limites, porque tudo tem um limite. A alegria, a tristeza, o amor, a vida, até o respirar tem, tudo tem limite.

Você nos contou que tem recebido belas respostas do público em suas apresentações.

Tenho, por isso digo ser uma das minhas missões.

Dentro de sua perspectiva, quais caminhos possíveis para aproximarmos os jovens da ideia do envelhecimento quebrando preconceitos, de uma forma natural?

Em geral, percebo que o jovem tem muito pouco, não, pouquíssima paciência com o idoso, em geral, na vida. Há, é claro, os que respeitam, mas a maioria não. Vemos isso facilmente nas ruas, parece que há medo. Precisamos de mais amor, paciência, tolerância e respeito!

Uma forma é compartilhar sua vivência e experiências, como você faz.

Sim, a minha vivência, exatamente! Encontro jovens que dizem “_ Ah, Dorothy, eu quero, quando chegar a sua idade, ser igualzinha a você!”. Eu respondo “_É só você trabalhar, querida, e se trabalhar e trabalhar, e ajudar os outros. É importante você ajudar, porque você



“... a vida é uma troca constante. E, muitas vezes, precisamos, também, ficar sós para refletir a vida!”

ajudando o outro, você está se ajudando”. Tudo é uma troca. Você ensinando, está aprendendo.

Você considera que temos perspectivas de mudança desse olhar para o envelhecimento?

A arte pode ajudar nessa mudança?

Acho que sim, pelas respostas que recebo. Você tem que mexer com a cabeça e com a alma das pessoas. Parece que todos esqueceram que têm uma alma. A criança que temos dentro de nós, temos que alimentar, cuidar dela, preservá-la.

Mas é difícil ser autêntica?

É (risos). Temos que ter autenticidade em tudo que fazemos mas, é importante termos baixos e altos, tentações, para você ficar forte, para você enfrentar o que vem pela frente.

A arte te fortaleceu?

Muito. Agora vou te dizer, tem que ter esse amor dentro de você para examinar bem o que você realmente quer, porque há pessoas que não sabem realmente o que querem. Eu não sei viver sem arte e sem criatividade.

E o corpo? Você diz que é um veículo.

Sim, o corpo é tua casa, que está te abrigando, seu pensamento, sua energia, a sua alma.

Você tem que saber da sua potência, também.

Tem que cultivar. Temos tudo isso, mas não cultivamos e há um certo momento que acontece um choque. Tantos choques que tive na vida e estou aqui viva. Estamos vivos, vivos!

E cada um tem o seu caminho.

Sim, sim. Cada um tem seu caminho.

Você é seu percurso, aos 85 anos.

É, quase 85 anos (risos). Com todas as crises pelas quais passei, que os outros passaram, porque não deixamos de viver, também, as crises daqueles que vivem juntos conosco, por mais que você queira. É uma troca, a vida é uma troca constante. E, muitas vezes, precisamos, também, ficar sós para refletir a vida!

Nossa vida é feita de conexões, uma tessitura.

Uma rede... e nós somos todos iguais. O que interessa é comunicar-se, entender os outros. E ajudar e te ajudar, você tem que se ajudar e ajudar o outro, saber se doar!

Essa é outra questão. Você pode construir sua vida como bailarina, atriz mas, também, no anonimato.

Você pode e você deve, porque tudo é arte, se você quer saber. Tudo é arte. A natureza é arte, você quer coisa maior do que as esculturas de Deus? Tudo é arte, tudo. A arte de viver.

Para encerrar este encontro, você gostaria de dizer algo mais?

Sim. Seja autêntico! Ser autêntico e viver a vida com prazer, com alegria, com paciência, tolerância e generosidade. Cada um descobre por si como fazê-lo. Nesse momento, o mundo está muito doente. Precisa de amor e tudo que fazemos, devemos fazer com amor. É isso! Seja feliz, sejamos felizes! Estamos vivos! Amém! ☺



FOTOGRAFIA

Faz parte!

Perto da natureza envelhecer não é tornar-se inútil. Não é preparar-se para o descarte. É diminuir o ritmo e aceitar limites. /por **João Farkas**



Em Diadema, SP



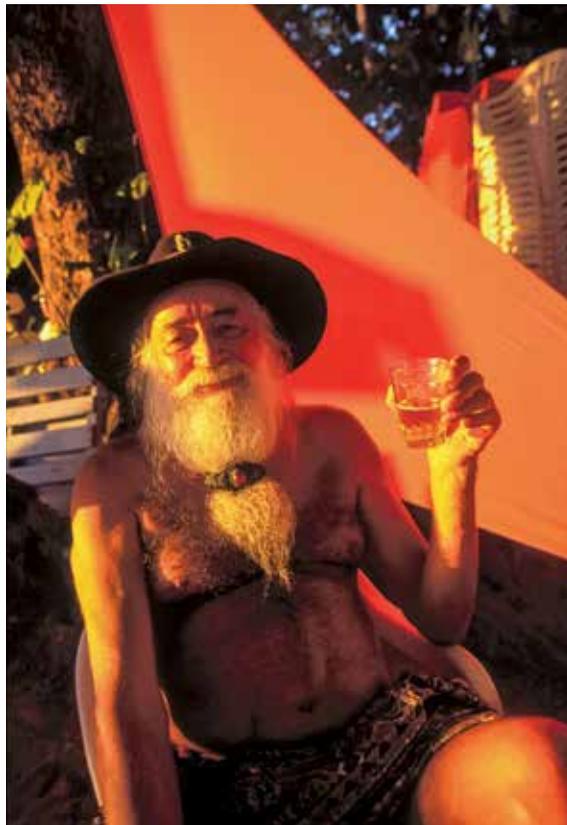
Interior de SP



Seu Antônio, Trancoso, BA



Ensinando a reconhecer as ervas



Na beira da praia. Itapoã, BA



Seu Quintão, Trancoso, BA

RAIO-X

João Farkas

Nasceu em 1955, em São Paulo, Brasil

Graduou-se em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Sua formação como fotógrafo deu-se no ICP - *International Center of Photography* e na *School of Visual Arts*, em Nova York.

Trabalhou como correspondente fotográfico para diversas revistas como *Veja* e *Isto é*. Foi colaborador e teve trabalhos publicados na imprensa brasileira e internacional.

Seu trabalho-documento “Retratos da Ocupação da Amazônia” recebeu a bolsa *Vitae* e o Prêmio Aberje em 1988 e foi publicado pela Editora Madalena/Edições Sesc em 2015. De Trancoso ao Espelho da Maravilha” serviu como base para publicação de dois livros: “Museu Aberto do Descobrimento”, “Nativos e Biribandos” e foi publicado em 2016 pela Editora Cobogó.



Enedino consertando telhado. Trancoso, BA 1984



Dona Julia, Trancoso, BA



Depoimento
João Farkas, Fotógrafo,
61 anos.

A vida tem me levado a viajar muito e ter bastante contato com comunidades rurais. No litoral da Bahia, na Amazônia e no centro-oeste, no interior de São Paulo, Minas ou Paraná o que sempre me chama a atenção é que se envelhece com mais dignidade.

Às vezes com muito menos recursos, em situações mais despossuídas, mas com pertencimento. Com integração com o entorno e com maior grau de aceitação pela comunidade, envelhecer faz parte da vida.

Os velhos envelhecem como as árvores crescem, os rios mudam de curso, as marés se alternam e os animais morrem. Perto da natureza envelhecer não é tornar-se inútil.



Em Araongas, PR

Não é preparar-se para o descarte. É diminuir o ritmo e aceitar limites que às vezes vem junto com sabedoria, às vezes com graça. Minha impressão geral é que junto à natureza envelhecer é... natural! Faz parte.

Talvez um dos motivos disto seja que nestas comunidades o sedentarismo praticamente inexistente. Assim como nas cidades, aqueles que se mantêm ativos e cri-ativos nos passam uma sensação de vitalidade superior aos que simplesmente abandonam o barco da vida.

É preocupante que nos últimos 60 anos o Brasil deixou de ser uma sociedade



Seu Pedro Palma, Trancoso, BA

predominantemente rural, não apenas na divisão dos habitantes, mas principalmente na configuração da "alma" e dos valores nacionais. Muita coisa se ganhou, mas muita coisa se perdeu. Uma delas foi o espaço de convivência, aceitação e respeito ao outro, à natureza e ao nosso próprio envelhecimento.

Cuidar da velhice, conviver naturalmente com ela, encontrar o papel dos que estão mudando de ritmo é tarefa humanizadora das mais fundamentais numa sociedade que se brutaliza pelo imediatismo, pelo culto à aparência e ao sucesso, caminhando para a intolerância do que é verdadeiro.



Francisco Grande e Sra. Mestre dos caminhos de Trancoso, BA



Na rua em Nova York, EUA



PAINEL DE EXPERIÊNCIAS

Cá entre nós – encontro entre unidades, uma experiência de protagonismo da pessoa idosa no Sesc São Paulo

por Sandra Regina Feltran e Ricardo Silvestre

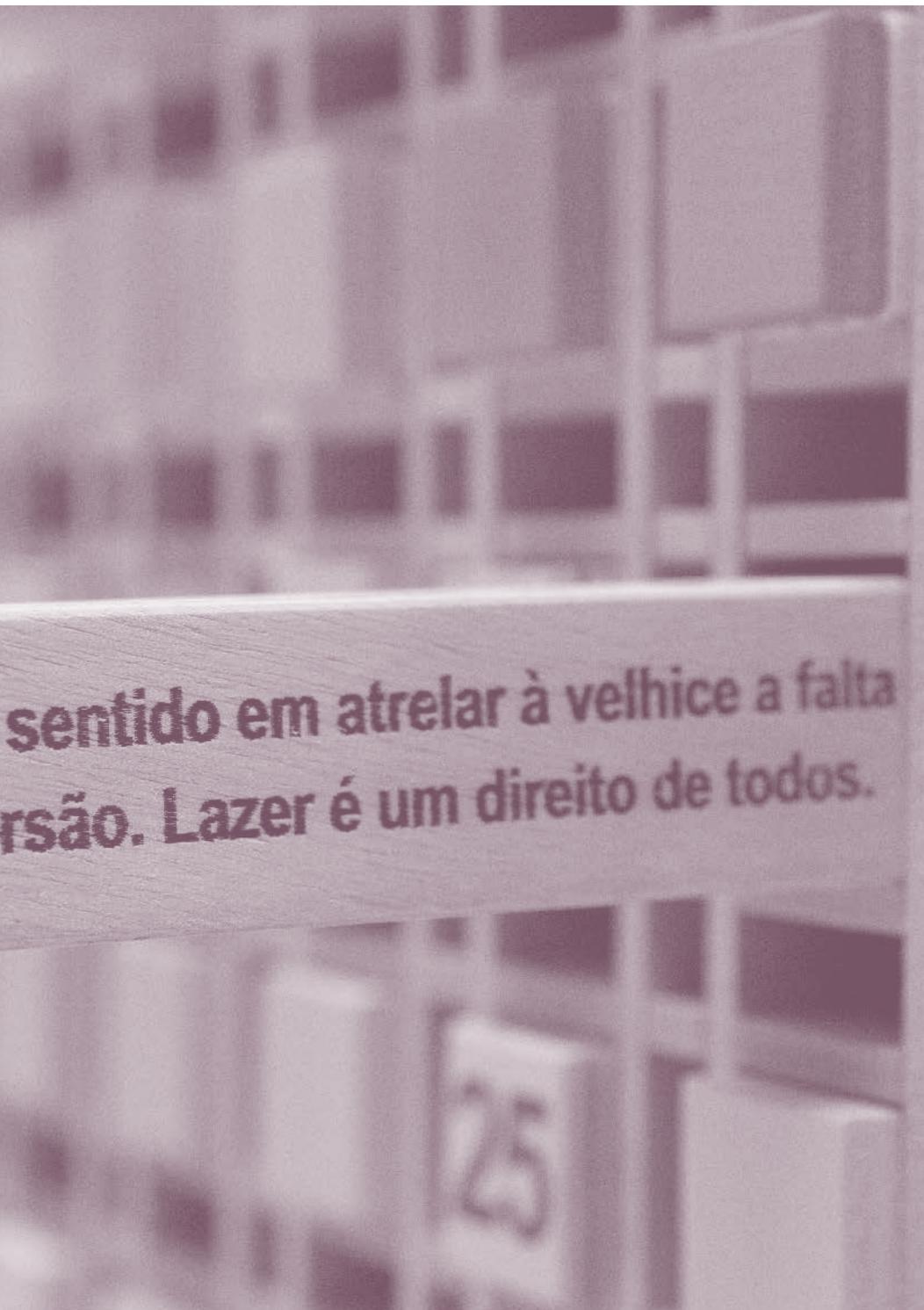


INTRODUÇÃO

Protagonista é aquele que desempenha o papel principal, que assume o comando da cena. Trazendo a terminologia para a realidade cotidiana, protagonista é o sujeito que, de maneira ativa, imprime singularidade na construção de sua trajetória, contribuindo com as relações entre os indivíduos e com o meio em que vivem. Ser protagonista é também criar novos caminhos e possibilidades em conjunto com o outro, levando em consideração que cada indivíduo possui características próprias que poderão ser otimizadas quando trabalhadas junto à coletividade.

O “Cá Entre Nós” é um projeto em que idosos que frequentam as Unidades Operacionais do Sesc São Paulo participam ativamente da criação, planejamento, elaboração e construção de um evento. Em cada uma das edições, a Unidade anfitriã recebe os participantes de outras





RAIO-X

Sandra Regina Feltran

Graduada em Publicidade pela Universidade Metodista de São Paulo. Assistente Técnica da GEPROS – Gerência de Estudos e Programas Sociais do Sesc São Paulo.

sandrafeltran@sescsp.org.br

Ricardo Silvestre

Mestre em Gerontologia Social pela PUCSP. Assistente Técnico da GEPROS – Gerência de Estudos e Programas Sociais do Sesc São Paulo.

rsilvestre@sescsp.org.br

Painel de experiências

Cá entre nós – encontro entre unidades, uma experiência de protagonismo da pessoa idosa no Sesc São Paulo

três unidades e apresenta atividades de variadas áreas e linguagens, contribuindo para a troca mútua de saberes e experiências, ampliação de repertório e interação entre os idosos.

METODOLOGIA

Tendo como pressuposto a educação como dispositivo de transformação social, o Sesc São Paulo tem oferecido aos velhos espaço de aprendizado e sociabilização, a experimentação de linguagens artísticas, de trabalho corporal e ações em diferentes campos da cultura.

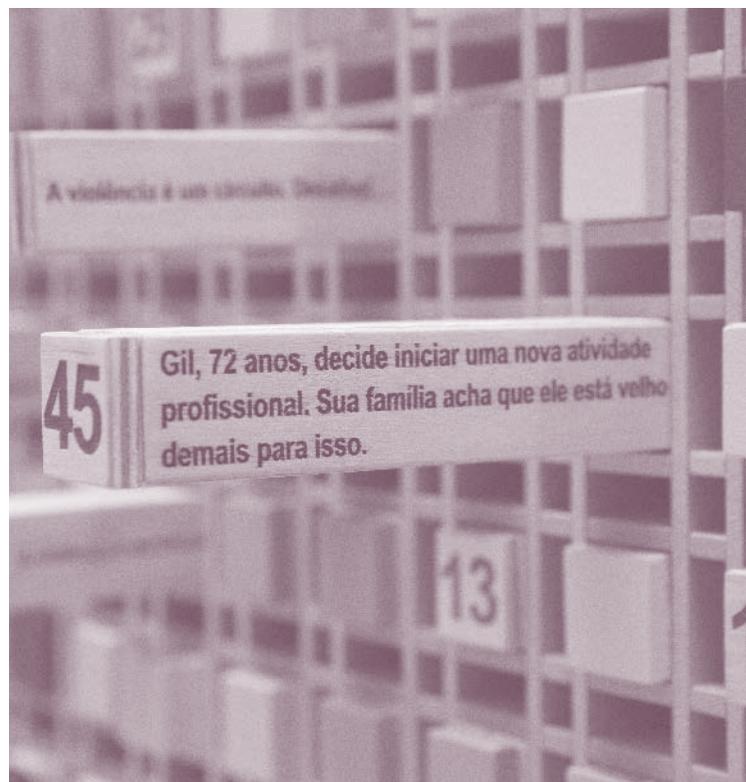
A proposta “Cá entre nós – encontro entre unidades” teve início no segundo semestre de 2015 como metodologia para propiciar ao público idoso, que participa das ações do Sesc São Paulo no *Programa Trabalho Social com Idosos (TSI)*, o exercício do protagonismo por meio da criação, organização e produção de evento sociocultural.

O Trabalho Social com Idosos é um Programa de educação não formal, está fundamentado, atualmente, em *diretrizes*: basear a ação em diagnóstico; promover a cultura do envelhecimento por meio da valorização da pessoa idosa; praticar a autonomia e a alteridade; enfatizar ações humanizadas e humanizadoras; trabalhar a transversalidade; e nos *objetivos*: propor ações sobre projetos de vida; sociabilizar; refletir sobre envelhecimento e longevidade; construir conhecimentos; desconstruir estereótipos e preconceitos; promover a saúde; incentivar o protagonismo; incentivar relações intergeracionais.

Cada ação do programa é norteada por uma *diretriz* e um *objetivo principal*. No caso do projeto “Cá Entre Nós”, todas as edições realizadas até agora foram embasadas pela prática da autonomia e da alteridade (diretriz) e pelo incentivo ao protagonismo (objetivo).

Para viabilizar o projeto “Cá entre Nós”, as unidades operacionais foram organizadas e divididas em grupos, tendo como princípio para facilitação de logística, sua localização geográfica. A cada edição do projeto, uma Unidade de um grupo será a anfitriã do Encontro, de modo que voltará a sediá-lo novamente depois de três semestres. Assim, o Regional São Paulo tem realizado oito encontros em cada semestre.

Para dar início ao processo, a Unidade anfitriã, por meio do técnico que é referência do TSI, faz um convite aos idosos que frequentam as atividades do programa na Unidade, para participarem do projeto. Na primeira reunião com o grupo de interessados, o técnico informa as características e objetivos da proposta, oferecendo liberdade plena de criação.



O técnico, que assume a função de mediador durante todo o processo, deverá incentivar a proposição de atividades em diversos formatos e linguagens. Importa enfatizar que as atividades devem contribuir para a troca de saberes e experiências, reflexões e aprendizado. Na ocasião, destaca-se, também, que os idosos assumirão papel que normalmente é de um técnico – o de programar atividades para um público específico – esperando que, a partir de então, o grupo tenha uma mudança de perspectiva sobre o trabalho desenvolvido.

Tendo como finalidade incentivar o protagonismo, os profissionais atuarão como facilitadores, evitando ditar ou definir atividades e/ou temas, delegando ao grupo, assim, responsabilidade e autonomia. A mediação é um instrumento importante que, certamente, contribui para que o objetivo do encontro seja alcançado.

Os Encontros poderão ter a duração de um dia inteiro ou meio período, conforme definição do grupo proponente, em consonância com a Unidade anfitriã e, também, em função de sua capacidade de atendimento e infraestrutura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os 16 encontros realizados até agora foram exitosos em muitos aspectos: a participação efetiva dos idosos durante todo o processo, o envolvimento das várias equipes das Unidades, e não somente a de programação, a comunicação entre todos os envolvidos. Todas as programações incluíram atividades dos três eixos classificatórios adotados para o TSI, a saber: Arte e Expressão; Corpo e Movimento; Sociedade e Cidadania.

Em média, as comissões organizadoras foram formadas por 10 pessoas, predominantemente mulheres, o que já era esperado, pois o número de mulheres supera o de homens nas atividades

de caráter sociocultural. O projeto contou com a participação de mais de 2.300 idosos até a sua última edição, no ano de 2016.

CONCLUSÕES

Neste um ano de realização do projeto, pode-se concluir que o objetivo de incentivar o protagonismo dos idosos, principalmente aqueles que fizeram parte da comissão organizadora, foi atingido. Muitos idosos que somente participaram das atividades no dia do Encontro ficaram motivados a se inserirem na comissão na próxima oportunidade.

O Sesc São Paulo quer dar continuidade ao projeto por tempo indefinido e recomenda que as Unidades fomentem o protagonismo da pessoa idosa não somente na elaboração e execução desse Encontro mas, também, no desenvolvimento da programação regular das atividades voltadas aos idosos. Entende-se a importância que a participação ativa extrapole os muros da instituição já que o intuito maior é valorizar socialmente o idoso no exercício pleno de sua cidadania. ☺



A mediação é um instrumento importante que, certamente, contribui para que o objetivo do encontro seja alcançado.



RESENHA/LIVRO

Memória e esquecimento. *Uma velhice em favor da vida*

por Silvana Tótora



Nietzsche, em seu livro *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagens da história para a vida*, constrói uma cena em que um homem contempla um rebanho a pastar, imerso em sua ignorância do tempo, entregue ao prazer e ao desprazer do instante. Por não terem lembranças, os animais não sofrem nem de melancolia, nem de enfado. Ao invés de se vangloriar de sua humanidade diante deles, o homem olha invejoso



A Grande Beleza (La Grande Bellezza)

Itália/França. 2013



A Juventude (La Giovinezza)

Itália/França/Suíça/Reino Unido. 2016

Diretor: Paolo Sorrentino

Paolo Sorrentino. Nasceu em 1970 em Vomero - Nápoles/Itália - é cineasta e roteirista.

RAIO-X

Silvana Tótora

Professora do Departamento de Política do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais e do mestrado em Gerontologia da PUC/SP

para sua felicidade. Ele gostaria de gozar desse prazer sem melancolia ou dor. O animal, em razão de sua constituição específica, vive as sensações do momento e desconhece o tempo ou qualquer distância crítica propiciada pelo saber que lhe facultaria julgar, diferenciar, escolher ou deliberar. Sua memória são tão somente as sensações de prazer e desprazer. Assim também vivem as crianças, que brincam nas fronteiras do passado e do futuro.

O que Nietzsche inveja nos animais é sua felicidade desprovida de qualquer temporalidade. Eles não distinguem o ontem do hoje ou do amanhã. Por isso não sofrem por sua finitude ou incompletude, tampouco se refugiam em ideais de permanência. A melancolia é própria do humano e de um modo específico de se experimentar a realidade temporal: ora se atrasa no tempo e se chega tarde demais, ora se encontra à espera de algo que nunca chega. Acha-se, neste caso, sempre em defasagem e, portanto, fora do tempo.

Os humanos que se privam de uma arte de lidar com sua temporalidade ou de qualquer presente se veem, muitas vezes, jogados numa sucessão de imperativos em estado de urgência permanente, sem nenhuma expectativa ou horizonte. É contra isso que se lança o filósofo. E assim, a despeito de parecer que almejaria trocar sua condição humana de vivência temporal pela experiência a-histórica dos animais, ele nos lança para uma análise da história e da finitude em favor da vida. De que maneira podemos, como humanos, enfrentar nossa finitude sem fuga ou nostalgias de uma origem ou finalidade fora do tempo? Ou então, como estar no tempo sem uma adesão estúpida aos valores do presente, sem estar imersos num prazer destituído da invenção artística de um novo possível? Como estar no tempo mas, ainda assim, contra o tempo e num

tempo por vir? Esse é o desafio que nos lança o filósofo no livro mencionado.

Temporalidade, finitude, memória e esquecimento são temas caros à velhice. E por que seria a velhice mais sensível a esta dimensão humana? Não podemos responder a esta questão com uma generalidade afirmativa, porque na cultura atual do *longeviver* propaga-se um *modus vivendi* de prazer e felicidade sem a espessura da vida. E vida, segundo a concepção que adotamos, é potência de existir, *experimentum* de uma força plástica para criar, a partir de si mesmo, modos de vida singulares.

Porém, quando se trata da arte – seja na literatura, seja no cinema –, constituem os personagens em sua velhice os protagonistas das cenas em que a vida, no sentido referido, e sua temporalidade são retratadas.

Atemo-nos nesta resenha a dois filmes recentes do cineasta italiano Paolo Sorrentino: *A grande beleza* e *A juventude*. Ambos são protagonizados por velhos. No primeiro, Jep Gambardella é um escritor de 65 anos que escreveu um único romance na juventude e não encontra inspiração para escrever outro. No segundo, Fred e Mick são dois velhos amigos de aproximadamente 80 anos. Fred é compositor e maestro aposentado e Mick é um cineasta ainda em atividade. Todos eles às voltas com uma história que se defronta com o passado e o presente, a memória e o esquecimento, combinados com uma falta de perspectiva para o futuro. Esses velhos se põem como uma espécie de consciência crítica de seu tempo presente, a saber, da sociedade atual, em que uma parcela de privilegiados economicamente se entrega às frivolidades e aos prazeres sem horizontes. Eles não deixam de estar envolvidos no *niilismo*, porém não sem um incômodo. Por *niilismo* entendemos, com base em Nietzsche, a combinação ambivalente entre um



Se a velhice nos afeta em relação à finitude, torna-se imperioso fazer da memória e do esquecimento uma arte a serviço da vida.

sintoma de decadência e aversão pela existência e a expressão de um aumento de força para dar início a um novo começo.

Jep, personagem central de *A grande beleza*, nutre-se do prestígio adquirido por seu romance escrito na *juventude*. O passado torna-se uma presença inseparável do presente. Ele vive em Roma, num apartamento de cobertura com vista para as ruínas do Coliseu. Passa suas noites em frenéticas festas regadas a álcool e cocaína, frequentadas por mulheres e homens de meia-idade ou já na velhice. Todos são ricos de bens e dinheiro, mas pobres de vida. As cenas das festas são intercaladas por longas caminhadas solitárias de Jep pelos monumentos de um passado glorioso de Roma. As histórias de Jep e de Roma se misturam: um passado conservado em ruínas e um presente sem perspectivas. Como espectador de uma história monumental, Jep não é capaz de repetir o gesto criador desse passado em ação no presente a favor da vida. Tudo cheira a mofo e decadência. As festas desenham um serpentear de repetições que não levam a lugar nenhum.

Em *A juventude*, Fred e Mick desenvolvem longos diálogos permeados por recordações de paixões de juventude entrecortadas por esquecimentos. Fred é acometido de uma apatia e recusa-se a reger uma de suas composições mais famosas. Ele não pode repetir as disposições afetivas que o levaram a compô-la para sua esposa. Mas em uma das cenas um tanto inusitadas, quando

contemplava solitário um rebanho a pastar, ele se põe a regê-lo, produzindo uma sinfonia da natureza circundante. Nesse momento, ele experimenta sua força plástica de criar algo a partir de si mesmo e, por isso, vivencia uma alegria única.

A temática de um intelectual ou artista em luta com sua condição atual de perda de inspiração, ou de uma esterilidade poética, é uma constante em inúmeros cineastas. Destacamos o clássico de Federico Fellini, protagonizado por Marcello Mastroianni, *Oito e meio*. Por sua vez, a crítica à sociedade do espetáculo, construída sobre as bases fugazes da fama e da busca insaciável por prazeres, também foi tema de outro clássico de Fellini, *La dolce vita*. Há ressonância entre *A grande beleza* de Sorrentino e os dois filmes de Fellini mencionados. A novidade do primeiro foi trazer um velho como personagem central, dando-nos a possibilidade de discussão sobre a relação, nada tranquila, entre as faculdades da memória e do esquecimento.

Seguindo as sugestões de Nietzsche, não se trata de uma escolha entre o animal e o humano, entre a temporalidade e sua ausência, ou entre a memória e o esquecimento, mas de tomá-las como necessárias à saúde de um indivíduo, povo ou cultura. Se a velhice nos afeta em relação à finitude, torna-se imperioso fazer da memória e do esquecimento uma arte a serviço da vida. Esse é o percurso que faremos, apoiados no filme *A grande beleza*.

As marcas do passado, por meio dos seus feitos grandiosos materializados nos monumentos, em esculturas e pinturas de grandes personagens conservados em museus, povoam todas as cenas do filme de Sorrentino. Alguns personagens, com presença significativa na trama construída para Jep, carregam no nome a glória da cidade, como a *stripper* de 42 anos de nome Romana e o poeta chamado Romano. Ambos estão deslocados do ambiente em que atuam e insistem num papel que não conseguem mais desempenhar. Como uma mulher de 42 anos pode querer concorrer com jovens polacas de 20? A poesia de Romano não tem uma escuta de seus amigos, que apenas o prestigiam sem entusiasmo. Ora, não se vive do prestígio da história passada. É preciso atualizar no presente a força de agir e criar que lhe trouxe a grandeza.

A sociedade do espetáculo materializa-se no desfile infindável, sem emoção, de imagens captadas pelas lentes da máquina fotográfica, e chega ao paroxismo com as *selfies* dos celulares. A história romana restringe-se a matéria de registro fotográfico pelas lentes dos turistas, e as colunas de um tempo de realização artística servem de suporte para a exposição de um pretensão artista que as cobre com *selfies* tiradas diariamente ao longo de mais de uma década. Ah, quão enfadonho é esse desfilar de *selfies*! Em uma cena, Jep retira-se após a oferta de uma de suas aventuras noturnas, uma bela e rica mulher, de mostrar-lhe as *selfies* que tira para, segundo ela, conhecer-se melhor. Ele admite ser a velhice um momento em que se deve poupar a si mesmo de coisas desagradáveis.

Nada parece interessar a Jep, exceto o sonho, sem sono, projetado no teto de seu quarto. Nele mergulha o olhar e se movimenta no mar aberto. E é nesse mar de sonhos que recorda um feliz momento de juventude. Ele emerge do mar com

sua aparência de juventude e avista uma bela jovem com a qual experimentou pela primeira vez o amor. Ora, como poderia interpretar algo grandioso no passado quem não vivenciou algo maior e mais elevado do que tudo em sua vida? Jep não mais escrevia porque estava desencantado, em meio a um cenário carregado da beleza dos monumentos do passado, mas inacessível aos contemporâneos que se limitavam à contemplação sem a potência de agir em favor da vida presente. Mas como visualizar a beleza sem uma vivência bela?

O filme sugere, na cena final, que a grande beleza – como vivência necessária à potência de criação – não seria a recordação nostálgica da juventude, mas uma atualização no presente do afeto que desencadeou a criação. Sem amor-paixão, nada se produz de novo. A intensidade experimentada em um dado momento da existência pode ser afirmada e repetida infinitas vezes. Ora, isso é a vida! Ela é eterna em sua experimentação de novos possíveis, como diria Nietzsche. E Jep retoma sua inspiração na velhice quando é atingido pela vida e a experiência do amor. Relembrar o passado exige uma força plástica que cresce singularmente a partir de si mesmo e, somente assim, torna-se capaz de selecionar e promover a potência de criação e conformação de uma vivência real no presente. É o tamanho dessa força plástica que determina o que no passado obstaculiza o agir no presente e, portanto, precisa ser esquecido, e o que, ao contrário, poderá ser lembrado. ☺

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS REVISTA MAIS 60: ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO

A revista *mais 60: estudos sobre envelhecimento* é uma publicação multidisciplinar, editada desde 1988 pelo Sesc São Paulo, de periodicidade quadrimestral, e dirigida aos profissionais que atuam na área do envelhecimento. Tem como objetivo estimular a reflexão e a produção intelectual no campo da *Gerontologia*, seu propósito é publicar artigos técnicos e científicos nessa área, abordando os diversos aspectos da velhice (físico, psíquico, social, cultural, econômico etc.) e do processo de envelhecimento.

NORMAS GERAIS

Os artigos devem seguir rigorosamente as normas abaixo, caso contrário, não serão encaminhados para a Comissão Editorial.

- Os artigos não precisam ser inéditos, basta que se enquadrem nas normas para publicação, que serão apresentadas a seguir. Quando o artigo já tiver sido publicado deve ser informado em nota à parte sob qual forma e onde foi publicado (Revista; palestra; comunicação em congresso etc.)
- Ao(s) autor(es) será(ão) solicitado a Cessão de Direitos Autorais conforme modelo Sesc São Paulo – quando da aceitação de seu artigo. Os direitos de reprodução (copyright) serão de propriedade do Sesc São Paulo, podendo ser reproduzido novamente em outras publicações técnicas assim como no Portal Sesc São Paulo www.sescsp.org.br
- Os conceitos emitidos no artigo são de inteira responsabilidade dos autores, não refletindo, obrigatoriamente, a opinião da Comissão Editorial da Revista.
- Todos os artigos enviados, e **que estiverem de acordo com as Normas**, serão analisados pela Comissão Editorial que opinará sobre a pertinência ou não de sua publicação. No caso de aceitação do artigo, o(s) autor(es) será(ão) contatado(s) pelo correio eletrônico e terá(ão) direito a receber 01 (um) exemplar da edição em que seu artigo for publicado.
- Os artigos devem ser enviados para o endereço eletrônico revistamais60@sescsp.org.br
- Os artigos devem conter enviar uma breve nota biográfica do(s) autor(es) contendo: o(s) nome(s); endereço completo; endereço eletrônico, telefone para con-

tato; se for o caso, indicação da instituição principal à qual se vincula (ensino e/ou pesquisa) e cargo ou função que nela exerce.

- Os direitos de reprodução (copyright) dos trabalhos aceitos serão de propriedade do Sesc, podendo ser publicados novamente e o autor também autoriza disponibilização no sítio www.sescsp.org.br
- Os trabalhos aceitos serão submetidos à revisão editorial e apenas modificações substanciais serão submetidas ao(s) autor(es) antes da publicação.

APRESENTAÇÃO DOS ARTIGOS

- a) Os **ARTIGOS** deverão ser apresentados em extensão .doc ou .docx e devem conter entre 20.000 e 32.000 caracteres, sem espaço, no total. Isto é, incluindo resumo, abstract, bibliografia.
- b) O **RESUMO** deve apresentar de forma concisa o objetivo do trabalho, os dados fundamentais da metodologia utilizada, os principais resultados e conclusões obtidas e conter cerca de **200 palavras**. Deve vir acompanhado por até cinco palavras que identifiquem o conteúdo do trabalho, as palavras-chave.
- c) O **ABSTRACT** também deve conter cerca de 200 palavras e vir acompanhado por até cinco palavras que identifiquem o conteúdo do trabalho, as keywords.
- d) O **ARTIGO** deve conter: Introdução, Desenvolvimento e Conclusão ou Considerações Finais, *não necessariamente com essa denominação*.
- e) As referências bibliográficas, notas de rodapé e citações no texto deverão seguir as normas da *ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas ou as Normas de Vancouver*.
- f) **CATEGORIAS DE ARTIGOS**: Resultados de pesquisa (empírica ou teórica), Relatos de experiência, Revisão de literatura.
- g) **ILUSTRAÇÕES**: As ilustrações (gráficos, fotografias, gravuras etc) devem ser utilizadas quando forem importantes para o entendimento do texto. Pede-se que fotos (mínimo 300 dpi), mapas, gráficos ou tabelas tenham boa resolução visual, de forma que permitam a qualidade da reprodução. As ilustrações deverão ser numeradas no texto e trazer abaixo um título ou legenda, com indicação da fonte/autor.
- h) **FOTOS**: No caso de utilização de fotos (necessariamente em alta resolução, mínimo de 300 dpi) devem vir acompanhadas de autorização de veiculação de imagem do fotografado e com crédito e autorização de publicação do fotógrafo. (Modelo Sesc São Paulo).



O Sesc – Serviço Social do Comércio é uma instituição de caráter privado, de âmbito nacional, criada em 1946 por iniciativa do empresariado do comércio e serviços, que a mantém e administra. Sua finalidade é a promoção do bem-estar social, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento cultural do trabalhador no comércio e serviços e de seus dependentes – seu público prioritário – bem como da comunidade em geral.

O Sesc de São Paulo coloca à disposição de seu público atividades e serviços em diversas áreas: cultura, lazer, esportes e práticas físicas, turismo social e férias, desenvolvimento infantil, educação ambiental, terceira idade, alimentação, saúde e odontologia. Os programas que realiza em cada um desses setores têm características eminentemente educativas.

Para desenvolvê-los, o Sesc São Paulo conta com uma rede de 40 unidades, disseminadas pela Capital, Grande São Paulo, Litoral e Interior do Estado. São centros culturais e desportivos, centros campestres, centro de férias e centros especializados em odontologia e cinema.

CONSELHO REGIONAL DO SESC – 2014-2018

Presidente Abram Szajman

Diretor do Departamento Regional Danilo Santos de Miranda

Membros Efetivos Benedito Toso de Arruda, Carlos Roberto Moreira, Cícero Bueno Brandão Júnior, Eduardo Anastasi, Eládio Arroyo Martins, Euclides Carli, João Herrera Martins, José Maria de Faria, José Maria Saes Rosa, Luiz Carlos Motta, Manuel Henrique Farias Ramos, Milton Zamora, Paulo João de Oliveira Alonso, Roberto Eduardo Lefèvre, Rosana Aparecida da Silva, Wallace Garroux Sampaio

Membros Suplentes Ailton Nunes de Matos Junior, Aldo Minchillo, Alvaro Luiz Bruzadin Furtado, Antonio Cozzi Júnior, Aparecido do Carmo Mendes, Arlindo Liberatti, Arnaldo José Pieralini, Atílio Machado Peppe, Célio Simões Cerri, Dan Guinsburg, Edison Severo Maltoni, João Eliezer Palhuca, Paulo Roberto Gullo, Pedro Abrahão Além Neto, Rafik Hussein Saab, Reinaldo Pedro Correa, William Pedro Luz

REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL

Membros Efetivos Abram Szajman, Ivo Dall’Acqua Júnior,
Rubens Torres Medrano

Membros Suplentes Costábile Matarazzo Junior,
Vicente Amato Sobrinho

mais60

ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO

Volume 27 | Número 66 | Dezembro de 2016

NESTA EDIÇÃO:

Os diversos aspectos da velhice, a experiência do envelhecimento na contemporaneidade, a emergência da gerontologia são temas abordados por Denise Bernuzzi de Sant'Anna no artigo de capa *Velhice: entre destino e história*, que dialoga com as diversas faces da velhice na seção *Ensaio Fotográfico*, produzido por João Farkas.

Experiências com atividades gerontagógicas; Considerações sobre a clínica psicanalítica do envelhecimento no SUS: o CRI-Norte; A psicologia das derradeiras fases da vida; Lata 65 e Projeto Performanciã: arte contemporânea para a terceira idade; Avaliação físico-funcional e social com idosos no Sesc compõem a seção de artigos.

Memória e esquecimento. Uma velhice em favor da vida, resenha apresentada por Silvana Tótora, traz reflexões sobre duas obras cinematográficas de Paolo Sorrentino, *A Grande Beleza* e *A Juventude*.

Uma vivência de protagonismo do cidadão idoso, convidado a idealizar a programação do *Projeto Cá entre nós*, apresentada no *Painel de Experiências*, completa esta edição.

sescsp.org.br

ISSN 2358-6362



9 772358 636002

Baixe grátis essa e outras publicações do Sesc São Paulo disponíveis em



MISTO
Papel produzido a partir
de fontes responsáveis
FSC® C000000